

LEONOR ROCHA

**POVOAMENTO MEGALÍTICO DE PAVIA.
CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA REGIONAL**

**CÂMARA MUNICIPAL DE MORA
1998**

A autora:

Leonor (Maria Pereira) Rocha.

Nasceu em Lisboa em 1965. Licenciou-se em História, Variante Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1992).

Começou a trabalhar no Alentejo desde os primeiros anos da Faculdade, primeiro com o Prof. Doutor Victor Gonçalves e posteriormente com o Dr. Manuel Calado.

A partir de 1994 inicia os seus trabalhos de investigação em Pavia no âmbito da tese de Mestrado que defende em Janeiro de 1996, com a classificação final de Muito Bom.

Presentemente, e na continuação desses trabalhos, investiga a problemática do início do megalitismo nesta área, conduzindo escavações no Monte da Têra e em outros monumentos megalíticos.

Aos meus pais, António e Leonor

SUMÁRIO

Prefácio

Agradecimentos

1. Introdução

2. Metodologia

2.1. Definição da área de estudo

2.2. Prospecção

3. Trabalhos anteriores

3.1. História da investigação

3.2. Vergílio Correia (1888-1944)

3.2.1. “El Neolítico de Pavia”

4. Descrição e enquadramento geográfico

5. Caracterização dos recursos naturais disponíveis

6. Megalitismo funerário

6.1. A amostra disponível

6.2. A arquitectura

6.3. Artefactos votivos

6.3.1. Os recipientes cerâmicos

6.3.2. A pedra polida

6.3.3. A pedra lascada

6.3.4. As placas de xisto e os báculos

6.3.5. Os artefactos de osso

6.3.6. Os objectos de adorno

6.3.7. Outros

6.4. Ritual funerário

6.5. Implantação

6.6. Distribuição espacial

7. Megalitismo não funerário

7.1. A amostra disponível

7.1.1. Alinhamento do Monte da Têra

A. Metodologia da escavação

B. Unidades estratigráficas

7.2. Aspectos morfológicos

7.3. Implantação

7.4. Distribuição espacial

8. Os povoados

8.1. A amostra disponível

8.2. Descrição

- 8.3. Estratégias de implantação
- 8.3.1. Visibilidades
- 8.5. Cultura material
- 8.5.1. Os recipientes cerâmicos
- 8.5.2. A pedra polida
- 8.5.3. A pedra lascada
- 8.5.4. Os percutores
- 8.5.5. Os elementos de mó
- 8.6. Distribuição espacial

9. Integração cronológico-cultural

10. Relação povoamento/meio

11. Relação *habitat*/necrópole/santuário

12. Integração regional

13. Um balanço provisório

14. Bibliografia

15. Apêndices

Cartografia

Desenho de materiais

Fotografias

PREFÁCIO

RECOMEÇAR ÀS VEZES CUSTA, OUTRAS NÃO VALE A PENA, QUASE SEMPRE É UM DESAFIO

À hora a que se acendem as fogueiras, e nas bermas de uma escavação uns empunham as canecas, outros olham para o fogo, e alguns fazem as duas coisas, perguntamo-nos às vezes se recomeçar é possível e todos gostaríamos que sim, mas sabemos que é tão difícil e que raramente justifica o esforço.

Assim pensava há 25 anos, olhando desolado Pedra d'Ouro, como mais tarde junto às muralhas de Vila Nova de S. Pedro ou, mais tarde ainda, quando outros ventos apagaram irremediavelmente três riscos na planície alentejana.

Por isso, quando Leonor Rocha me perguntou se valia a pena, sorri duas vezes. A primeira, porque Pavia, felizmente, estava livre de demónios há muito tempo, salvo de diabretes inócuos que não deixam rasto no tempo. A segunda, porque bem sabia que, dissesse o que dissesse, acabaria sempre por vencer a decisão de uma arqueóloga pequena no sistema métrico, mas bem grande em força interior e determinação.

Deveria talvez ter-lhe dito que não, que a não acompanharia nessa viagem incerta, que se propunha iniciar sem grandes mantimentos para o caminho, quando pensei (e o tempo provaria como estava certo) que quem sobrevive longas horas com um iogurte e uma maçã resiste a tudo. Quando da vida se não exige muito à partida, há sempre esperança de se chegar a algum lugar, ainda que distante, respirar fundo num fim de tarde, junto ao esteio de cabeceira, e sentir o sopro fresco da brisa da tarde, em Setembro, no Alentejo.

Justamente no Alentejo em que Leonor Rocha começou a trabalhar, passando fome como todos nós na Torre do Esporão, escavando ao sol hostil da Vidigueira ou reencontrando nos primeiros tempos (difíceis) do Olival da Pega o ritmo que iria ser o seu. Com um sorriso que nem as piores desgraças apagaram, apenas às vezes transformaram, e por pouco tempo, numa máscara que disfarçava a dor, Leonor Rocha cresceu e transformou-se no que é hoje, uma sólida imagem de uma das faces da UNIARQ, sem dúvida entre as melhores do poliedro que somos, a face de um trabalho metódico e sistemático, pouco especulativo, é certo, mas solidamente baseado em realidades concretas. Pouco em moda, talvez, mas as modas passam, e facilmente se esquecem, enquanto o trabalho sólido fica.

Por tudo isto se torna agora mais uma vez evidente que sempre tinha razão ao dividir o meu tempo, tão escasso, com aqueles de que gosto e que, como eu, amam aquela planície de pedras grandes e símbolos. Fazendo-o, não fiz mais do que viver como sempre gostei, entre os poucos que dividem comigo a água do seu cantil.

Leonor Rocha propôs-se tratar de uma área que se encheu de esperança nos tardios anos 20 e que viu a esperança morrer depressa. Fê-lo de uma forma tranquila e organizada. O seu livro compreende quinze blocos, dos quais sem dúvida os mais importantes dizem respeito ao megalitismo funerário (Cap. 6), ao «megalitismo não funerário» (Cap. 7) e aos povoados (Cap. 8), onde importantes dados novos são avançados, escritos sempre com economia de meios e a sobriedade que caracteriza todo o seu trabalho.

Um segundo bloco, só ligeiramente mais subjectivo, estabelece quatro tipos de integração, ainda que sob capeamentos diversos, cronológico-cultural, povoamento/meio, habitat/necrópole/santuário, finalmente a integração regional.

Se os textos referentes a todos estes blocos têm curiosamente que ver com o próprio diálogo que a autora estabeleceu com os monumentos e sítios, é no entanto no ponto 13 do seu livro que Leonor Rocha esbarra com três dificuldades.

A primeira é a sua própria, de teorizar longe dos factos, o que estabeleceria uma contradição dificilmente superável com a sua particular relação com os dados arqueológicos.

A segunda traduz as tensões inerentes à complexa digestão de informação obtida em escavações antigas, onde os factos aparecem quase sempre descontextualizados, e interpretações modernas, cujo suporte, a existir, é ainda frágil, leituras como as de Mariana Diniz ou Manuel Calado, sobre o Neolítico antigo e o megalitismo.

A terceira dificuldade reside naturalmente nas sete tentações do arqueólogo do megalitismo (a que raramente ele resiste) e que consistem na aproximação demasiado fácil entre os lugares de povoamento e as necrópoles. A brevidade deste capítulo é aliás um modelo de prudência e até de comedimento quase excessivo. A espartana análise crítica é ponto que eu próprio creio que a progressão dos estudos de Leonor Rocha não deixará certamente de alterar.

Temos portanto, aqui, mais um excelente exemplo da «escola da UNIARQ», onde a teoria sempre estruturou a prática, sem alguma vez a condicionar, colocando no certo caminho o contínuo diálogo entre a realidade real e a realidade virtual, esta última porventura mais fascinante que a primeira, mas tão volátil que torna indispensável que não olvidemos as diferenças entre as duas.

Primavera de 1998, Victor S. Gonçalves

Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa
Director de Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

AGRADECIMENTOS

O apoio e a amizade que algumas pessoas e instituições me dispensarem ao longo destes últimos anos foram imprescindíveis ao desenvolvimento dos trabalhos de campo e de gabinete.

O Prof. Doutor Victor Gonçalves, orientou e acompanhou desde os primeiros passos na Faculdade de Letras de Lisboa os meus estudos, dispensando-me sempre todo o apoio. Agradeço o ter aceite orientar este trabalho e todas as sugestões e críticas que me foi dando.

A Manuel Calado, que me sugeriu esta área de estudo, agradeço a permanente disponibilidade, as sugestões e as críticas que foi tecendo desde o primeiro momento. A sua ajuda foi imprescindível nas várias etapas deste trabalho.

Um agradecimento também muito especial a um conjunto de pessoas que me incentivaram, desde o início, com a sua amizade e apoio, nomeadamente aos meus colegas Ana Catarina Sousa, Ana Daniela Espinha, Maria José Almeida e Teresa Simões e a todos os alunos da Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras, e não só, que me acompanharam nas inúmeras saídas de campo e na escavação, particularmente a Rui Almeida, Rosário Fernandes, António Martins e Sandra Rocha, pela sua inestimável colaboração.

A Manuela de Deus, o ter-me facultado os dados dos materiais das Antas da Caeira e o ter-me acompanhado em várias saídas de campo.

Aos investigadores do Centro de Arqueologia da F.L.L. e, em particular, a Mariana Diniz, agradeço a amizade sempre demonstrada.

A José Manuel Rodrigues não posso deixar de agradecer o ter-se disponibilizado para me acompanhar e fotografar alguns dos monumentos de Pavia.

Um agradecimento muito especial à D. Maria e ao Sr. Emídio, do Café “O Dolmen”, pela simpatia e a total disponibilidade com que acolheram as numerosas equipas e também ao Sr. António Leonardo d’Almeida (e seus filhos) proprietário do Monte da Têra.

Das instituições que me apoiaram cabe destacar:

- a Câmara Municipal de Mora, à qual agradeço o apoio financeiro aos trabalhos de campo e à edição deste trabalho.

- à Junta de Freguesia de Pavia e, nomeadamente ao seu Presidente, Sr. Matos, um agradecimento particular pela forma como sempre me recebeu e apoiou ao longo destes anos.

- ao Museu Nacional de Arqueologia, a autorização para estudar, desenhar e fotografar os materiais das antas de Pavia.

- estou igualmente reconhecida à Junta Nacional de Investigação Científica, pela Bolsa de Estudo concedida, através do Programa PRAXIS XXI.

Agradeço ainda a todos os que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho e que por contingências de espaço não foram referidos.

Por último, um agradecimento à minha família, especialmente aos meus pais, pelo apoio e dedicação que sempre me deram.

“Hoje é uma aldeia agrícola, que vive no trabalho das herdades que por léguas a estrangulam, desafogada apenas em magros ferragiais que se lhe achegam: mantem uma linha correcta de burgo velho estiraçado sôbre uma espinha montuosa, cujos topos vão morrer, de um lado nas águas ensombradas da ribeira de Tera, do outro em dilatado plaino de montados de azinho com blocos desgarrados de granito que escurecem e mancham de onde em onde a ramaria frouxa de arvoredos.”

Correia, 1914: 190

1. Introdução

Este livro resulta da tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Janeiro de 1996. O apoio da Câmara Municipal de Mora permitiu a sua publicação, com algumas alterações devido à necessidade de se reduzir o texto e a base de dados. Esta última, que constituía o 2º volume, acabou por ser totalmente eliminada estando, no entanto disponível para consulta no Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa ou na Câmara Municipal de Mora.

A base de estudo foram os trabalhos de campo de Vergílio Correia, publicados em 1921 na obra “El neolítico de Pavia”. Trata-se, fundamentalmente, de aplicar novos métodos e novos conceitos de abordagem da evidência arqueológica, indispensáveis perante a ausência relativa de vestígios de *habitat* ou de menires num trabalho muito coerente, quase sistemático, e que constituiu um notável avanço, numa época em que a intervenção do arqueólogo na identificação de sítios arqueológicos raras vezes ultrapassava o estádio de mera “excursão arqueológica”.

A questão do povoamento relacionado com as numerosas sepulturas megalíticas de Pavia não deixou de ser pressentida por V. Correia que registou mesmo alguns sítios de difícil detecção; no entanto, a conspicuidade do Castelo de Pavia, em termos de implantação e de materiais de superfície, levou-o a investir nesse sítio, em particular, em detrimento de uma imagem mais

alargada, em termos espaciais e diacrónicos, das diversas modalidades de povoamento contemporâneas do fenómeno megalítico.

Perante este quadro, mais do que proceder a uma análise muito exaustiva da informação (artefactual, arquitectónica e espacial) dos monumentos megalíticos, pensámos ser prioritário o investimento na prospecção do território, monitorizando os monumentos descritos por V. Correia e acrescentando novos dados, necessários à compreensão do conjunto.

Tornava-se, do mesmo modo, necessária uma integração da imagem resultante nos diversos contextos geográficos que coexistem na área de estudo, e formular modelos cujas hipóteses são pontos de partida para as futuras investigações na área de Pavia.

No que diz respeito à integração comparativa dos dados de Pavia no contexto regional, privilegiou-se o confronto com as áreas limítrofes para as quais se dispunha de alguma informação recente sobre o respectivo povoamento megalítico. Dentro destas, deu-se um destaque particular às áreas de Reguengos, Évora e serra d'Ossa, devido ao facto de a autora aí ter colaborado em projectos de prospecção (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Calado e Rocha, 1996; Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado, 1995), conhecendo melhor, por isso mesmo, as respectivas realidades arqueológicas e paisagísticas.

O plano deste trabalho e a sua estrutura reflectem as principais opções metodológicas.

Na primeira parte, abordam-se alguns aspectos intrínsecos à área em estudo e a metodologia utilizada na descrição dos vários tipos de vestígios discriminados (povoamento, megalitismo funerário, megalitismo não funerário). Uma vez que não constam neste livro as fichas descritivas dos sítios, da base de dados elaborada, também se optou por retirar a sua descrição.

Na segunda parte, apresentam-se analiticamente os dados obtidos, procurando integrá-los na matriz cronológica possível e propor hipóteses relativas ao significado das estratégias de povoamento detectadas, tendo como pano de fundo uma atenção particular aos recursos disponíveis em cada tipo de paisagem e finalmente, na última parte, procura-se abordar os diferentes fenómenos numa escala mais ampla, alargando o estudo às áreas da serra d'Ossa, Évora e Reguengos de Monsaraz.

O apêndice, integra os desenhos de alguns materiais mais significativos, recolhidos durante as prospecções, de alguns dos materiais existentes no Museu Nacional de Arqueologia e ainda os desenhados e publicados pelos Leisner (Leisner, 1959). Inclui também toda a cartografia de base e temática da área de Pavia.

“ As questões ligadas à salvaguarda e à gestão do património, de que os investigadores, como cidadãos particularmente responsáveis, não se podem alhear, ajudaram a decidir a opção fundamental da orientação deste projecto no sentido da prospecção de superfície.”

Calado, 1995: 11

2. Metodologia

2.1. Definição da área de estudo

A selecção da área de Pavia como projecto de investigação surgiu na continuidade natural dos projectos em que participei no Alentejo Central, logo a partir do primeiro ano da Faculdade.

Efectivamente, em 1989, por convite do Prof. Victor Gonçalves, comecei a colaborar em trabalhos arqueológicos (prospecção e escavação), nas áreas de Reguengos de Monsaraz e da Vidigueira, em temas relacionados com a Pré-História e, particularmente, com o fenómeno megalítico.

Por outro lado, a partir de 1990, iniciei também a minha participação regular nas investigações desenvolvidas por Manuel Calado na região da serra d'Ossa, território que, de acordo com a proposta deste autor, confina, a Leste, com a área de Pavia, e, mais recentemente, nos arredores de Évora.

Um dos aspectos que motivou a opção por Pavia foi o facto de não existirem estudos recentes sobre o megalitismo desta área, uma vez que, desde os trabalhos efectuados por Vergílio Correia entre 1915 e 1918 e publicados em 1921, poucos foram os investigadores que por ela se interessaram e nenhum deles efectuou uma revisão sistemática dos dados disponíveis.

Os limites da área de estudo foram intencionalmente adaptados em função da área mapeada no trabalho de Vergílio Correia e dos monumentos referidos no respectivo texto, restringindo-se, por razões práticas, à folha 409 da C.M.P., na escala 1: 25 000; esta opção prende-se naturalmente com o objectivo expresso de rever os dados publicados por aquele autor, sendo claro que não implica uma estrita coerência geográfica com a distribuição espacial dos fenómenos em análise.

Apesar de se tratar de uma área que não poderemos considerar como uma região natural, no sentido geográfico do termo, e de englobar uma grande diversidade paisagística, existe, à partida, uma certa homogeneidade na cultura material pré-histórica, com afinidades que, em alguns aspectos, parecem extravasar da área demarcada.

Curiosamente, a vila de Pavia situa-se sensivelmente no centro desta carta, sendo simultaneamente a cota mais elevada. Aqui se localizam a maior anta conhecida nesta área (anta de S. Dionísio) e também o único povoado fortificado (Castelo de Pavia, a cerca de 1200 m para Norte).

2.2. Prospecção.

Uma vez que, como se frisou, este trabalho assenta, basicamente, na revisão e actualização dos dados publicados por Vergílio Correia (Correia, 1921), foram ensaiadas estratégias de prospecção dirigidas para a relocalização dos monumentos e sítios referidos no texto ou no mapa daquela obra. A deficiente base cartográfica utilizada por V. Correia e as indicações muito vagas que o autor apresenta, dificultaram, em graus diversos e com resultados também diferentes, a localização, avaliação e o registo cartográfico (na escala 1:25 000) dos monumentos e povoados conhecidos.

A observação da cartografia elaborada por este investigador aliada à análise toponímica, à recolha de informação oral e à análise paisagística, revelaram-se os métodos mais eficazes na detecção dos monumentos e povoados megalíticos.

A revisão, no terreno, dos dados publicados, foi complementada com a prospecção, mais ou menos intensiva, das áreas envolventes, em função da visibilidade dos solos e das características da paisagem.

No que diz respeito aos vestígios de *habitat*, a escassez de dados disponíveis (apenas se conheciam quatro sítios), em paralelo com a abundância de monumentos megalíticos, implicou a realização de prospecções selectivas, em áreas que nos pareciam, a partir da análise cartográfica, mais propícias para a implantação de povoados pré-históricos.

Também neste caso a análise paisagística nos permitiu ultrapassar algumas insuficiências da informação patente na cartografia; algumas áreas, propícias à implantação de locais de *habitat*, destacam-se visualmente na paisagem, nomeadamente pela existência de afloramentos particularmente salientes e que, apenas com base na cartografia, não foram seleccionadas para prospecção (Calado, 1995: 41).

A definição das áreas a prospectar foi sendo progressivamente adaptada e corrigida, uma vez que tinha por base os modelos de implantação e as estratégias de povoamento conhecidas em outras áreas do Alentejo Central, nomeadamente em Reguengos de Monsaraz, na serra d' Ossa e em Évora. De facto, algumas características paisagísticas, nomeadamente a nível geológico, diferentes das áreas anteriormente referidas, poderão ter condicionado, em Pavia, não só o modelo de povoamento como, provavelmente, a distribuição dos vestígios arqueológicos actualmente acessíveis. A presença sistemática de elementos de mó e de percutores, face a uma grande ausência de cerâmicas e pedra polida, colocou-nos, desde o início, alguns problemas de interpretação, cuja solução pode mesmo passar pela eventual existência de fenómenos tafonómicos ainda mal compreendidos.

Se, para as áreas de relevo mais movimentado, que correspondem *grosso modo* aos granitos e xistos, a prospecção foi feita essencialmente com base na análise cartográfica e paisagística, privilegiando as linhas de fecho e as áreas junto a linhas de água ou de bons solos agrícolas, nas que correspondem às areias terciárias, a prospecção foi mais aleatória, em função dos acessos actuais e/ou da presença de monumentos megalíticos, tendo em conta os princípios aplicados para as outras áreas. Em termos arqueológicos, delineava-se, à partida, nesta paisagem particular, uma clara escassez de monumentos megalíticos, imagem cuja veracidade se procurou confirmar no terreno.

2.3. Critérios descritivos

Todo o trabalho de campo foi realizado com base na Carta Militar Fl. 409 (Pavia) na escala 1: 25 000, por se tratar da escala mais detalhada disponível para a área de estudo. A apresentação final dos dados na escala 1:50 000 deve-se não só a questões de apresentação gráfica, como também ao facto de as cartas de Capacidade de Uso dos Solos e Geológica se encontrarem nesta escala.

As classificações estabelecidas para os diferentes tipos de vestígios detectados seguiram, de um modo geral as propostas de outros autores. Utilizou-se a expressão **povoado(?)** sempre que o número e o tipo de materiais recolhidos, tendo em conta as condições de visibilidade dos solos, aconselhava alguma prudência. Note-se que alguns conjuntos de artefactos, geralmente em quantidades reduzidas, podem corresponder a monumentos funerários destruídos. Por outro lado, essa hipótese pode ser arredada nos casos em que ocorrem materiais estranhos aos habituais espólios votivos, como é o caso do barro de cabanas e dos pratos de bordo espessado, por exemplo;

a implantação e a distribuição dos vestígios pode igualmente eliminar esse equívoco, como nos casos dos abrigos sobre rocha observados em Pavia ou quando os materiais se dispersam por grandes extensões. Classificou-se como **povoados** os sítios que, pelos critérios atrás referidos (quantidade, tipo, dispersão dos materiais e implantação), podem, sem grandes reservas, corresponder a locais de *habitat*, mais ou menos permanente.

Considerou-se ainda as **pedras com «cavinhas»**, os **achados isolados**, e os **abrigos** (neste caso foram tomados em conta os que apresentavam materiais). Como **achados dispersos** foram classificados os sítios em que recolhemos mais que um artefacto. No entanto, a presença de cerâmicas determinou, em quase todos os casos, a inclusão na categoria de **povoado(?)**.

O **Código** atribuído é composto por dois números separados por um ponto. No primeiro aparece o número da Carta Militar (na escala 1: 25 000) e, no segundo, o número de ordem do sítio, dentro dessa carta, ordenado em função do avanço dos trabalhos de campo.

Em termos de **Cronologia** considerou-se o **Neolítico antigo/médio**, o **Neolítico final**, o **Neolítico final/Calcolítico**, o **Calcolítico** e, no caso das pedras com «cavinhas» atribui-se-lhes cronologia **Indeterminada**, atendendo às incertezas cronológicas que pairam sobre este tipo de manifestações.

Dada a ausência de datações absolutas e de estratigrafias conhecidas para os sítios escavados, e tendo em conta que os outros só foram superficialmente prospectados, as cronologias propostas suscitam necessariamente algumas reservas que serão discutidas no capítulo nove.

“Circunstancias fortuitas, aunque felices, hicieron que yo escogiese Pavia como punto de partida de exploraciones. El acaso de una conversación con un amigo, la noticia de la existencia de una anta transformada en capilla, y la seguridad de que la región había sido poco explorada (...)”

Correia, 1921: 25

3. Trabalhos anteriores

3.1. História da investigação

Os monumentos megalíticos são, normalmente, fáceis de identificar como um produto da acção humana. A sua monumentalidade atraiu, naturalmente, ao longo do tempo, o interesse das populações que com eles coabitaram, o que, como se sabe, conduziu, em muitos casos, à sua violação ou reutilização.

Em relação à anta de S. Dinis, o monumento mais conhecido do conjunto paviense, ignora-se o período em que foi transformada em capela, sendo a referência mais antiga datada de 1625, num texto de Manuel Severim da Faria, citado por Leite de Vasconcelos, que afirma: « (...) se vê hoje huã lapa feita por natureza, e aperfeiçoada por arte, que he ermida de Sam Denis, santo que uenera muito aquelle povo pellas grandes m(ercê)s que delle alcanza principalmente nos enfermos de maleitas: ha tradiçãõ entre os naturaes que naquella coua aparecera huã imagem do santo (...) » (Vasconcelos, 1914: 376).

Sobre esta imagem, Leite de Vasconcelos alvitrou poder tratar-se de uma placa de xisto ou de um ídolo de calcário, artefactos recorrentes em contextos funerários “megalíticos” (Vasconcelos, 1914: 377).

Segundo Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914: 377), Pereira da Costa organizou, nos finais do séc. XIX uma colecção de materiais dos quais constavam, entre outros, alguns machados e placas de xisto oriundos de «uma anta de Pavia». Não se conhece contudo qual o monumento, nem a forma como se obtiveram estes materiais. Esta colecção estava finalmente na Escola Politécnica e, pelo que se pode depreender do artigo, passou para o Museu Etnológico.

O conjunto de monumentos da Ordem, concelho de Avis, foi escavado nos finais do séc. XIX por M. Matos Silva, de Ponte de Sôr, em conjunto com Leite de Vasconcelos. Trata-se de uma necrópole megalítica com características muito especiais dada a grande proximidade dos monumentos e a sua variabilidade tipológica. Aquele autor, observou, a propósito, que «Quem percorrer esta herdade fica surpreendido com o número de antas que ali existem; umas dispersas, outras, em número de nove, formando dois alinhamentos paralelos.» (Silva, 1895: 120) Os materiais destas escavações ficaram então depositados na sua colecção particular, estando actualmente recolhidos no M.N.A.

No início deste século, Nery Delgado, Carlos Ribeiro e Leite de Vasconcelos desenvolveram trabalhos na área de Pavia. Dos dois primeiros, foi publicada por Maria Cristina Neto (Neto, 1976-77: 99-104) nos anos 70, uma lista de monumentos megalíticos do Alentejo, dos quais se contam cerca de uma vintena na presente área de estudo.

Contudo, os primeiros trabalhos arqueológicos "sistemáticos" de prospecção e escavação de monumentos megalíticos e povoados, na área de Pavia, só viriam a iniciar-se com Vergílio Correia, então conservador do Museu de Etnologia de Lisboa. Os monumentos megalíticos por ele inventariados ascendem a cerca de oitenta, em grande parte parcialmente escavados. Povoados registou e escavou somente dois, o Castelo de Pavia (nos arredores desta povoação) e o povoado de Briços, cada um deles nas imediações de necrópoles megalíticas.

Nos anos 30, as escavações de Manuel Heleno no Alentejo Central incluíram alguns monumentos megalíticos localizados a Sudoeste de Pavia. Não foi, no entanto, publicada qualquer informação relativamente a estas escavações, desconhecendo-se quais os monumentos escavados e os respectivos espólios.

Posteriormente, Irisalva Moita (Moita, 1956) procedeu a escavações em algumas antas a Nordeste (antas do Barrocal) e a Noroeste (antas da Têra) da povoação de Pavia nos anos de 1952 e 1953, subsidiada pelo Instituto da Alta Cultura. Esta autora divide os monumentos desta área em dois grupos, o Grupo Primitivo e o Grupo Evolucionado, defendendo uma evolução do mais simples para o mais complexo " O arcaísmo mais acentuado do mobiliário dos dolmens em forma de câmara rectangular (.../...) parece indicar que estamos em presença duma evolução e não dum retrocesso." (Moita, 1956: 171)

Os trabalhos dos Leisner em relação às antas de Pavia consistiam fundamentalmente na revisão dos materiais depositados no Museu Etnológico por V. Correia, tendo sido publicada uma listagem geral das antas conhecidas (onde aparecem algumas inéditas), assim como plantas e desenhos de alguns materiais.

Nos finais de 1978 inícios de 1979, um grupo de alunos e de professores de um Liceu de Lisboa (Almeida *et al.*, 1979), procedeu ao reconhecimento e respectivo levantamento topográfico e fotográfico de alguns monumentos de Pavia, situados junto à ribeira do Almadafe.

Ainda nesta década a equipa dos Serviços Geológicos (Zbyszewski *et al.*, 1977) publicou dois recintos megalíticos - Monte das Figueiras e Fontainhas Velhas - e o menir do Monte da Têra.

3.1. Vergílio Correia (1888-1944)

A arqueologia em Portugal no primeiro quartel do séc. XX, como seria de esperar, foi fortemente influenciada pelo clima de agitação política, social, económica e cultural, traduzindo um exacerbamento dos nacionalismos, com um reflexo directo na "procura das origens". Nesta perspectiva, surgiu o conceito de raça e a ideia de que a nacionalidade era algo de biológico, (como se houvesse um tipo físico próprio de cada nação), ideia que se encontra patente em algumas das obras de Vergílio Correia Pinto da Fonseca.

Este investigador nasceu na Régua e veio a concluir o curso de Direito na Universidade de Coimbra (1906-1911), onde se doutorou em Letras, em 1935. Foi aí professor de História de Arte desde 1921, e de Arqueologia, desde 1923.

Foi conservador dos museus Etnológico Português e Nacional de Arte Antiga.

A sua obra, realizada principalmente no domínio da História da Arte e da Arqueologia é tematicamente muito diversificada e foi publicada dispersamente. São, no geral, artigos de reduzidas dimensões, em que se refere factologicamente o achado de um determinado vestígio artístico ou arqueológico. A maior parte desses artigos, porém, são sobre Conimbriga e as suas escavações, às quais Vergílio Correia dedicou grande parte da sua vida, após ter saído do Museu Etnológico.

A sua ida para o concelho de Mora deveu-se, segundo ele, ao acaso, despoletada pela conversa com um amigo (Correia, 1921: 25).

A obra publicada em 1921, "El Neolítico de Pavia", constitui a sua única monografia, e reporta-se aos trabalhos realizados nesta área durante os meses de Abril e Maio de 1914 e 1915 e em 1918 " (.../...) realicé en la región la mayor y más completa exploración dolménica hecha hasta hoy en Portugal, habiendo continuado el trabajo con el mayor fruto en 1918. Cerca de ochenta dólmenes fueron cavados y estudiados en esas tres campañas." (Correia, 1921: 9-10). As inúmeras escavações realizadas e os vários trabalhos publicados, fazem deste autor um dos vultos mais representativos da mentalidade portuguesa da época, no campo da arqueologia. Os vários títulos

académicos e as condecorações que lhe foram atribuídas representam, aliás, o reconhecimento oficial dos seus méritos.

Pertenceu à Academia Nacional de Belas-Artes, à Academia Portuguesa de História, ao Instituto Arqueológico Alemão, à Academia de História de Madrid, ao Instituto de Coimbra e à Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Foi oficial da Ordem de Santiago e possuía a Cruz Vermelha Alemã.

Colaborou igualmente na imprensa periódica: *A Pátria*, *O Século*, *Diário de Notícias*, etc. Desde 1938, dirigiu o *Diário de Coimbra*. Fundou e dirigiu as revistas *Terra Portuguesa*, de Lisboa e *Arte e Arqueologia*, de Coimbra.

Fez parte das comissões da Exposição de Sevilha, da Reforma das Belas Artes e do Trajo Popular, tendo participado ainda nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso e Desenvolvimento das Ciências (Cádiz, Salamanca, Lisboa e Barcelona), Internacionais de Arqueologia (Barcelona e Alger), do Mundo Português...

A inexistência de um edifício teórico suficientemente definido que permitisse a colocação de questões pré-estabelecidas de forma sistemática, levou alguns autores a considerarem a sua obra como o início da decadência da arqueologia portuguesa, não só a nível teórico, como prático. É um facto que Vergílio Correia não manteve profundos contactos com o estrangeiro, nem desenvolveu grandes progressos científicos, ao contrário dos seus antecessores dos finais do séc. XIX. Contudo, e de acordo com Joaquim Carvalho, Vergílio Correia, pela sua " (...) índole e pela sua conformação mental (...) sempre preferiu a robustez dos factos densamente exactos e afectuosamente simples à dialéctica das ideias gerais e às distinções subtis da argúcia (...)". O mesmo autor acrescenta ainda "(...) o íntimo contacto com a realidade, ou, por outras palavras, o abandono do livro pela observação e inquérito pessoal dos factos, fez de Vergílio Correia o mestre consumado na exploração arqueológica (...)" (Carvalho, 1946: 6, 9), realçando assim o facto de o autor dar maior importância aos factos em si, em detrimento das leituras em que se poderiam integrar.

Esta ausência de uma predisposição crítica teoricamente fundamentada acerca das realidades com que lida pode, sem dúvida, explicar-se à luz das teorias historiográficas ainda vigentes, na esteira da escola positivista.

3.2.1. “El Neolítico de Pavia”

Em 1921, Vergílio Correia publicou em Espanha a monografia sobre os trabalhos de campo que desenvolveu na área de Pavia entre 1914 e 1918. Nela aborda os aspectos relativos ao

megalitismo funerário e aos sítios de *habitat* com ele relacionados; inclui também alguma informação sobre realidades arqueológicas mal conhecidas, que o autor considera como eventuais lugares sagrados. Assim, a sua investigação nesta área pretendia englobar todos os tipos de vestígios arqueológicos deste período como refere na seguinte passagem: " (.../...) Surgió, pues, naturalmente la división del estudio del Neolítico de la región de Pavia en tres partes muy claras y muy sencillas: *lugares de habitación, lugares de sepultura y lugares de religión.*" (Correia, 1921: 10). Aos locais "de culto" correspondem, nesta perspectiva, os recintos formados por blocos graníticos e os abrigos naturais ou ainda rochas cuja erosão provocou formas mais ou menos sugestivas. Completamente ignorados por ele ficaram os menires e "cromeleques", relativamente bem representados nesta área e que só muito mais tarde viriam a ser identificados.

No capítulo do povoamento, Vergílio Correia refere as escavações efectuadas no Castelo de Pavia e os respectivos materiais arqueológicos, descrevendo-os sumariamente. Não apresenta, contudo, nenhuma planta do sítio, com as muralhas e as cabanas identificadas. Em relação à estratigrafia, refere que a acção dos arados destruiu a sua leitura. No entanto, ao descrever os fundos de cabana diz que todos os artefactos apareciam no fundo de uma camada negra "como depositados o caídos en el suelo" (Correia, 1921: 13), por vezes encaixados uns nos outros, e os artefactos de sílex reunidos, como se tivessem possuído um contentor perecível. Face a este tipo de referências parece-nos pouco exacto falar de ausência de estratigrafias. Note-se que esta escavação decorreu em paralelo com a das antas e foi feita por pessoas contratadas na aldeia.

Sobre os materiais arqueológicos apresenta uma lista dos principais tipos, por vezes com descrições mais pormenorizadas sobre a matéria prima ou dimensões e alguns desenhos ou fotografias. Estes materiais são os da última campanha (1918) uma vez que eram os únicos que se encontravam em seu poder. Talvez por esse motivo não apresenta quantificações precisas sobre eles.

A descrição dos trabalhos realizados nos monumentos megalíticos funerários foi feita em função da ribeira de Têra; reúne, de facto, em dois grupos, aqueles que se encontram a Norte e a Sul desta ribeira. Mais uma vez Vergílio Correia descreve sobretudo as antas escavadas em 1918. É de salientar que em toda a obra nunca alude directamente aos motivos pelos quais só descreve os trabalhos da última campanha, justificando, de uma forma vaga, que era para "no alargar demasiado este trabajo" (Correia, 1921: 26). Os seus problemas com Leite de Vasconcelos, que o levaram a deixar o cargo de conservador do Museu Etnológico e, ao primeiro, a negar-lhe o acesso aos cadernos de campo e aos materiais das campanhas anteriores, depositados neste museu, nunca são referidos.

Em relação aos monumentos apresenta, por vezes, uma breve descrição da sua implantação, arquitectura e espólio; frequentemente limita-se a indicar o nome e a comentar, laconicamente, que “não deu nada”, “pouco importante” ou ainda “um espólio vulgar” (Correia, 1921: 40). Apresenta alguns desenhos e fotografias dos materiais e das antas, em que são patentes alguns equívocos e imprecisões; de facto, a fotografia que aparece como sendo a anta 2 de Briços é, na realidade, referente à anta 4 da mesma herdade (Correia, 1921: 40, fig.24). Também as plantas das antas apresentam diferenças em relação às publicadas pelos Leisner, tratando-se, de facto, de plantas esquemáticas com poucas preocupações de rigor métrico.

Em relação à metodologia utilizada por este autor, nas escavações, observa-se, antes de mais, um ritmo verdadeiramente frenético, patente na seguinte descrição: “Em 26 explorou-se a segunda anta da *Lapeira* e principiou-se de tarde a dos *Covatos*. Em 27, deixada a anterior, atacou-se a do *Ferragial da Fonte...*” (Correia, 1914: 190-191). Com uma tal velocidade, não é de estranhar o facto de raramente serem apresentadas quaisquer indicações sobre as estratigrafias. A este respeito, Irisalva Moita não deixou de anotar que a obra publicada “ (.../...) fundamenta-se em escavações apressadas e plantas construídas sem precisão.” (Moita, 1956: 136).

O casal Leisner, ao publicar em 1959 os materiais de Pavia existentes no Museu Etnológico e apresentar o levantamento de novos monumentos, pretendia contribuir para o colmatar das lacunas deixadas por Vergílio Correia. Estes autores acentuam algumas das fragilidades do trabalho, relacionadas com a proibição do acesso de V. Correia ao material das suas escavações, o que permitiria compreender que as indicações sobre os achados tenham sido, salvo raras excepções, sumárias e não demonstradas graficamente (Leisner, 1959: 97).

Ainda no capítulo referente à descrição do megalitismo funerário alude, por vezes, a outros sítios onde procedeu a sondagens (é o caso do castelo de Briços) ou que, de qualquer modo, considerou interessantes. A numeração que estabelece reporta-se aos monumentos escavados, aos destruídos, aos que não encontrou (teve conhecimento através de informação oral) e abrigos rochosos (mesmo sem materiais). Assim, quando nas conclusões refere que examinou mais de setenta monumentos este número não corresponde, com certeza, à realidade (Correia, 1921: 65).

Este capítulo é completado por uma síntese sobre os tipos de implantação, dispersão, arquitectura, espólios e cronologias destes monumentos, estabelecendo comparações com outras áreas.

No terceiro capítulo, descreve os lugares «sagrados»: recintos, abrigos e arte rupestre (a Pedra das Gamelas e a da Talisca, ambas no concelho de Arraiolos).

Apresenta ainda um apêndice com o estudo, realizado por A. A. Mendes Correia, de ossos humanos encontrados na anta 7 da Caeira.

Em relação ao mapa apresentado em anexo, verifica-se que engloba uma área, para Este e Sul, superior à considerada no texto, tendo sido cartografados alguns monumentos megalíticos funerários sobre os quais não fornece qualquer tipo de informação. Por outro lado, dentro do território estudado por Vergílio Correia, verificam-se algumas incorrecções: cartografa monumentos sobre os quais só tinha conhecimento através de informação oral (anta dos Condes, da Cré, da Gonçala); nos Antões, apresenta cartograficamente cinco monumentos mas só se refere a três no texto; utiliza ainda critérios diferentes na simbologia gráfica do mapa. De facto, enquanto para algumas sepulturas utiliza um rectângulo (Casarão das Figueiras e Remendo) para outras utiliza o mesmo símbolo que o das antas (Entreáguas, Antões e S.Miguel).

Em termos cartográficos, nota-se alguma imprecisão na localização dos sítios, em parte relacionada com a escala utilizada.

*“ On posera donc que le paysage est très précisément et tout simplement **ce qui se voit**. Cette définition est aussi nécessaire que banale:*

*a. **ce qui se voit** existe indépendamment de nous; appartenant au monde du réel, il peut, en théorie, paraître susceptible d'une analyse scientifique objective direct de la part des chercheurs.*

*b. **ce qui se voit** est d'autre part **vécu** et **senti** différemment par les hommes, qui en sont, d'une manière ou d'autre, les usagers (le spectacle étant une forme d'usage). Ces usagers opèrent dans le paysage des **sèlections** et des **jugements** de valeur.”*

Brunet, 1995: 8-9

4. Descrição e enquadramento geográfico

A área de Pavia situa-se na extremidade Norte do distrito de Évora, perto do limite com os distritos de Santarém e Portalegre, na transição, segundo a carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente, da região natural do Ribatejo com a do Alentejo, sub-região da Charneca de Ribatejo-Sul.

Geologicamente, abrange essencialmente duas formações: as extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte constituído por granitos.

A Sul de Pavia aparece representado o complexo atapulgítico da orla sul da bacia do Tejo, a NE as rochas graníticas, a E, N e NWN formações metamórficas não carbonatadas, com metavulcanitos, xistos e grauvaques de Terena, metassedimentos predominantemente xistentos, gnaisses e micaxistos.

Junto à ribeira do Divor existe uma mancha de rochas graníticas, a que se segue o complexo montmorilonético com arcoses, formações de detritos grosseiros, mal rolados de aspecto torrencial e com episódios calcários (Carvalho, 1968: 155). Esta formação encontra-se também a E-NE de Pavia, prolongando-se até à ribeira do Almadafe.

O Quaternário é constituído por depósitos aluviais modernos, por areias e cascalheiras de terraços e tufos calcários. As aluviões modernas encontram-se ao longo dos principais vales da

região e são compostas por areias e cascalheiras com algumas intercalações argilosas. Os vales das ribeiras de Almadafe, da Têra, da Raia, do Divor e da Cré apresentam este tipo de formações.

As areias eolizadas, diatomitos e lignitos, conglomerados arenitos e argilitos, de fácies fluvial surgem a W e NW de Pavia, estendendo-se até junto ao rio Sorraia (Carvalho, 1968). A Sul e NW aparecem ainda depósitos constituídos por grés argilosos, com seixos miúdos e também cascalheiras de elementos subangulosos. Manchas do Terciário aparecem localizadas, a NW, nos pontos topograficamente mais elevados. São compostos, essencialmente, por grés argilosos.

As cascalheiras aparecem sub-divididas em dois conjuntos, com uma idade paleogénica (muito fracturadas) e mio-pliocénicas (mais arcósicas, mais argilosas, mais consolidadas e mais acinzentadas). Estes depósitos aparecem por vezes sob a forma de lentes ou leitos de blocos de quartzo e quartzitos (Raynal, 1979: 192). Nesta área a cobertura terciária parece ter sido mais extensa do que é actualmente, devendo-se o seu desaparecimento ao entalhe progressivo da rede hidrográfica quaternária. (Ramos, 1994: 130)

Estas formações, com depósitos discordantes, que assentam sobre xistos do Silúrico, sobre a faixa metamórfica de gnaisses e micaxistos e sobre os granitos, configuram um sistema aquífero com um meio de circulação de água poroso.

Aparecem ainda alguns afloramentos de rochas cristalofílicas, junto a Pavia, atribuíveis ao Precâmbrico. Nesta área surgem também alguns afloramentos lenticulares de calcários cristalinos e de gnaisses leptinicos.

As rochas intrusivas estão representadas por rochas filonianas, onde afloram filões de quartzo, microgranito e microdiorito, quartzodioritos (com uma grande mancha), granitos e gnaisses. Os granitos calco-alcálicos têm uma orientação geral E-W. Os gnaisses graníticos anfibólicos representam os granitos mais antigos da região.

Em termos hidrográficos, a área de Pavia pertence à bacia hidrográfica do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Actualmente apresenta uma grande irregularidade fluvial, de estiagem mais severa e escoamento mais concentrado (Ramos, 1994: 115-116). Estas condições devem-se, por um lado, à escassez pluviométrica, quer em quantidade, quer em número de dias de chuva e, por outro, à pouca permeabilidade do substrato predominantemente xistento, que dificulta a infiltração e favorece o escoamento superficial. Estes factores conduzem à pobreza das reservas hídricas subterrâneas, nos períodos não chuvosos, e a grandes caudais nos períodos de maiores precipitações.

Drenada pelas ribeiras do Almadafe, de Tera e do Divor, esta área apresenta uma rede hidrográfica geralmente encaixada, entalhando a cobertura sedimentar e pondo, por vezes, o soco a descoberto. Na área de Mora - Cabeção a rede de drenagem desenvolve uma superfície embutida deixando salientes os relevos residuais. (Martins e Barbosa, 1992: 15) Esta é menos densa nos depósitos de cascalheiras devido às boas condições de infiltração da água.

Verifica-se assim que as permeabilidades mais elevadas se encontram nas formações porosas não consolidadas (aluviões e depósitos de terraço, grés argilosos e cascalheiras) e nas formações compactas fissuradas (calcários cristalinos e calcários dolomíticos), e as mais baixas nos granitos, granitos gnaissicos, xistos, xistos argilosos, micaxistos, grauvaques de Terena, gnaisses e gnaisses graníticos (Ramos, 1994: 152). Segundo a carta do Atlas do Ambiente referente ao escoamento, esta área apresenta valores muito baixos tanto na quantidade de água na rede hidrográfica, na ordem dos 150 mm - valores médios anuais - como nos recursos aquíferos subterrâneos, com produtividades médias entre 50 e 100 m³/dia.km².

Em relação à topografia, podemos considerar que à cobertura terciária estão associadas formas de relevo suaves, representadas a W e a S de Pavia, enquanto que, ao substrato antigo, embora peneplanizado, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos. Os declives mais acentuados apresentam-se junto às ribeiras do Almadafe, do Divor e da Têra - os valores mais elevados situam-se junto a esta.

Quanto à qualidade dos solos, os granitos determinam, em geral, um fraco potencial agrícola (classes D e E), enquanto nas formações terciárias se observam duas situações distintas: nos terrenos argilo-calcários do Oligocénico, ocorrem boas manchas de solos agrícolas (classes B e C) e nos terrenos Mio-Pliocénicos do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominam os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe E).

A área junto à ribeira da Raia e de Tera para Sul, passando pela S.ta Madre de Deus, Anta, Casa Branca, margens da ribeira de Matalote (até junto à desactivada linha de caminho de ferro), povoado do Castelo de Pavia passando pelo Remendo até à Caeira, e ainda, manchas junto à ribeira do Divor, nomeadamente parte da Serra de Briços, correspondem a solos da classe E.

Na confluência da ribeira da Raia, da Têra e do Almadafe surge uma mancha de solos da classe A que tem como limite Este o monte de Entre Águas e Norte o monte das Estúrdias. Ainda aparecem manchas deste tipo de solos misturados com os da classe B, nas margens da ribeira da

Gonçala e da Calanua, assim como a Sul de Pavia, perto do vértice geodésico das Cabeças e na Serra de Briços. A restante área engloba solos das classes B, C, e D.

De acordo com a Carta Agrícola e Florestal, do Atlas do Ambiente, os solos têm uma utilização agro-florestal, com consociações arbóreo-arvenses. Os terrenos incultos surgem nas áreas de declives mais acentuados ou com afloramentos. Aqui a vegetação actual é constituída por montado de azinheira, estevas e outras espécies arbustivas, integrando-se, segundo a Carta Ecológica (Fito-edafo-climática), na zona ecológica submediterrânea com *Quercus suber*, *Pinus pinastes*, *atlantica*, *Pinus pinea*, *Quercus faginea* e *Olea europaea sylvestris*.

No mapa de 1868 relativo à arborização geral do reino (Silbert, 1978: 81), o concelho de Mora apresentava-se com extensas áreas incultas, povoadas por animais selvagens (Silbert, 1978: 406). Nos arredores de Pavia, salienta a presença de matagais e diversas formas arbóreas. Por outro lado, esta povoação aparece referida nas Memórias Paroquiais de 1758 como exportando azeite, vinhos e alguns cereais (Silbert, 1978: 609).

Em termos de transitabilidade, podemos verificar (EST. 1) que as principais linhas de fecho se desenvolvem perpendicularmente à ribeira da Raia e do Almadafe, sendo paralelas à ribeira da Têra, área onde se concentram o maior número de monumentos megalíticos e de outros vestígios pré-históricos (EST. 2).

A área envolvente é complexa e diversificada abrangendo diferentes formações geológicas e geomorfológicas, a que correspondem, naturalmente, diferentes paisagens.

A serra de S. Mamede, é a «montanha-ilha» (F. Gonçalves, 1971: 13) mais elevada do Alentejo. Desenvolve-se num eixo geral NW-SE confinando, no primeiro com a bacia terciária do Tejo e, no segundo, com o planalto câmbrico de Vila Boim. É uma área onde abundam afloramentos graníticos (hiperalcalinos), intrusivos, que se dispoem em maciços alongados - formações precâmblicas e câmblicas (F. Gonçalves, 1971: 9).

Esta formação constitui, pela sua altitude, uma fronteira natural entre o Alto Alentejo e a Beira Baixa, criando inclusivé um microclima «...nessa massa montanhosa o clima e a vegetação são totalmente diferentes dos do resto do Alentejo.» (F. Gonçalves, 1971: 13). Para Sul, estende-se a peneplanície de Elvas-Monforte-Fronteira. A área de Elvas é bastante variada, constituída por calcários e xistos do Câmbrico e Silúrico, à excepção de uma pequena parte entre Barbacena e Sta Eulália, onde surgem afloramentos graníticos.

Nas séries xistentas, sobretudo nos metassedimentos precâmbrios, as superfícies encontram-se mais arrasadas. Estes afloramentos assemelham-se à denominada «Série Negra» do Precâmbrico Superior, presentes no maciço de Évora. A Norte deste maciço surge ainda outra formação, os «xistos de Barrancos» (Ordovícico inferior). O relevo apresenta-se mais movimentado, com solos de fraca capacidade agrícola .

O Guadiana, a Este, surge-nos por um lado como uma barreira física natural, no sentido E-W, mas por outro como uma via de passagem e de contactos com o Mediterrâneo. Apresenta um encaixe mais ou menos significativo acompanhando um relevo relativamente movimentado, com solos de fraca capacidade agrícola.

A questão da importância do Guadiana como fronteira natural ou de via de comunicação, com base em critérios geomorfológicos, tem sido contestada por certos autores (Enriquez Navascues, 1990: 8; Alvarez e Gil, 1988: 308), devido por um lado à existência de uma certa continuidade geográfica entre as duas margens e, por outro, ao facto de também em termos artefactuais não traduzir uma clara diferenciação cultural.

A serra de Portel, com uma orientação geral E-W, ergue-se subitamente nesta paisagem plana, separando as superfícies do Alto e Baixo Alentejo (Carvalhosa, 1965: 10). Esta formação pertence ao denominado Maciço de Évora que se caracteriza por uma grande diversidade de formações e de intrusões eruptivas de natureza quartzo-diorítica (Évora, S. Manços, Divor, S. Miguel de Machede e Redondo) e granítica - compreendem-se neste caso os maciços de Reguengos, Pavia e Pedrogão-Pias (Carvalhosa, 1983: 206).

A W-WNW instalou-se, na bacia terciária do Tejo, uma extensa formação de depósitos. Trata-se de mancha de terrenos detríticos, com um relevo pouco movimentado onde a rede hidrográfica apresenta vales de fundo aplanado. Esta área constitui um via de passagem natural do Tejo para o interior.

Em termos orográficos, a serra d'Ossa, a serra do Mendro e a serra de S. Mamede constituem as mais importantes elevações não só desta região como de todo o Alentejo. São importantes pontos de controle da paisagem, dominando visualmente áreas relativamente extensas.

Em relação à topografia, podemos considerar duas grandes categorias, as áreas graníticas que se caracterizam pela boa conservação das superfícies de erosão nos interflúvios, com vales largos de fundo plano onde a rede hidrográfica apresenta uma adaptação às fracturas e as áreas

xistentas onde as paisagens são mais acidentadas e os relevos vigorosos. A rede hidrográfica é densa e bastante hierarquizada devido à grande impermeabilidade destas rochas.

Em termos climáticos, e a nível geral, podemos considerar que existem grandes contrastes térmicos devido às elevadas temperaturas atingidas no verão. Os invernos apresentam-se moderados nas áreas topograficamente menos acidentadas e frescos nas áreas deprimidas do interior (Daveau, 1985: 48).

“Os frutos da terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia, he trigo, senteyo, e azeyte, que destes vendem para fora (...) Perto da villa na baixa do monte em que estã situada (...) tem huma fonte celebre, nam pella especialidade de suas agoas, mas sim pella abundancia destas, porque na mayor esterelidade, em que os mais povos experimentavam em suas fontes grande falta de agoa, nesta se conservou sempre a mesma abundancia”.

Veyga, 1758: 589

5. Caracterização dos recursos naturais disponíveis

A partir dos dados disponíveis na Carta de Capacidade de Uso dos Solos, a área de Pavia apresenta uma elevada percentagem de solos com pouco potencial agrícola o que, sendo de reter, deve ser lido com muita precaução.

Na verdade, com base na abundância de elementos de mó isolados ou em conjunto, pode-se supor que, na pré-história, em função das tecnologias disponíveis e dos modos de utilização do solo, existiu uma actividade agrícola relativamente intensa. Por outro lado, as manchas de matagais em áreas mais declivosas, junto às ribeiras, favorecem as práticas da pastorícia e da caça.

Num documento dos inícios do séc. XVIII, o P.^o António Costa (Costa, 1708) salienta a abundância de pão, azeite, gado, caça e de colmeias em Pavia.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 (Veyga, 1758) refere-se a agricultura cerealífera (trigo e centeio) e o azeite como sendo a base económica da vila de Pavia, para além da disponibilidade de outros recursos como a pesca “...pescam dela todo o tempo de estio athe as agoas novas” (Veyga, 1758: 590), a bolota e o vinho.

O fraco caudal de águas subterrâneas actual deve-se sobretudo ao facto da relação precipitação/evapotranspiração não ser equilibrada. Neste contexto, verifica-se a existência de dois tipos de sistemas aquíferos, ambos fracos. Um surge nos depósitos terciários de cobertura onde a disponibilidade de águas é limitada em função da posição topográfica que ocupam. As nascentes,

de fraco caudal, aparecem no contacto com os depósitos do substrato antigo. O segundo, nas rochas eruptivas (granitos e granodioritos).

Segundo a *Notícia Explicativa da Carta Geológica* (Zbyszewski *et al.*, 1980: 32), é uma região economicamente pobre, com explorações mineiras de granito porfiróide, quartzo, feldspatos e calcários; no entanto, a cerca de 25 km a ESE de Pavia aparece referida uma exploração mineira de cobre abandonada.

Este minério encontra-se ainda nas minas da Mostardeira, junto à Serra d'Ossa, acessíveis, a partir de Pavia, pelo vale da ribeira de Tera.

Durante os trabalhos de prospecção efectuados não se identificaram quaisquer vestígios relacionados com a actividade minero-metalúrgica. Assim, o povoado calcolítico do Castelo de Pavia, escavado por Vergílio Correia, parece ter sido o único a praticar a metalurgia do cobre, material esporadicamente presente nos espólios de algumas antas.

No cabeço onde se encontra implantada a actual vila de Pavia ocorre um filão de anfíbolitos, a matéria-prima mais utilizada nos artefactos de pedra polida.

“ Em toda a região granítica afloram os penhascos, espalhados pelos campos em grandes blocos, às vezes de formas esquisitas. Como em todas as partes do Alentejo, é esta a zona das antas.”

Leisner, 1985: 14

6. Megalitismo funerário

6.1. A amostra disponível

O conjunto do megalitismo funerário apresenta-se como uma densa mancha de monumentos na área de Pavia (EST.18), 118 registados até ao momento, comparável em número e distribuição espacial aos de Reguengos e de Évora.

O espólio recolhido e o tipo de arquitectura apontam para uma utilização mais ou menos contínua entre o que poderíamos considerar um Neolítico médio e um Calcolítico inicial/médio. De facto, apesar de se registar a presença ocasional de alguns artefactos metálicos, a quase total ausência de outros elementos considerados tardios, como as cerâmicas campaniformes e os báculos e mesmo, a nível de estruturas, os próprios *tholoi*, indica, aparentemente, a não utilização destes monumentos em períodos mais recentes, o que parece também confirmado pelo tipo de povoamento registado até ao presente. Convém aqui anotar a presença de uma taça decorada, proveniente do Castelo de Pavia, que foi interpretada, talvez erroneamente, por V. Correia (Correia, 1921: 20) como integrável na cerâmica campaniforme.

A orientação dos sepulcros megalíticos peninsulares mereceu sistematicamente, como se sabe, a atenção do casal Leisner; no caso dos monumentos pavienses, o próprio Vergílio Correia, tecera já algumas considerações sobre o fenómeno, embora não tenha publicado quaisquer dados concretos sobre ele.

A entrada destas construções encontra-se habitualmente exposta a nascente, como é de regra na maior parte dos megálitos europeus e não apenas nos de cariz funerário.

Em termos regionais são raríssimos os monumentos que escapam a essa orientação genérica; a variabilidade observada em Pavia, enquadra-se, pois, perfeitamente nos valores

conhecidos e que têm sido comentados, recentemente, por vários autores (Gonçalves, 1992: 39-49; Calado, 1993: 296-298; Gonçalves, Hoskin e Calado, no prelo).

Apesar de, em termos globais, se dispor de uma imagem válida, fornecida pelas leituras dos Leisner, a verdade é que o método por eles utilizado carece de rigor suficiente para uma adequada quantificação do fenómeno. Os trabalhos de Michael Hoskin, em que foram revistas as orientações de muitos monumentos pré-históricos no contexto do Mediterrâneo, têm permitido verificar algumas insuficiências mais ou menos relevantes.

O método preconizado pelo investigador britânico, para além de alguns aspectos técnicos em que se procura melhorar o rigor da observação, toma ainda em consideração aspectos como os desvios decorrentes da declinação magnética ou a altura angular do horizonte.

As medições de alguns monumentos de Pavia, num trabalho realizado por Michael Hoskin e Manuel Calado, no Alentejo Central, e cujos dados se agradecem aos autores, permitem, desde já, uma primeira leitura, por amostragem, das realidades do megalitismo de Pavia, neste capítulo.

Vergílio Correia registou um total de 71 monumentos tendo escavado 48 o que equivale a cerca de 68% dos monumentos por ele identificados. Ao rever e actualizar o trabalho deste investigador, o casal Leisner regista mais 9, passando então para um total de 80 monumentos megalíticos. No decurso deste trabalho inventariaram-se, até ao momento, mais 35 o que equivale a um aumento de 47% .

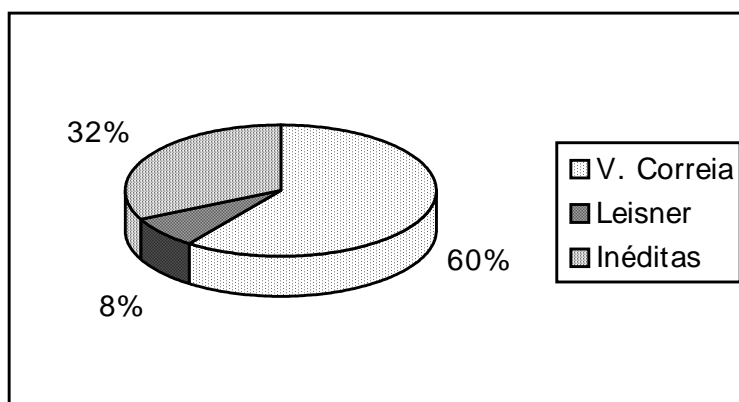


Gráfico 1. Total de monumentos inventariados.

Na *Notícia Explicativa da Folha 36-A* (Pavia), cuja área corresponde a quatro vezes a área abrangida pelo presente estudo, lista-se um total de cento e onze monumentos, onde se incluem antas e mamoaas. Destes, apenas uma parte aparece cartografada na Carta Geológica e, para os restantes, a informação fornecida é demasiado vaga, pelo que não foi possível identificar nenhum monumento a partir destas referências. Assim, alguns dos que se registaram como inéditos poderão, eventualmente, coincidir com outros incluídos naquela listagem. (Zbyszewski *et al.*, 1980: 34-36).

Lista das antas referidas por Vergílio Correia (Correia, 1921). Algumas antas aparecem acompanhadas por um ponto de interrogação, uma vez que o autor não especifica se as escavou.

- Adua 1 (escavada);
- Adua 2 (escavada);
- Adua 3 (escavada);
- anta próxima à de S. Dionísio (destruída);
- Antões 1 (escavada);
- Antões 3 (escavada);
- Briços 1 (escavada);
- Briços 2 (escavada);
- Briços 3 (escavada);
- Briços 4 (escavada);
- Briços 5 (?);
- Briços 6 (escavada);
- Briços 7 (?);
- Caeira 1 (escavada);
- Caeira 2 (escavada);
- Caeira 3 (escavada);
- Caeira 4 (escavada);
- Caeira 5 (escavada);
- Caeira 6 (escavada);
- Caeira 7 (escavada);
- Caeira 8 (escavada);
- Caeirinha (escavada);

- Casa Branca 1 (escavada);
- Casa Branca 2 (escavada);
- Casa Branca 3 (escavada);
- Considereiro (escavada);
- Covatos (escavada);
- Cré 1 (escavada);
- Cré 2 (escavada); refere a existência de mais antas nesta herdade.
- Entreáguas 1 (escavada);
- Entreáguas 2 (escavada);
- Entreáguas 3 (escavada);
- Entreáguas 4 (destruída);
- Entreáguas 5 (escavada);
- Ferragial da Fonte (destruída);
- Ferragial de Nossa Senhora;
- Figueira 1 (escavada);
- Figueira 2 (escavada);
- Figueirinhas 1 (?);
- Figueirinhas 2 (?);
- Folha da Anta (escavada);
- Forca Velha (destruída);
- Gonçala 1; refere a existência de mais 3 antas nesta herdade.
- Jordana;
- Madre de Deus (escavada);
- Matalote 1 (escavada);
- Matalote 2 (escavada);
- Matalote 3 (destruída);
- Monte da Vinha (escavada);
- Oliveira 1 (escavada);
- Oliveira 2;
- Oliveira 3 (escavada);
- Ordem 1 (escavada por M. Matos Silva);
- Ordem 2 (escavada por M. Matos Silva);
- Ordem 3 (escavada por M. Matos Silva);

- Ordem 4 (escavada por M. Matos Silva);
- Ordem 5 (escavada por M. Matos Silva);
- Outeiro da Forca (destruída);
- Pucícaros 1 (destruída);
- Pucícaros 2 (destruída);
- Remendo 1 (escavada);
- Remendo 2 (escavada);
- S. Dionísio (escavada);
- Sepultura da Madre de Deus (escavada);
- Sepultura de S. Miguel (escavada);
- Sepultura do «Casarão de Figueira» (escavada);
- Sepultura dos Antões (escavada);
- Tapada 1 (escavada);
- Tapada 2 (escavada);
- Tera 1 (escavada por Irisalva Moita);
- Valdelrey;

Monumentos inéditos: 36

- Anta da Adua 5;
- Anta da Casa Branca 4;
- Anta da Casa Branca 5;
- Anta da Cré 4;
- Anta da Gonçala 2;
- Anta da Gonçala 3;
- Anta da Gonçala 4;
- Anta da Santa Madre de Deus 2;
- Anta da Santa Madre de Deus 3;
- Anta da Têra 3;
- Anta da Têra 4;
- Anta da Têra 5;
- Anta da Torre das Águias 2;
- Anta das Casas Velhas 1;
- Anta de S. Miguel 2;
- Anta de S. Miguel 3;

- Anta do Freixo;
- Anta do Monte da Figueirinha 3;
- Anta do Monte das Figueiras;
- Anta do Monte dos Pardais 2;
- Anta do Monte dos Pardais 3;
- Anta dos Antões 6;
- Anta/Sepultura da Adua 4;
- Anta/Sepultura da Têra;
- Anta/Sepultura de S. Miguel 2;
- Anta/Sepultura do Remendo 1;
- Anta/Sepultura do Remendo 2;
- Anta/Sepultura dos Antões 5;
- Anta/Sepultura dos Antões 6;
- Mamoa da Têra;
- Mamoa das Casas Velhas 3;
- Mamoa do Alto da Forca;
- Mamoa do Monte das Figueiras;
- Mamoa do Monte dos Condes;
- Sepultura do Monte da Oliveira 1;
- Sepultura do Monte da Oliveira 2;

6.2. A arquitectura

Os monumentos megalíticos funerários da área de Pavia enquadram-se tradicionalmente, em relação à arquitectura, em dois grupos principais: as pequenas sepulturas em forma de ferradura e as antas de câmara mais ou menos poligonal, com corredor. Ausentes parecem estar, até ao momento, os *tholoi*. O seu estado de conservação varia entre o danificado e o muito danificado, se bem que exista ainda um notável conjunto de monumentos em bom estado de conservação, pelo menos no que se refere à câmara, uma vez que raramente se dispõe de informação, à superfície, para o corredor.

O casal Leisner publica cerca de 80 monumentos (Leisner, 1959) apresentando somente a planta de 43 (36 antas e 7 sepulturas), o que representa um total de cerca de 54%. O facto de, por

um lado, a maioria destes monumentos se apresentar actualmente mais danificada e, por outro, de grande parte dos inéditos se encontrar muito destruída, levou-nos a optar pela utilização das plantas publicadas por estes investigadores. Assim, apesar do elevado número de monumentos existentes nesta área só em cerca de 36% é que dispomos de informação suficiente para podermos abordar comparativamente a sua arquitectura.

Câmara

1. Forma

POLIGONAL		EM FERRADURA	
7 esteios	Brissos 1 e 4; Cabeço Considreiro 1; S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Antões 3; Figueiras; Ordem 1; Matalote; Adua 1; Vale d'El Rei; Oliveira 1 e 3; Remendo 1; Caeira 2, 5, 6 e 7;	6 esteios	Antões 2
8 esteios	Brissos 6; Adua 1; Cré 1; Caeira 1;	7 esteios	Casarão das Figueiras
9 esteios	Casa Branca 3; Remendo 2	8 esteios	Madre de Deus 1;
Indet.	Brissos 7; Casa Branca 1; Lapeira 3; Antões 1; Entreáguas 1 e 4; Ordem 2, 3 e 6; Adua 2; Caeira 3;	11 esteios	Entreáguas 5; S. Miguel (?);
		Indet.	Considreiro 2; Ordem 4

Quadro 1. Forma das plantas simplificada.

A observação deste quadro permite verificar uma certa diversidade, quanto ao número de esteios, dentro dos dois tipos de plantas. As melhores representadas são as antas poligonais de 7 esteios e as sepulturas de 11 esteios.

Para os monumentos inéditos só é possível conhecer-se o número de esteios da câmara em quatro antas (Casa Velhas 1, Cré 4 e Antões 6, com 7 esteios e Gonçalves 3, com 8 esteios); em relação às sepulturas, o número de esteios visíveis é de 3 esteios (Remendo 1 e Adua 4), 5 esteios (Têra), 6 esteios (S. Miguel 2), 8 esteios (Remendo 2) e 9 esteios (Antões 6). No caso das sepulturas é provável que algumas possuam mais esteios, uma vez que na maioria apenas afloram à superfície ou estão debaixo de amontoados de pedras. No entanto, em algumas de 3 esteios, de planta trapezoidal, é possível que não se verifiquem lacunas estruturais.

2. Entrada da câmara

Em relação à entrada da câmara, classificámos como **normal**, quando a largura é sensivelmente idêntica à do corredor; como **estrangulada/apertada** quando existem esteios a diminuir o espaço da entrada; como **bloqueada** quando existe um esteio a dificultar a passagem; como **bloqueada e estrangulada** quando ocorrem os dois casos e, como **indeterminada**, quando a ausência de esteios na câmara ou no corredor impede essa leitura.

normal	Brissos 1 e 4; Cabeço do Considreiro; Casa Branca 3; Caeira 1, 4 e 5; Antões 3; Figueiras; Ordem 3; Matalote; Vale d'El Rei;
estrangulada/ apertada	Entreáguas 1; Ordem 1; Remendo 1 e 2; Cré 1; Caeira 7;
bloqueada	Brissos 6; Oliveira 3; Caeira 2;
bloqueada e estrangulada	Oliveira 1;
indeterminada	Brissos 7; Lapeira 1, 2 e 3; S. Dionísio; Antões 1; Entreáguas 4; Ordem 2 e 6, Adua 1 e 2; Casa Branca 1; Caeira 3 e 6;

Quadro 2. Tipos de entradas de câmaras.

A análise desta tabela permite observar a predominância dos monumentos de entrada normal. No entanto o elevado número de entradas indeterminadas torna esta avaliação muito imprecisa.

Corredor

1. Comprimento

Partindo de critérios anteriormente estabelecidos para a classificação dos corredores, para o Algarve e área de Reguengos (Gonçalves, 1989: 43; 1992: 148) podemos distinguir, com base nas medidas fornecidas pelos Leisner:

sem corredor visível	S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Ordem 2 e 6;
corredor curto	Vale d'El Rei; Entreáguas 3; Brissos 4 e 7; Herdade das Figueiras; Caeira 1, 2, 4, 7 e 8; Adua 1;
corredor médio	Oliveira 1 e 3;
corredor longo	Ferragial da Fonte; Covatos; Remendo 1; Antões 1 e 3; Considreiro 1; Casa Branca 3; Adua 2; Brissos 1; Cré 1; Caeira 5; Ordem 1;
corredor muito longo	Entreáguas 1; Casa Branca 1; Brissos 6;

Quadro 3. Comprimento do corredor.

A comparação dos diversos comprimentos de corredor permite concluir que os tipos mais representados são os corredores curtos e os corredores longos. No entanto, a observação dos espólios referentes a estes dois tipos de monumentos, onde não se observam diferenças assinaláveis, não permite, sem uma análise profunda dos conteúdos, encará-los como cronologicamente separados.

Na prática a aplicação destes resultados, apesar de viável como amostragem não permite generalizações, considerando que se trata de uma análise com base em condições de preservação actuais. Consciente dessas limitações pensamos, no entanto, que é possível propor a existência de três tipos arquitectónicos básicos, o das pequenas antas/sepulturas (11), o dos de corredor curto (8) e o dos de corredor longo (13). A presença de um número relativamente elevado de monumentos em que apenas temos a câmara conservada e um ou dois esteios de cada lado do corredor não significa, necessariamente, que elas tivessem corredor curto. O caso mais significativo neste conjunto é sem dúvida o da anta de S. Dionísio; trata-se da maior anta da área, cujo estado actual nos obriga a considerar a provável destruição do corredor.

2. Forma do corredor lida a partir da câmara.

A análise das plantas dos monumentos megalíticos funerários, da área de Pavia, permitiu estabelecer uma classificação, sumária, em relação à forma dos corredores, observada a partir da entrada da câmara para o exterior.

Considerou-se assim sete tipos: **lados paralelos**, sempre que a largura se mantém, mais ou menos constante, ao longo do corredor; **lados paralelos com estrangulamento** nos casos em que o corredor termina mais estreito; **lados divergentes/convergentes** quando se verifica um

alargamento do corredor, sensivelmente na área mesial e torna a estreitar na parte final; **lados convergentes/divergentes** sempre que existe um estrangulamento, mais ou menos na área mesial, e volta a alargar na parte terminal; **lados divergentes** para os casos em que os lados do corredor divergem a partir da entrada da câmara.

lados paralelos	Brissos 6; Lapeira 3(?); Ordem 3; Matalote; Vale d'El Rei; Remendo 2; Caeira 1;
lados paralelos com estrangulamento	Oliveira 3;
lados divergentes/ convergentes	Ordem 1; Cré 1; Remendo 1;
lados convergentes/ divergentes	Brissos 1; Cabeço do Considreiro 1; Antões 3; Entreáguas 1; Caeira 4(?) e 7;
lados divergentes	Oliveira 1;
lados convergentes	Casa Branca 3; Adua 2;
indeterminados	Brissos 4 e 7; Casa Branca 1; S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Antões 1; Figueiras; Ordem 2 e 6; Adua 1 e 2; Caeira 3, 6 e 8;

Quadro 4. Forma do corredor a partir da câmara.

A observação do quadro permite verificar que os corredores de lados paralelos e os de lados convergentes/divergentes são os mais frequentes, com 7 e 6 monumentos, respectivamente. Este segundo tipo, em que o corredor alarga na parte terminal (entrada do monumento), recorda a morfologia de sepulturas de outras áreas com um átrio à entrada. Note-se, mais uma vez, o elevado número de monumentos em que não nos é possível identificar a forma.

3. Estrangulamento do corredor lido a partir do acesso.

Em relação às diferentes posições do estrangulamento do corredor, quando este existe, independentemente da forma do corredor, pudemos distinguir cinco tipos: **inicial**; **mesial**; **terminal**; **inexistente** e **indeterminado**. O estrangulamento do corredor é, normalmente, feito através da colocação de esteios ou pedras suplementares ou então da posição dos esteios principais.

terminal	Ordem 1; Oliveira 1; Remendo 1; Cré 1; Caeira 4;
mesial	Brissos 1; Cabeço do Considreiro 1; Antões 3; Oliveira 3;
inicial	Ordem 1; Casa Branca 3; Entreáguas 1; Remendo 1; Cré 1; Caeira 5(?) e 7;
inexistente	Brissos 4(?); Lapeira 3; Ordem 3; Matalote; Vale d'El Rei; Remendo 2; Caeira 1;
indeterminado	Brissos 7; Casa Branca 1; S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Antões 1; Entreáguas 4; Figueiras; Ordem 2 e 6; Adua 1 e 2; Caeira 3, 6 e 8;

Quadro 5. Posição relativa do estrangulamento do corredor.

Neste caso, o elevado número de monumentos cujo corredor se encontra muito danificado, diminui sensivelmente o universo estatístico. Não obstante isso, parecem predominar os corredores sem qualquer tipo de estrangulamento.

Alguns dos parâmetros considerados são cumulativos, caso das antas da Ordem 1, Remendo 1 e Cré 1 que apresentam estrangulamentos quer na parte inicial quer na terminal.

4. Alinhamento do corredor

O alinhamento do corredor, em relação ao eixo da câmara, foi classificado em: **alinhado ao centro da câmara; desviado do eixo da câmara para Norte; desviado do eixo da câmara para Sul** e **indeterminado** quando a ausência ou estado de conservação do corredor impedem essa leitura.

alinhado ao centro da câmara	Brissos 1, 4 e 6; Casa Branca 1 e 3; Cabeço do Considreiro; Antões 3; Entreáguas 1; Figueiras(?); Ordem 1 e 3; Adua 1 e 2; Vale d'El Rei; Oliveira 1 e 3; Remendo 1 e 2; Cré 1; Caeira 1, 4, 5, 7;
desviado do eixo da câmara para Norte	Lapeira 3;
desviado do eixo da câmara para Sul	Matalote;
indeterminado	Brissos 7; S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Antões 1; Entreáguas 4; Ordem 2 e 6; Caeira 3, 6, 8;

Quadro 6. Tipos de alinhamentos do corredor.

Neste caso, existe um predomínio dos monumentos em que o corredor foi alinhado pelo eixo da câmara, havendo apenas dois desvios.

5. Dimensões das câmaras e corredores

Pelos motivos anteriormente apontados adoptou-se, também neste caso, as medidas dadas pelos Leisner (Leisner, 1956: 74-77; 99-115; 143-145) para o comprimento do corredor e diâmetro da câmara (em metros).

MONUMENTO	Dm CÂMARA	Com.CORREDOR
S. Dionísio	4,50	-----
Ferragial Fonte	2,50	3,50
Lapeira 1	3,40	-----
Lapeira 2	3,60	-----
Covatos	2,40	2,80
Remendo 1	2,80	3,0
Remendo 2	2,40	**
Vale d`El Rey	3,0	1,60
Figueiras 2	2,20	**
Oliveira 1	2,60	2,60
Oliveira 3	2,50	2,50
Antões 1	3,0	3,20
Antões 3	2,50	4,0
Gonçala 1	2,50	**
Entreáguas 1	3,60	7,0
Entreáguas 3	2,90	1,80
Folha da Anta	-----	2,0
Considreiro 1	2,80	5,0
Casa Branca 1	2,0	6,0
Casa Branca 3	3,20	4,50
Adua 1	3,20	1,20
Adua 2	2,0	3,0
Matalote 1	2,50	**
Brissos 1	2,80	4,0
Brissos 4	2,0	1,60
Brissos 6	2,20	4,50
Brissos 7	2,0	1,50
H. Figueiras 1	3,20	2,0
Torre Águias	2,30	**
Cré 1	3,0	3,50
Caeira 1	2,80	2,40
Caeira 2	2,50	2,0
Caeira 4	3,60	2,80
Caeira 5	2,40	2,70
Caeira 6	3,0	-----
Caeira 7	3,70	3,0
Caeira 8	2,50	2,0
Ordem 1	3,60	6,0
Ordem 3	-----	3,70

Quadro 7. Antas de Pavia: medidas das câmaras e dos corredores, sgd. Leisner (1956).

** monumentos com corredor; os Leisner não referem as medidas.

No que diz respeito aos diâmetros máximos das câmaras, verifica-se a existência de um grupo entre os 2,5 m e os 3, 5 m. Abaixo destes valores existem dez monumentos e acima apenas seis. Se considerarmos os intervalos dentro dos 2, 3 e 4 metros temos, respectivamente, um total de vinte e três, de treze e um monumento. Neste último caso, trata-se da anta de S. Dionísio.

Para os diâmetros dentro dos três metros constata-se que cinco dos treze monumentos não possuem corredor *longo* ou *muito longo*. Por outro lado, para os corredores com quatro ou mais metros, por exemplo, só uma (Entreáguas 1) é que tem uma câmara acima dos três metros de diâmetro. Em relação aos comprimentos dos corredores, o de Entreáguas 1 também se diferencia dos outros monumentos.

Quanto ao conjunto câmara + corredor, optou-se por não utilizar a tipologia proposta pelos Leisner, privilegiando assim uma classificação mais abrangente, sobretudo em relação à arquitectura das câmaras. Na realidade, a grande diversidade proposta por estes autores (Leisner, 1959) varia em torno da câmara poligonal, que pode ser mais ou menos alongada, tender para o trapezoidal, etc. A observação actual, no terreno, destes monumentos não nos permite, na maior parte dos casos, estabelecer uma tipologia tão precisa, o que nos levou desde o início a estabelecer a classificação genérica de câmara poligonal.

No grupo dolménico de Pavia existe uma grande homogeneidade a nível da arquitectura megalítica. Predominam os monumentos de câmara mais ou menos poligonal, de 7 esteios, com corredores curtos ou longos.

A tese de que os mais antigos monumentos megalíticos seriam as pequenas antas sem corredor foi finalmente proposta por Manuel Heleno, seguido, com mais ou menos convicção, por diversos autores. Aquele investigador, que escavou centenas de monumentos no Alentejo, particularmente na área de Montemor-o-Novo, refere que este tipo de sepulturas continha, geralmente, machados de corpo cilíndrico, picotado, e geométricos. Regista ainda a ausência de cerâmicas.

Jorge Oliveira propõe para a área da bacia hidrográfica do Rio Sever que tanto os grandes monumentos como as pequenas sepulturas tenham sido utilizados simultaneamente, pelo menos para um certo período. No entanto, não exclui a hipótese de existir uma evolução (Oliveira, 1995: 664).

Primitiva Bueno Ramírez propõe para a zona norte da Extremadura espanhola a existência de três tipos distintos de monumentos megalíticos: as câmaras simples, as de corredor curto e as de

corredor longo (Bueno Ramírez, 1988:182). Baseada nos tipos arquitectónicos e no espólios disponíveis esta autora propõe então a contemporaneidade destes três tipos no Neolítico Final considerando, no entanto, que algumas diferenças existentes nos espólios das antas de corredor curto apontam para uma maior anterioridade destas. Em relação às «câmaras simples», refere a ausência de espólios conhecidos para este tipo mas, a sua estreita relação espacial com as antas de corredor longo leva-a a considerá-las contemporâneos destas (Bueno Ramírez, 1988: 179).

Na área de Pavia também existe, por vezes, esta associação de pequenas sepulturas/ antas de corredor longo, em algumas das necrópoles (Ordem, Entreáguas, Briços e Têra) e ainda nos casos do Cabeço do Considereiro e dos Antões. No entanto, os espólios identificados para cada um destes tipos apresenta diferenças significativas.

À semelhança do que se presume para a área de Reguengos (Gonçalves e Sousa, no prelo) também aqui parece razoável manter a hipótese tradicional de os monumentos mais antigos serem as pequenas sepulturas de planta trapezoidal ou em «ferradura» e à fase mais evoluída corresponderem os monumentos de grandes dimensões. Mas, apesar de o espólio encontrado nestes pequenos monumentos apontar para a sua anterioridade não é de excluir que, em alguns casos, a sua construção possa ter perdurado e se venha a verificar a existência de uma contemporaneidade parcial entre os dois tipos arquitectónicos.

6.3. Artefactos votivos

O espólio recolhido nas escavações de Matos Silva, Vergílio Correia e Irisalva Moita encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, correspondendo a um total de 32 monumentos. É provável que algumas das antas das Herdades da Cré e de Prates tenham sido escavadas por Manuel Heleno. Contudo, esta informação não nos é acessível dado o deficiente tipo de registo efectuado por este investigador.

A maioria dos monumentos escavados forneceu um espólio que podemos considerar significativo, mas que, tendo em conta os métodos utilizados por V. Correia não deve corresponder ao total efectivamente depositado em cada monumento. Verifica-se ainda que, para muitos monumentos referidos pelos Leisner, o espólio não coincide, no número de peças, pelo que nem sempre foi possível basear-nos somente nos inventários do M.N.A. Nalguns casos, para poder elaborar um estudo comparativo dos artefactos foi necessário cruzar estes dois tipos de informação.

6.3.1. Os recipientes cerâmicos

O maior número de cerâmicas recolhidas registou-se em Antões 3 (EST. 55), sendo de realçar que, na maior parte dos casos, o número de registos de cerâmica é inferior ao de pedra polida.

As formas presentes enquadram-se nos padrões regionais, integrando nomeadamente taças, vasos e potes, de superfícies predominantemente lisas ou com aplicação de mamilos. Excepcionalmente, as antas de Entreáguas 1, Casa Branca 3 (EST. 67) e Caeira 7 (EST. 61), apresentam taças decoradas com um "... par de arcos que em posição de orbitas ornamentam as paredes de taças de barro grosso." (Correia, 1921: 61; 1972: 100). Por sua vez, as formas carenadas encontram-se presentes em 12 monumentos.

Na anta de Entreáguas 1 registou-se a ocorrência de dois suportes cerâmicos para artefactos de pedra polida (EST. 54). Um dos suportes estava vazio e o outro ainda conserva o pequeno artefacto *in situ*. O primeiro possui ainda uma concavidade sensivelmente a meio o que o torna muito semelhante ao que alguns autores chamam de *ídolos de cornos* (Fernandez e Oliva, 1985; Gonçalves, 1989; Gonçalves, J. L., 1994; Hurtado, 1984) e outros de suporte de lareiras (Cardoso e Ferreira, 1990; Cardoso, 1992).

Quanto à cerâmica proveniente da necrópole da Caeira (ver Quadro 9), há a registar que, aparentemente, nem todos os materiais publicados pelos Leisner (Leisner, 1959) se encontram depositados no M.N.A.

Neste conjunto, predominam as peças abertas, carenadas, de pastas semi-compactas e com as superfícies externa e interna alisadas. A cozedura é normalmente redutora.

Em relação à decoração registam-se apenas três exemplares decorados: dois com pequenos mamilos, simbólicos, apareados e um terceiro com a representação da arcada supraciliar.

6.3.2. A pedra polida

Os machados e enxós encontram-se distribuídos por quase todos os monumentos desta área. As maiores concentrações verificam-se nas antas de Brissos 6 (EST. 64 e 65), com 28 exemplares, Caeira 7, com 15 exemplares e Entreáguas 1 (EST. 53 e 54), com 14 exemplares. Em alguns casos (8) apareceu somente um artefacto de pedra polida.

As secções transversais ovais estão presentes em 8 monumentos. A este tipo de secção alia-se normalmente um corpo picotado ou muito mal polido.

Característica comum a quase todos os instrumentos de pedra polida de anfíbolito é o tipo de acabamento “tosco”. De facto, para além do polimento efectuado no gume, o resto do artefacto não parece ter merecido muita atenção por parte dos respectivos artífices. Nas antas de Brissos e na de S. Dionísio, por exemplo, alguns dos artefactos de pedra polida ou estão inacabados (formas imperfeitas, talão cortado, sem gume, etc.), ou têm sinais de uso no gume e talão. Os de corneana (?) e de fibrolito, materiais mais raros, tiveram um tratamento diferenciado, apresentando-se integralmente polidos.

As goivas encontram-se somente em três monumentos, Lapeira 3, Brissos 1 e Têra 1.

Quanto à pedra polida proveniente das antas da Caeira (ver Quadro 10), alguns dos exemplares publicados pelos Leisner (Leisner, 1959) também não parecem encontrar-se depositados no M.N.A. De um total de 14 artefactos, só foi possível localizar três enxós.

Os artefactos apresentam-se, maioritariamente, intactos e com um acabamento mais ou menos cuidado. Em alguns casos existem sinais de uso no gume e talão. Os bordos são sobretudo divergentes e as secções transversais são sempre poligonais.

As enxós são também de anfíbolito e, na sua totalidade, o estado do gume apresenta sinais de uso.

6.3.3. A pedra lascada

A pedra lascada é escassa na área de Pavia, registando-se a sua presença em 14 monumentos. A anta da Ordem 1 (EST. 69 e 70) regista o maior número de artefactos recolhidos (17). Este grupo é também o que, pelas suas dimensões, poderá ter sido menos exaustivamente recolhido nas escavações antigas. Por outro lado, do espólio desenhado e publicado pelos Leisner é também o que regista actualmente mais ausências no Museu.

	Lâmina	Ponta Seta	Alabarda	Micrólito	Outros	Total
ANTÕES 3	1					1
CAEIRA 2	2					2
CAEIRA 5	1					1
CAEIRA 7	7	1				8
CAEIRA 8	2					2
CASA BRANCA 3		4				4
CONSIDREIRO 1		2				2
BRISSOS 4	2	1				3
BRISSOS 6	3	3	1		1	8
ENTREÁGUAS 1	6					6
FER. da FONTE	2			2		4

LAPEIRA 3	2	1				3
OLIVEIRA 1	1	1				2
ORDEM 1		14	1	1	1	17
TÊRA 1	2				1	3

Quadro 8. Total de pedra lascada. (M.N.A. e Leisner).

Em relação à pedra lascada proveniente das antas da Caeira (ver Quadro 11) existem nos depósitos do M.N.A. nove lâminas de sílex e uma de xisto jaspóide (elemento de foice?); uma das lâminas de sílex (?) apresenta-se em mau estado de conservação devido, provavelmente, à acção térmica e apresenta um brilho gorduroso. As secções são, maioritariamente, trapezoidais e o bolbo de percussão só se encontra bem definido em dois dos quatro fragmentos que incluem a extremidade proximal.

Existe ainda um fragmento de ponta de seta com aletas tipo alcalarense (EST. 61) na anta da Caeira 7, para a qual não se conhecem paralelos nesta área.

6.3.4. As placas de xisto e os báculos

As placas de xisto encontram-se presentes em 17 monumentos, dispersos um pouco por toda a área. As antas com mais placas de xisto recolhidas são as de Brissos 6 (34), Caeira 7 (33), Ordem 1 (19) e S. Dionísio (17). Curiosamente, a anta de Brissos 6 (EST. 64 e 65) aparece registada no Museu Nacional de Arqueologia como “anta das placas”. Os restantes monumentos apresentam valores relativamente baixos.

À semelhança do que se verifica com a pedra polida, também as placas de xisto têm normalmente a superfície, sobretudo a não decorada, pouco regularizada. Por vezes, é a própria matéria-prima que não é de boa qualidade apresentando o xisto muitas irregularidades e veios. Algumas placas apresentam indícios de terem sido reutilizadas e outras uma decoração aparentemente pouco planeada. Efectivamente, por vezes, os riscos são muito tortos, encavalitados ou sobrepostos. As próprias perfurações têm tendência para serem oblíquas apresentando mais que uma tentativa de furo.

A decoração é muito diversificada aparecendo desde as placas totalmente decoradas até às mais simples como a da anta de S. Dionísio (EST. 58) com duas linhas paralelas, preenchidas com traços, contornando o perímetro da placa, ou ainda a da anta do Considreiro 1 (EST. 67) onde apenas se indicam os olhos com duas covinhas, ficando o resto da placa toda lisa. Os olhos foram representados de várias formas aparecendo por vezes substituídos pela linha da arcada supraciliar (Correia, 1972: 113). A decoração com riscos anárquicos aparece numa placa de Antões 3 (EST. 55) e duas da Ordem 1 (EST. 69).

Em relação às antas da Caeira, encontram-se actualmente no M.N.A. apenas 24 fragmentos de placas de xisto, geralmente de reduzidas dimensões (EST.50 e 61). As placas, desenhadas pelos Leisner (Leisner, 1959) ou por V. Correia (Correia, 1921) e que correspondiam às menos

fracturadas ou mesmo peças inteiras, não fazem parte desta colecção. Tendo em conta o número de placas desenhadas e os fragmentos existentes no Museu, deveria existir um total de cerca de 34 peças, nesta necrópole.

Assim, a análise das placas de xisto existentes no Museu (ver Quadro 12) baseou-se sobretudo em fragmentos pelo que, em alguns dos parâmetros considerados, o alcance deste estudo foi muito insuficiente. Com efeito, de um modo geral, os fragmentos apresentam-se em mau estado de conservação e com uma qualidade de acabamento média.

Em relação às perfurações, verifica-se que, para os casos em que o fragmento permitia essa identificação, quatro dos exemplares apresentam apenas uma, outros quatro apresentam duas perfurações e, apenas um deles não tem nenhuma.

Quanto à decoração, em apenas num caso está presente nas duas faces da placa. Do ponto de vista da organização do espaço decorativo, pode afirmar-se que este se organiza, maioritariamente, em duas áreas distintas e, apenas num caso, apresenta a superfície tratada como um todo. A compartimentação do espaço é feita, sobretudo, através da mudança dos elementos decorativos. Por outro lado, apenas em duas placas se verifica a separação das duas áreas através de uma faixa horizontal.

A questão da importância da existência ou não de separação na decoração das placas de xisto foi recentemente tratada por Victor Gonçalves (Gonçalves, 1992: 84-88), que propõe a existência de “duas áreas de significado complementar nas placas gravadas” da área de Reguengos de Monsaraz.

A decoração é geométrica, sendo os elementos de base as faixas estreitas verticais ou horizontais e os triângulos preenchidos. No conjunto da Caeira estão ausentes as representações explícitas da simbologia solar. Por outro lado, as linhas horizontais localizadas abaixo da perfuração de uma das placas, poderão ser interpretadas como “tatuagens” ou “sobrancelhas”.

Se tivermos em conta o número de placas de xisto das antas maiores, como número mínimo de enterramentos (Gonçalves, 1992:19) poderemos contabilizar para as antas de Brissos 6 e Caeira 7 um total de 34 e 33 enterramentos respectivamente.

Os báculos são extremamente raros nestes monumentos, tendo sido recolhido apenas um exemplar nas antas da Caeira 7 (EST. 61) e Brissos 6 (EST. 65).

6.3.5. Os artefactos de osso

Os artefactos votivos em osso, lagomorfos, alfinetes de cabeça postiça, ídolos chatos, etc., estão praticamente ausentes neste conjunto, apenas se registando a presença de alfinetes de cabeça (20 fragmentos) na anta da Ordem 1.

6.3.6. Os objectos de adorno

As contas de colar ocorreram em 5 monumentos, sendo o conjunto mais significativo o da Ordem 1 (EST. 69), com 37 contas.

Pendentes, reaproveitando ou não placas de xisto estão presentes em Antões 3 (1) (EST. 55), Entreáguas 1 (1) (EST. 54) e Ordem 1 (1) (EST. 69).

6.3.7. Outros

Artefactos em metal encontraram-se em 4 antas, Considreiro 1 (1) (EST. 67), Antões 3 (2) (EST. 55), Entreáguas 1 (1) (EST. 54) e Ordem 1 (2) (EST. 69).

6.4. Ritual funerário

A utilização ritual de ocre, testemunhada recorrentemente em monumentos megalíticos funerários do Alentejo, verificou-se também na maioria das antas de Pavia. Apesar da ausência de registo de pormenor sobre as condições de jazida dos artefactos, a análise efectuada ao espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia permite-nos supor que, muito provavelmente, teria sido possível individualizar camadas avermelhadas no interior dos monumentos. De facto, a consistência actual das manchas, em alguns artefactos de pedra polida e placas de xisto, deixa supor a utilização de uma quantidade significativa de ocre. Vergílio Correia refere “(../...) ter encontrado num dolmen do Cabeço da Anta, na herdade de Casa Branca do Outeiro, termo de Pavia, uma perfeitíssima placa de schisto com os desenhos ainda cobertos de ocre vermelho”, o que o fez propor que “... todas as placas foram pintadas...” (Correia, 1972: 109-110)

Estas manchas que, nas placas de xisto se localizam sobretudo no verso e se distribuem mais ou menos aleatoriamente (no grupo da Ordem aparecem mais junto à perfuração), nos instrumentos de pedra polida encontram-se sobretudo no gume e talão.

A observação do conjunto artefactual disponível destes monumentos permite verificar a existência, à partida, de dois tipos de associações: o conjunto machado(s) + enxó(s) ou apenas machados, presentes nas sepulturas em forma de ferradura, com uma total ausência de cerâmicas e de placas de xisto e associações muito mais complexas em que os machados aparecem juntamente com outros materiais. Note-se, no entanto, a ausência de lagomorfos, cerâmica simbólica, falanges afeiçãoadas e/ou decoradas e dos «ídolos chatos».

Apesar da ausência de datações absolutas para estes monumentos e das dúvidas legítimas que se têm colocado em relação à tradicional sequenciação cronológica dos espólios e das estruturas dos mais simples para os mais complexos, pensamos que o conjunto dos dados de Pavia permitem assumir, como hipótese de trabalho, a correspondência do primeiro grupo a uma fase média do Neolítico e do(s) segundo(s) a uma diacronia mais longa que se iniciaria no Neolítico final e, em alguns casos, se estenderia até ao Calcolítico pleno.

Monumentos como Brissos 6, Cabeço do Considreiro 1, Casa Branca 3, Antões 3, Entreáguas 1 e Ordem 1 com placas de xisto, cerâmica decorada e metal ou báculos, têm naturalmente uma utilização até períodos mais recentes, já dentro do 3º milénio, em anos de calendário.

A relação entre ambos os grupos parece encaixar num processo de transformação gradual, sem grandes perturbações, do mesmo modelo de ritual funerário; essa transformação traduziu-se num crescimento, tanto em termos da dimensão arquitectónica como da diversidade dos objectos votivos que, num processo naturalmente cumulativo, chegaram até nós. Esse crescimento implica, pelas novas volumetrias adoptadas, um maior esforço comunitário na construção, uma mais forte presença na paisagem simbólica e, em termos práticos, uma maior capacidade como “contentor” de mortos. Esta última consequência é reflectida na riqueza dos espólios e pode relacionar-se, particularmente se considerarmos o elevado número de monumentos deste último tipo na área de Pavia, com um período de expansão no território, com claras implicações demográficas, num contexto económico bem sucedido, assente no incremento da exploração agrícola. A evolução natural a partir de uma distribuição no território mais discreta - note-se que em todos os grupos em que há sepulturas (quase todas “em ferradura”), há também antas de corredor, sempre em maior número, enquanto noutros grupos as sepulturas são, pelo que se sabe, inexistentes.

A aparente ausência de uma rede de povoamento e enterramentos ligados ao Calcolítico final e, sobretudo, à Idade do Bronze deixa em aberto a possibilidade da desagregação destas comunidades, por razões que desconhecemos, mas que podem relacionar-se com uma possível

exaustão do potencial agrícola dos solos, na sequência de uma sobreexploração continuada dos mesmos pelas populações “megalíticas”.

6.5. Implantação

No que se refere à implantação dos monumentos megalíticos verifica-se uma preferência pelas áreas de topo, 66 monumentos (56%), em detrimento das vertentes e baixas, com 39 monumentos (33%) identificados.

Para as antas destruídas ou não identificadas no terreno (13) optou-se por deixar a ficha descritiva interrogada, neste campo, uma vez que a sua localização exacta é, neste momento, impossível.

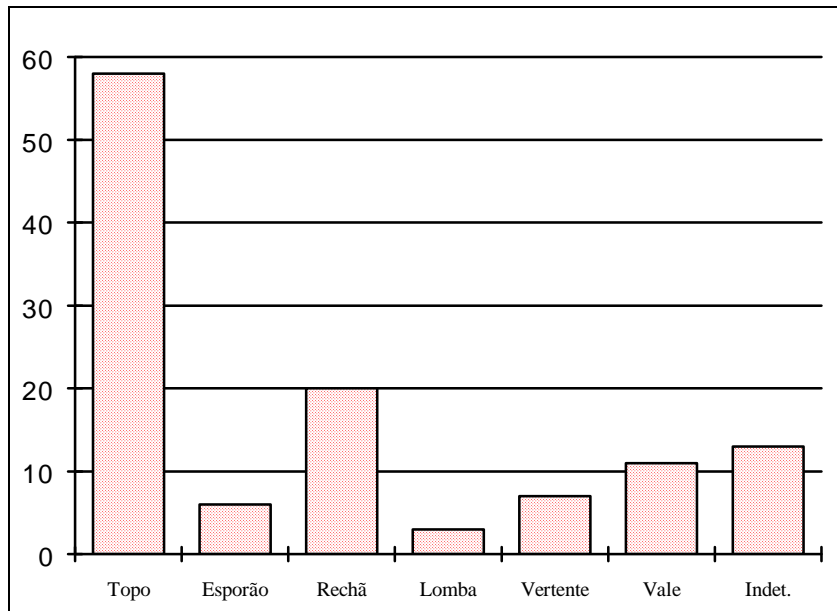


Gráfico 2. Padrões de implantação topográfica.

A análise da implantação destes monumentos permite verificar uma certa arbitrariedade na relação com a geologia, uma vez que se conhecem alguns na proximidade de afloramentos enquanto outros não. A maior parte situa-se em pontos relativamente dominantes que, não sendo sempre os mais altos, possuem, no entanto, um bom domínio visual sobre os territórios envolventes; mesmo as que foram construídas em vertentes desfrutam, normalmente, dessas condições.

O conjunto de antas que se situa junto à actual vila de Pavia, particularmente a anta-capela de S. Dionísio, as da Ordem, Entreáguas e Caeira, pela sua localização altaneira destacavam-se, muito provavelmente, na paisagem. Pelo contrário, as antas da serra de Briços e as da Cré facilmente passariam despercebidas, umas pelo acidentado do terreno e as outras, devido à grande quantidade de afloramentos que existem dispersos nesta área.

A necrópole da Ordem destaca-se, não só pela proximidade e elevado número de monumentos, como também pelas características da área onde se implantam: trata-se de uma área plana com excelente visibilidade, junto à confluência da ribeira da Sêda com a do Almadafe, onde os monumentos megalíticos funerários distam entre si apenas algumas dezenas de metros (EST.33).

Matos Silva que escavou este conjunto nos finais do século passado refere, como se disse, que as nove antas formavam dois alinhamentos paralelos (Silva, 1895: 120). Actualmente apenas existem sete monumentos e o seu estado de conservação não permite identificar o referido alinhamento.

É ainda de realçar o facto de as maiores concentrações de monumentos se encontrarem junto às margens das principais ribeiras e linhas de água. A proximidade da água foi, sem dúvida, uma das condicionantes tomadas em consideração pelos construtores das antas desta área, facto já constatado por Vergílio Correia (Correia, 1921: 65).

As pequenas sepulturas encontram-se em áreas de topo, normalmente aplanado, ou em vales, ambos com boas condições de visibilidade (EST.32), pelo que seriam facilmente percebidas na paisagem, apesar de, em princípio integrarem mamoadas de pequenas dimensões.

Por outro lado, os monumentos de maiores dimensões, como a anta-capela de S. Dionísio, as antas da Ordem, Entreáguas 1, Casa Branca, Cabeço do Considreiro 1, Antões 1 Caeira e Cré 1, implantam-se em áreas de cumeada, claramente destacadas em relação às outras, implantação que constitui a nota dominante na área de Pavia.

Tem sido insistentemente proposta a hipótese de alguns destes monumentos terem sido concebidos como marcos na paisagem. Esta questão, avançada, em termos gerais por Colin Renfrew (Renfrew, 1976) e reposta, em perspectivas diversas, para o caso português, por diversos autores (Gonçalves, 1992 e 1995; Jorge, 1994; Parreira, 1996) tem que ter necessariamente em conta vários factores, alguns dos quais não nos é possível actualmente aferir. De facto, as seguras diferenças no coberto vegetal, só por si, podem ter condicionado dramaticamente a leitura da paisagem. No entanto, estas reservas não implicam necessariamente a recusa do papel dos monumentos megalíticos, em geral, como marcadores e reguladores da paisagem cultural.

Em termos de acessibilidade verifica-se que esta é geralmente *média* (59 monumentos) e *elevada* (41 monumentos). Apenas cinco monumentos foram classificados como tendo uma acessibilidade *reduzida*.

Registou-se a presença de «covichas» em seis monumentos megalíticos funerários na área de Pavia, em quatro casos tendo como suporte o chapéu e, em apenas dois, os esteios. Resta, naturalmente averiguar a exacta relação cronológico-cultural entre os megálitos e as «covichas», sendo certo que estas continuam em uso até mais tarde.

No que se refere à capacidade de uso dos solos, os monumentos implantam-se preferencialmente nos solos D e E, com 28 e 64 antas respectivamente. Nos solos da classe C não se encontra, actualmente qualquer monumento, enquanto que nos solos A se registam 4 e nos solos B, 12.

6.6. Distribuição espacial

As antas e sepulturas megalíticas distribuem-se ao longo das duas margens das principais ribeiras da área, verificando-se as maiores concentrações nas ribeiras do Almadafe, da Tera e do Divor.

De um modo geral, estes monumentos megalíticos localizam-se muito perto uns dos outros, alguns deles formando grupos ou necrópoles perfeitamente individualizados. Se as semelhanças arquitectónicas e artefactuais nos podem, em alguns casos, como na necrópole da Caeira ou da Ordem, sugerir um uso virtualmente simultâneo, o mesmo já não se verifica nas do Cabeço do Considreiro, Antões e Entreáguas, que parecem inscrever-se num leque cronológico-cultural mais aberto.

No entanto, é de salientar a partilha, supostamente diacrónica, do mesmo espaço pelas pequenas sepulturas, com espólios mais escassos e menos enterramentos e as grandes antas que, em vários registos, apontam para um número muito mais elevado de enterramentos. Isto parece traduzir uma “evolução na continuidade”, num quadro de intensificação económica, em estreito paralelo com outras áreas da região; o cenário paviense (como o de Reguengos) difere substancialmente daquele que, no Norte alentejano, permitiu considerar sincrónicos os grupos de antas de xisto e os de granito, uma vez que os monumentos de ambos os grupos ocorrem claramente separados no espaço.

Noutra perspectiva, raros são os monumentos que aparecem isolados e, mesmo nesses, a distância ao que lhe fica mais perto não excede os 5 km. A maior parte dista entre si algumas centenas de metros ou simples dezenas; os dois monumentos que se encontram mais perto estão no conjunto da Ordem, a uma distância de 7m.

“Uma outra componente que nos parece ser comum às religiões «megalíticas» é realmente a valorização sagrada do espaço, a marcação, com os próprios túmulos, ou com grandes blocos de pedra (menires), de uma geometria simbólica, seja ela a do círculo (círculos líticos), ou a da linha recta (alinhamentos).”

Jorge, 1990: 239

7. Megalitismo não funerário

7.1. A amostra disponível

Os primeiros monumentos meníricos conhecidos na área de Pavia foram identificados nos anos setenta pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal que registou dois cromeleques, o das Fontaínhas e o do Monte das Figueiras e um menir, o do Monte da Têra (Zbyszewski *et al.*, 1977). Até então, este tipo de monumentos tinha, estranhamente, passado despercebido aos anteriores investigadores. No decurso das prospecções efectuadas nos dois últimos anos identificámos novos menires isolados ou agrupados, num total de sete sítios inéditos.

Gráfico 4. Total de sítios cartografados.

Menir da Gonçala
Menir da Têra 1
Menir da Têra 2
Menir da Têra 3
Menir da Têra 4
Menir da Caeira
Recinto megalítico das Fontainhas
Recinto megalítico(?) da St Madre de Deus
Recinto megalítico do Monte das Figueiras
Recinto(?) megalítico do Monte da Têra
Alinhamento do Monte da Têra

7.1.1. Alinhamento do Monte da Têra

O Alinhamento do Monte da Têra situa-se num terreno ligeiramente inclinado para Sul, perto da ribeira de Têra. Foi identificado durante os trabalhos de prospecção efectuados já em 1996, pela autora e pelo Dr. Manuel Calado. Eram visíveis à superfície cinco monólitos, todos tombados para Sul.

A. Metodologia da escavação

Em Julho procedeu-se à implantação de uma quadrícula de referência, com uma malha de 2m x 2m, com os eixos orientados sensivelmente a N/S - E/W e ao respectivo levantamento topográfico (efectuado pelo topógrafo António Nunes, da Câmara Municipal de Mora). Os pontos foram cotados a partir de um ponto, por nós implantado no terreno, ao qual foi atribuída uma cota fictícia de 100.00, uma vez que do sítio não se avistam pontos geográficos que o permitam integrar directamente na rede geodésica nacional.

As coordenadas alfabéticas desenvolvem-se entre o E e o J e, as coordenadas numéricas entre o 10 e o 15. A quadrícula inicial compreendia apenas até ao nº 14 (Fig.1) mas durante os trabalhos de escavação tivemos que alargá-la mais dois metros.

A escavação foi concebida em *open area* seguindo o método de Barker/ Harris.

Após a limpeza superficial da área delimitada optou-se por abrir os quadrados onde se implantavam os menires e em alguns casos não se abriu todo o quadrado. Durante a escavação da U.E.0 começaram a surgir pedras em torno dos menires o que indiciava o aparecimento das estruturas de implantação.

O prosseguimento da escavação permitiu identificar uma estrutura pétreia (U.E.12), tipo calçada, onde os alvéolos dos menires se encontram bem definidos (Fig.2 e 4) variando a sua largura entre 1,46 m e 1,76 m. É constituída por pedras de diferentes tamanhos e composições (xisto, quartzo, quartzito e granito). Esta unidade encontra-se muito bem conservada à excepção dos quadrados I e H 12, onde, provavelmente devido à acção da maquinaria agrícola, se apresenta menos definida, estando também o menir deslocado.

A cuidadosa escavação desta estrutura veio chamar a atenção para a existência de outros alvéolos onde não se encontram actualmente menires. Assim, o alinhamento deveria ser constituído inicialmente por nove menires.

Os alvéolos aparecem colmatados por pedras de diferentes granulometrias e matérias-primas (Fig.3), por uma camada de terra bastante compacta e de aspecto algo gorduroso, da qual se recolheu uma amostra para análise, e por uma camada de seixos compactados, a qual aparecia normalmente na base a revestir a fossa. Os materiais arqueológicos recolhidos encontravam-se todos acima desta camada de seixos. A escavação dos alvéolos permitiu observar que a calçada é, nestes locais, constituída por três fiadas de pedras sobrepostas.

As terras foram todas crivadas e recolheu-se amostras de terras para futuras análises e crivagens mais finas.

Os materiais encontrados resumem-se a escassos fragmentos de cerâmica de roda e alguns, raros, de cerâmica manual, um fragmento de um dormente, um fragmento proximal de lamela de sílex e um fragmento de quartzo hialino. Recolheram-se ainda alguns carvões.

Medidas dos menires:

Menir 1: 1,57 m altura x 0,60 m espessura.

Menir 3: 1,65 m altura x 0,64 m espessura.

Menir 5: 1,46 m altura x 0,42 m espessura.

Menir 6: 2,27 m altura x 0,50 m espessura.

Menir 7: 2,62 m altura x 0,54 m espessura.

B. Unidades estratigráficas:

U.E.0 - Camada de terra castanha clara de compactidade média ou elevada. Terreno arenoso, com alguns blocos de quartzo;

U.E.1 - Nível subjacente à U.E.0 e que parece corresponder ao chão primitivo. Aflora o topo dos alvéolos. Não se notam diferenças a nível da côr em relação à unidade anterior, apenas junto aos menires as terras aparecem menos compactas e humedecidas;

U.E.2 - Alvéolo de implantação do Menir 1;

U.E.3 - Alvéolo de implantação do Menir 2;

U.E.4 - Alvéolo de implantação do Menir 3;

U.E.5 - Alvéolo de implantação do Menir 4;

U.E.6 - Alvéolo de implantação do Menir 5;

U.E.7 - Enchimento do alvéolo do Menir 1. A camada de seixos só foi identificada nos lados do alvéolo, não aparecendo na base;

U.E.8 - Enchimento do alvéolo do Menir 2. Não se chegou a identificar o nível de seixos; apareceram algumas pedras dentro do alvéolo, uma das quais era um fragmento de um elemento de mó. Recolheram-se ainda alguns carvões e fragmentos de cerâmica, incaracterísticos;

U.E.9 - Enchimento do alvéolo do Menir 3. As terras mantiveram-se sempre muito soltas, tendo aparecido também pedras dispersas no interior. Na base identificou-se o nível de seixos. Trata-se de um alvéolo de grandes dimensões que deverá corresponder ao menir que se encontra deslocado. Recolheram-se carvões e poucas cerâmicas;

U.E.10 - Enchimento do alvéolo do Menir 4. Alvéolo de pequenas dimensões e com muitas lajes de xisto, em cutelo, no interior. Identificou-se o nível de seixos na base;

U.E.11 - Enchimento do alvéolo do Menir 5. A base do menir encontra-se ainda muito profunda. O nível de seixos apareceu logo muito acima provavelmente deslocado pela base do menir ao tombar;

U.E.12 - Estrutura pétreia, tipo “calçada” ou base de *tumulus*, onde se encontram inseridos os alvéolos dos menires. É constituída por pedras de diferentes dimensões e natureza, nomeadamente xisto, granito, quartzo e quartzito. A estrutura, com cerca de 2 m de largura, apresenta a face Leste muito bem conservada, paralelamente à orientação do alinhamento megalítico, sensivelmente a NW-SE (135^0 - 315^0).

U.E.13 - Alvéolo de implantação do Menir 6;

U.E.14 - Alvéolo de implantação do Menir 7;

U.E.15 - Alvéolo de implantação do Menir 8;

U.E.16 - Alvéolo de implantação do Menir 9;

U.E.17 - Enchimento do alvéolo do Menir 6. A camada de seixos era muito espessa. Recolheram-se alguns carvões;

U.E.18 - Enchimento do alvéolo do Menir 7. O menir, ao tombar, deslocou-se ligeiramente para W. Também neste caso o nível de seixos apareceu muito à superfície, junto à base do menir. Recolheram-se carvões;

U.E.19 - Enchimento do alvéolo do Menir 8. Retiraram-se muitas pedras do interior do alvéolo. A camada de seixos era pouco espessa;

U.E.20 - Enchimento do alvéolo do Menir 9. Não se recolheram quaisquer materiais e as terras eram muito soltas. Não se identificou o nível de seixos, apenas o da terra dura, gordurosa.

7.2. Aspectos morfológicos

O conjunto de menires da área de Pavia apresentam diferenças morfológicas entre si, podendo individualizar-se três categorias:

- monólitos arredondados ou ovóides, de pequenas ou médias dimensões. É o caso do recinto megalítico do Monte das Figueiras, alguns das Fontainhas e os menires da Têra 2, 3 e 4.

- monólitos alongados, alguns de aspecto fálico. Incluem-se neste grupo os menires do Alinhamento do Monte da Têra, do recinto(?) megalítico do Monte da Têra, o menir central das Fontainhas e o menir da Têra 1.

- grandes monólitos alongados. O único caso que se conhece nesta área é o menir da Caeira e, eventualmente o da Gonçala, se bem que este seja de menores dimensões. Uma vez que se encontram tombados não é possível saber se apresentam alguma decoração, na face inferior.

Note-se que, em nenhum destes menires se identificou, até ao momento, qualquer decoração simbólica (círculos, sóis raiados, linhas onduladas, báculos, etc.) como acontece em monumentos de outras áreas. Apenas se registou a presença de algumas «cavinhas» no menir da Gonçala e no menir 7 do Alinhamento do Monte da Têra. Também não se detectou a regularização ou polimento intencional de nenhuma superfície.

Outras observações são ainda possíveis a propósito dos menires e da diversidade que apresentam nesta área.

Em primeiro lugar, verifica-se a existência de menires isolados, de recintos megalíticos e de um alinhamento, com menires de diferentes morfologias. Não nos é ainda possível saber, com base nos dados actualmente disponíveis, se a estas diferenças morfológicas correspondem importantes diferenças cronológicas.

Em segundo lugar, regista-se uma certa uniformidade nas plantas dos recintos megalíticos, com ovais abertas, simples e relativamente pequenas. Apenas o recinto megalítico das Fontainhas apresenta um menir central (Fig. 4).

Finalmente, o número de menires por monumento e a respectiva área de dispersão, tal como as próprias dimensões dos menires de *per se* são inferiores aos registados nos recintos melhor conhecidos da região de Évora.

7.3. Implantação

Em termos de implantação, os menires situam-se em vertentes muito suaves ou terrenos aplanados, não apresentando grandes variabilidades em termos da capacidade de uso dos solos e do substrato geológico.

Em relação à capacidade de uso dos solos, implantam-se em solos das classes C, os recintos megalíticos do Monte das Figueiras, do Monte da Têra, o Alinhamento do Monte da Têra, os menires da Têra 2, 3 e 4 e, o da Gonçala; em solos da classe E, os recintos megalíticos das Fontainhas, da Santa Madre de Deus e os menires da Têra 1 e da Caeira. Note-se que, os que correspondem aos solos da classe C se situam nas áreas onde se registou a maior densidade de vestígios arqueológicos.

No que diz respeito à geologia, verifica-se que, à excepção dos recintos megalíticos das Fontainhas e das Figueiras e ainda do menir da Gonçala que se implantam, respectivamente, em areias e no complexo arcósico e argiloso das Brotas (próximo da transição para os gneisses), os restantes encontram-se nos gneisses graníticos (5), nos granitos gnáissicos (2), e nos granitos porfiróides.

A implantação destes monumentos na paisagem parece, em todo o caso, obedecer a critérios muito precisos ligados não só à geomorfologia da área como também a um fenómeno mais amplo de inserção no espaço, como se defendeu anteriormente (Calado e Rocha, 1996) e a que se fará referência no ponto 12.

7.4. Distribuição espacial

Do que diz respeito à distribuição espacial dos menires, na área de Pavia, verifica-se um relacionamento estreito com as principais ribeiras da área, a da Raia e a da Têra, com uma nítida

predilecção pelas linhas de fecho (ver EST. 1). A maior concentração surge na margem direita da ribeira de Têra (EST.21).

A relação entre o povoamento e o fenómeno menírico desta área ainda é pouco evidente e os dados ainda não são muito seguros para que se possam tirar quaisquer conclusões definitivas. Ao contrário do que acontece para a área de Évora onde existem alguns locais de *habitat* directamente relacionáveis com menires (Burgess, 1987; Calado, 1995; Fonseca, 1987; Gomes, 1989), na área de Pavia não se identificou, até ao presente, nenhum sítio directamente relacionável com o megalitismo não funerário.

Assim, à excepção do recinto megalítico das Fontainhas, que se encontra mais isolado, os restantes menires encontram-se nas mesmas áreas que os monumentos megalíticos funerários (particularmente as sepulturas e mamoadas) e alguns dos outros vestígios de *habitats*.

“Para além dos artefactos, há, naturalmente, homens, organizados de forma específica, vivendo num dado espaço, seguindo padrões de comportamento mutuamente reconhecíveis, portadores de signos de identificação no complexo comportamento social das sociedades humanas.”

Gonçalves, 1993: 188

8. Os povoados

8.1. A amostra disponível

Quando iniciámos os trabalhos de prospecção arqueológica na área de Pavia apenas se conheciam quatro sítios de *habitat*, três deles identificados e escavados por V. Correia, o Castelo de Pavia, o Castelo de Briços e o abrigo granítico da Pedra da Moura (Correia, 1914: 11-24; 40-41; 100-102) e ainda o povoado das Cabeças de Mora, referido na *Notícia Explicativa da Carta Geológica 36 - A (Pavia)* como Monte Novo do Calisto (Zbyszewski *et al.*, 1980: 38).

Deste conjunto, apenas os dois primeiros foram esporadicamente tomados em consideração nas tímidas tentativas de síntese que, a partir dos anos setenta, cartografaram ou simplesmente listaram o povoamento pré-histórico alentejano. Mesmo assim, pode afirmar-se que dois povoados numa área relativamente tão reduzida (160 Km²), representavam já uma média muito elevada no conjunto do povoamento pré-histórico conhecido, em termos regionais.

Sobre o Castelo de Pavia foi ainda publicado um breve resumo dos materiais existentes no M.N.A. por J. Arnaud (Arnaud, 1971: 201), onde se salienta o facto de os dados publicados por Vergílio Correia em 1921 se reportarem exclusivamente à última campanha (1918). Em relação ao Castelo de Briços aquele autor pensa que o mesmo não teria sido escavado por V. Correia (Arnaud, 1971:201) devido às más condições de acesso ao local. No entanto, é certo que existem alguns materiais deste povoado, depositados no Museu Nacional de Arqueologia, e sabe-se que as antas que lhe estão próximas foram escavadas por V. Correia.

Gráfico 5. Total de vestígios de *habitat* cartografados.

As campanhas de prospecções que efectuámos nesta área vieram revelar um grande número de vestígios pré-históricos inéditos, evidenciando as naturais lacunas epistemológicas e metodológicas dos trabalhos antigos, em que a monumentalidade da arquitectura megalítica funerária ofuscou geralmente os outros sinais, sempre mais modestos e exigindo uma focagem particular, que nos informam sobre diversos aspectos do quotidiano dos respectivos construtores e utentes.

Este enviesamento, que não afectou exclusivamente a pré-história portuguesa, foi já ironicamente definido, num contexto semelhante (Gonçalves, 1970), como resultando das “tendências necrológicas” dos investigadores, referindo-se ao trabalho de Georg e Vera Leisner; na verdade, V. Correia realizou aqui um trabalho cujo pioneirismo se manteve muito para além da época em que foi publicado, nomeadamente por ter postulado a necessidade de enquadrar o megalitismo funerário numa gama mais ampla de fenómenos, como são os vestígios de *habitat* ou

os supostos locais de culto. O mesmo autor ignorou, no entanto, todos os menires de Pavia (isolados ou agrupados), no que foi seguido por todos os outros que aqui trabalharam até aos anos setenta.

8.2. Descrição

Na área considerada, não foram identificados, até ao momento, quaisquer vestígios atribuíveis, com segurança, ao Neolítico antigo; efectivamente, não se encontraram cerâmicas impressas e as cerâmicas incisas são raras e, pelo contexto em que se inserem, parecem pertencer já a uma fase mais avançada dentro do Neolítico regional.

Em algumas áreas os agentes erosivos produziram, nos afloramentos de granitos porfiróides, concavidades que, aqui e ali, foram aproveitadas como abrigos naturais. O conjunto mais interessante (EST. 28), localiza-se na Herdade da Lapeira, a Leste de Pavia e é constituído por vários desses abrigos, identificados, na toponímia local, como a Pedra das Varandas, a Pedra do Sino, a Pedra da Moura, etc. (Correia, 1921: 100-101; Calado e Rocha, 1996). Num deles, a Pedra da Moura ou Lapa dos Malteses, Vergílio Correia chegou a efectuar uma pequena sondagem (Correia, 1921: 100-101), tendo recolhido alguns fragmentos cerâmicos, aparentemente pré-históricos, um percutor e um machado de pedra polida.

Neste mesmo local, recolheu-se igualmente alguns fragmentos de cerâmica, um percutor e seixos de quartzito. Identificaram-se ainda nas proximidades mais dois abrigos com vestígios de ocupação pré-histórica, Abrigo dos Malteses 2, com cerâmicas e um percutor e a Lapa das Grutas, com artefactos de sílex, quartzito, granito e cerâmica, incluindo almagrada.

Junto à ribeira de Matalote, o mesmo processo erosivo deu origem a outro abrigo natural de grandes dimensões, o do Monte das Antas, onde se recolheram, à superfície, fragmentos de cerâmica e um bordo.

No povoado do Olival, que se localiza a ESE de Pavia, no limite, pelo exterior, da área considerada neste trabalho, recolheram-se fragmentos de sílex e de cerâmica almagrada, um dos quais apresenta uma decoração incisa (Calado, 1995: 85, Est.114, 14), num contexto em que estão bem representados igualmente os abrigos rochosos naturais.

Estes sítios (EST. 6, 7, e 8), mesmo considerando algumas semelhanças paisagísticas com o povoamento do Neolítico antigo da região de Évora (Calado, 1995: 74- 82; Calado e Sarantopoulos, 1996) apresentam um conjunto de artefactos que, com as devidas cautelas relativas à escassez da amostra, os remete para momentos posteriores.

Parece aceitável uma cronologia dentro do que poderíamos considerar o Neolítico médio, numa fase em que as cerâmicas decoradas estavam já em evidente regressão e em que as carenas ou os bordos espessados ainda não tinham surgido.

Para além deste tipo específico de sítios de *habitat*, minoritário na totalidade dos registos efectuados na área de Pavia e circunscrito a blocos de paisagem muito particulares, os dados obtidos, tendo em conta quer os artefactos recolhidos quer as estratégias de implantação dos povoados, permitem supor uma intensa ocupação da generalidade deste território, durante o Neolítico final.

Os vestígios de *habitat* (EST. 9, 10 e 11) que se podem, com maior ou menor segurança, atribuir a este período, dispersam-se em áreas abertas, nalguns casos ocupando extensões consideráveis e caracterizam-se pela notória escassez de cerâmicas e de artefactos de sílex e por uma abundância relativa de mós manuais e percutores.

Dentro deste conjunto destacam-se, pelas suas dimensões e pela expressividade dos respectivos espólios artefactuais, os povoados do Monte das Oliveiras 4, onde os materiais aparecem dispersos por cerca de 5 ha, e o do Monte dos Pardais, com cerca de 2,5 ha.

O povoado do Monte das Oliveiras 4, implanta-se num cabeço alongado sem quaisquer vestígios de defensabilidade natural ou artificial (EST. 30). À semelhança do que ocorre nos outros povoados deste período (povoados da Gonçala, Monte dos Pardais 1 e 2, Monte de S. Miguel 1 e 2, da Serra de Briços e da área da Tera), a cerâmica é escassa e apresenta-se normalmente muito degradada. As formas, quando passíveis de identificação, são simples e com bordos pouco espessados. As peças carenadas e as mamiladas estão presentes em alguns destes sítios, em percentagens muito pouco significativas (EST. 38). Note-se a ausência de pratos de bordo espessado que aparecem já nos povoados do Calcolítico inicial (Monte do Henrique Soeiro e Cabeças de Mora) e médio/final (Castelo de Pavia).

A raridade das cerâmicas pode corresponder a um fenómeno de conservação diferencial, relacionado com a má qualidade das próprias pastas e com uma intensa utilização agrícola dos solos, em épocas posteriores ao abandono dos povoados; convém anotar que este fenómeno é particularmente visível nos solos detríticos de tipo cascalheira cuja mobilização pode ter desencadeado processos abrasivos e outros, sobre os materiais mais sensíveis. Parece sintomático, de facto, que em alguns dos locais onde se recolheram cerâmicas estas se apresentam muito erodidas e com pastas pouco consistentes.

Existem ainda alguns núcleos de *habitats* pouco definidos (Portela, Monte das Cabeças, Monte da Adua 1, Pavia, Monte de Vale do Poço 2, Monte da Cré, Monte da Caeira 2, Monte das Figueiras 2, Monte das Oliveiras 2, Monte do Rato) devido à má visibilidade dos solos ou à efectiva escassez de artefactos à superfície.

Por último, deve realçar-se a presença de um elevado número de achados dispersos ou isolados (EST. 9) normalmente constituídos por elementos de mó (alguns de grandes dimensões) e percutores. A significativa percentagem deste tipo de artefactos aponta para uma forte componente agrícola da economia das populações de Pavia, neste período.

Não esqueçamos que alguns destes achados, desprovidos de contextos reveladores, podem não traduzir, pelo menos directamente, a presença de verdadeiros locais de *habitat*; a prática bem documentada, com aparentes implicações rituais, de incorporar elementos de mós na construção dos monumentos megalíticos, permite manter a dúvida sobre se alguns dos sítios registados corresponderiam a monumentos megalíticos destruídos.

Apesar da ausência de informação estratigráfica ou cronométrica, os povoados de Henrique Soeiro (EST. 40, 41 e 42) e das Cabeças de Mora (EST. 43) apresentam já uma nítida diferenciação a nível artefactual que, por comparação com as áreas limítrofes, os permite enquadrar, provisoriamente, já no Calcolítico inicial.

Estes dados apontam para um processo de regressão populacional ou talvez de um simples agrupamento das populações, que parece atingir o seu apogeu no momento seguinte. De facto, para o Calcolítico médio/final o único povoado fortificado identificado até ao momento continua a ser o Castelo de Pavia (EST. 44), numa área de 160 km².

8.3. Estratégias de implantação

Em termos de estratégias de implantação poderemos considerar a existência de três modelos distintos, aparentemente escalonados no tempo:

1) povoados em áreas com grandes afloramentos rochosos de granitos porfiróides, ocupando abrigos naturais e as respectivas imediações. Situam-se todos nas proximidades de cursos de água (EST. 28). Em relação à capacidade de uso dos solos, aparecem todos implantados em solos da classe E, perto de manchas das classes C e D;

2) povoados implantados predominantemente em áreas abertas, topos aplanados ou terrenos baixos sem quaisquer vestígios de defensabilidade natural ou artificial (EST. 29 e 30, nº1). No entanto, não é de excluir a hipótese de se verificar em alguns destes povoados o mesmo fenómeno que ocorre em alguns da área de Badajoz e Elvas, onde aparecem estruturas (defensivas ?) em negativo, com fossas escavadas, em contextos geológicos semelhantes.

Em relação aos materiais, estes encontram-se dispersos por áreas relativamente extensas, como acontece com os povoados da Gonçala, Monte dos Pardais 1 e 2 e Monte das Oliveiras 4. Em termos geológicos verifica-se que se encontram implantados em todas as manchas geológicas à excepção do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos e das aluviões modernas. No complexo arcósico e argiloso de Brotas os povoados encontram-se nas imediações de outras manchas. Parece assim existir uma certa preferência pelas áreas de transições geológicas. Em termos de capacidade de uso dos solos implantam-se, sobretudo, em solos das classes E (23 sítios) e C (19 sítios), mas nas imediações de solos A, B e D.

3) povoados instalados em locais com boas condições naturais de defesa, às quais se adicionaram defesas artificiais (EST. 30, nº3). Como referimos, em toda a área de estudo, apenas se identificou, até ao momento, um povoado com estas características: trata-se do Castelo de Pavia que se implanta num esporão na margem esquerda da ribeira de Têra, em solos da classe E.

8.4. Visibilidades

Questões como a intervisibilidade ou o domínio visual sobre as áreas envolventes, são sempre problemáticas, uma vez que dependem, necessariamente, do tipo e da disposição do coberto vegetal de cada época, fenómenos cuja aproximação é sempre difícil e sobre os quais se carece de estudos regionais e locais. Atendendo apenas à topografia podemos, mesmo assim, alinhar algumas observações genéricas.

Verifica-se, de facto, que para as áreas com muitos afloramentos graníticos, sobretudo nos troços mais declivosos, a visibilidade é menor, como acontece com a generalidade dos povoados em abrigos rochosos; o Castelo de Pavia, implantado junto ao leito muito encaixado da Ribeira de Tera, dispõe também de um campo visual relativamente curto, limitado pelas lombas que flanqueiam o curso da ribeira.

Pelo contrário, a maioria dos vestígios identificados, atribuíveis ao Neolítico final ou ao Calcolítico inicial, implanta-se em áreas relativamente abertas, sem defensabilidade apreciável, mas

em cotas que, com a actual vegetação e numa paisagem pouco acidentada, permitem uma boa visibilidade.

8.5. Cultura material

As prospecções desenvolvidas na área de Pavia permitiram recolher um número significativo de conjuntos artefactuais, muitos deles diminutos, revelando modelos de ocupação paralelizáveis, com adaptações, aos que têm sido dados a conhecer nas áreas vizinhas de Reguengos de Monsaraz e região da Serra d'Ossa, por exemplo (Gonçalves, 1988/89; Gonçalves, 1989; Gonçalves, 1990/91; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Calado, 1995).

É necessário, evidentemente, obter leituras estratigráficas através de escavações bem conduzidas, uma vez que as únicas escavações efectuadas em povoados se reportam ao primeiro quartel deste século (Correia, 1921) e para as quais não dispomos nem de cadernos de campo nem de qualquer registo estratigráfico e muito menos, evidentemente, de datações absolutas.

Neste contexto, as cronologias que propomos para os vários tipos de *habitats*, baseiam-se apenas nos modelos de ocupação do território e, sobretudo, nos conjuntos artefactuais de superfície por comparação com as cronologias disponíveis e as sequenciações propostas para as áreas limítrofes.

8.5.1. Os recipientes cerâmicos

Em 34 sítios (povoados, povoados (?) e abrigos), recolheram-se fragmentos de cerâmica, muitos dos quais em mau estado de conservação; apresenta-se, geralmente, muito fragmentada e com pastas pouco consistentes, à excepção da que provém dos abrigos e dos povoados do Monte de Henrique Soeiro, Cabeças de Mora, Castelo de Pavia e nos da Serra de Briços, localizados em terrenos pouco expostos à actividade agrícola.

Efectivamente, poucos foram os fragmentos que permitiram uma reconstituição adequada, no que diz respeito à forma das peças; para muitos dos povoados, apenas se identificou uma ou duas formas cerâmicas, pelo que optámos por utilizar, na classificação geral das formas, a proposta tipológica aplicada recentemente aos materiais pré-históricos da região da serra d'Ossa (Calado, 1995), em que se introduziram algumas simplificações.

As cerâmicas recolhidas nos abrigos rochosos, são constituídas predominantemente por formas fechadas (2 potes e 2 vasos); as formas abertas estão representadas apenas por 2 taças e os

bordos não apresentam, em nenhum caso, qualquer tipo de espessamento. Trata-se de peças com pastas bastante compactas e superfícies bem alisadas, algumas das quais com almagre. Para os restantes povoados predominam, em geral, as formas abertas.

	Cab. Mora	Serra Briços 4	Hen. Soeiro	Puc. Cima	Mte S.Miguel	Mte Pardais 1	Mte Oliv. 4	Mte C. Velhas 4	TOTAL
Pratos	1	-	2	-	-	-	-	-	3
Taças	4	2	23	-	-	2	4	-	35
Vasos	-	3	2	1	1	-	2	-	9
Potes	-	-	2	-	-	-	3	1	6

Quadro 13. Recipientes cerâmicos dos povoados do Neolítico Final e Calcolítico Inicial.

As carenas estão presentes em cinco povoados: Serra de Briços 4, Serra de Briços 5, Monte do Henrique Soeiro, Cabeça Velha 5, com apenas um ou dois exemplares em cada sítio, e Monte das Oliveiras 4, onde se recolheram 4 fragmentos. Note-se que para a maioria destes sítios o número total de fragmentos cerâmicos recolhidos é bastante reduzido, o que, do ponto de vista estatístico, eleva a importância relativa das carenas.

No que diz respeito ao espessamento dos bordos, variável que não foi considerada na ficha de materiais, é notória a exclusividade dos bordos simples em todos os sítios atribuíveis ao Neolítico médio ou final; apenas nos povoados calcolíticos (Castelo de Pavia, Monte de Henrique Soeiro e Cabeças de Mora) se registou a presença de bordos espessados, de diversos tipos. No Castelo de Pavia, recolheram-se alguns exemplares de bordos almendrados largos, até agora inexistentes nos outros dois povoados, e nas Cabeças de Mora ocorreu um exemplar de bordo com espessamento indiferenciado.

A cerâmica desta área é maioritariamente lisa, por vezes mamilada; não se recolheu nenhum exemplar dos mamilos aplicados sobre o bordo, característicos dos conjuntos do Neolítico antigo-médio, embora tenha surgido, no Monte de Henrique Soeiro, uma peça com mamilo perfurado, ou asa tubular horizontal, cuja presença pode ser um indício de alguma antiguidade (EST. 42, nº 7). Na anta 1 de Brissos foi registada igualmente “uma vasilha esférica de colo alto provida de quatro asas perfuradas” (Correia, 1921: 40).

Surgem também alguns exemplares de cerâmica incisa nos povoados do Castelo de Pavia (EST. 71), Castelo de Briços (EST. 71) e Pucícaros de Cima (EST. 38). Excluindo os casos destes últimos povoados, devido ao estado de conservação das únicas peças recolhidas, apenas restam os

exemplares provenientes do Castelo de Pavia, referidos e desenhados por V. Correia (Correia 1921: 21) e pelos Leisner (Leisner, 1959: Taf. 24). Trata-se de dois fragmentos de cerâmica incisa, com decoração de tipo simbólico, de clara filiação calcolítica, e um pequeno vaso, supostamente inciso, “imitando toscamente o estilo cerâmico de Palmela e Ciempozuelos” (Correia, 1921: 21). A observação das gravuras publicadas, particularmente a dos Leisner, permite manter em aberto a efectiva vinculação campaniforme desta peça, uma vez que, aparentemente, foi executada, nas linhas horizontais, com a técnica de Boquique, remetendo assim para cronologias mais altas. Por outro lado, a presença de campaniforme não destoaria do ambiente claramente metalúrgico do Castelo de Pavia (Calado, 1995: 153); de facto, V. Correia refere claramente a presença de “escórias de cobre” e de um algaraviz, para além de alguns artefactos igualmente de cobre (Correia, 1921: 24).

Os pesos de tear encontrados durante as prospecções são, em termos absolutos e relativos, bastante escassos, o que poderá ser interpretado como revelador de uma fraca actividade de tecelagem. De facto, estes artefactos recolheram-se apenas em dois povoados, no Mte das Oliveiras 4, com 1 peso de tear de tipo placa e, no povoado do Mte do Henrique Soeiro, 4 pesos de tear de tipo placa. Um destes apresenta uma decoração de linhas paralelas, em zig-zag, organizadas obliquamente em função do eixo maior da placa (EST. 42, nº 8), revelando uma penetração meridional dos conhecidos medelos da Estremadura..

No Castelo de Pavia, recolheram-se centenas de pesos de tear de tipo placa e crescentes, nas escavações efectuadas por V. Correia, o que indicia, para este local, a existência de uma intensa actividade de produção de tecidos, para consumo local ou mesmo, eventualmente, tendo em vista a sua “exportação” para outras áreas.

Registou-se também a presença de cerâmica de revestimento/barro de cabanas em cinco povoados: Castelo de Pavia, Cabeças de Mora, Monte do Henrique Soeiro, Monte dos Pardais 1 e Monte das Casas Velhas 4.

8.5.2. A pedra polida

Os artefactos de pedra polida são escassos em todos os sítios de *habitat* registados, até ao momento, na área de Pavia; aparentemente, a única excepção é o povoado do Castelo, para o qual não dispomos, infelizmente, de dados quantitativos. Recolheram-se machados e enxós apenas em doze sítios, com um máximo de cinco exemplares por sítio. O povoado do Monte do Henrique

Soeiro, por exemplo, onde se recolheu, em termos relativos, o maior número de materiais de superfície, ofereceu apenas três machados. Por outro lado, as enxós apareceram somente em dois sítios e apenas um exemplar em cada um.

A matéria-prima utilizada foi, sem exceção, o anfíbolito e os artefactos apresentam, normalmente, um desgaste muito acentuado. Quase todos os exemplares recolhidos estão fracturados. Note-se que se trata de artefactos de secções espessas, normalmente poligonais.

Não se recolheram outros tipos de artefactos de pedra polida.

8.5.3. A pedra lascada

Ao contrário da pedra polida, a pedra lascada aparece em cerca de metade dos sítios identificados (50).

Neste grupo considerou-se apenas os tipos recolhidos em prospecções de superfície: as lâminas, as pontas de seta, as lascas e os seixos talhados. A matéria prima mais utilizada foi o quartzo e o quartzito, sendo mais escassos os artefactos em sílex e ainda mais em xisto jaspóide.

A comparação com o que se conhece na bacia do Guadiana (e mesmo em parte da bacia do Sado), onde o xisto jaspóide aparece arqueologicamente muito melhor representado que o sílex, permite uma aproximação regional ao problema, quase virgem entre nós, da relação entre as matérias-primas e as respectivas fontes e rotas de abastecimento. A área de Pavia, carente de ambos tipos de matérias-primas, pode ter mantido, por razões logísticas fáceis de descortinar, uma relação mais forte com os circuitos de distribuição do sílex, material de incontestável melhor qualidade, do que com os do xisto jaspóide, porventura acessível a menor distância.

8.5.4. Os percutores

Os percutores são artefactos relativamente abundantes nesta área, a partir do Neolítico Final, de acordo com o esquema de enquadramento temporal que propomos. A classificação destes utensílios foi feita em função da matéria prima e da forma geral, mesmo se se desconhecem motivações funcionais ou outras para a diversidade observada.

Recolheu-se um total de 272 percutores distribuídos por 56 sítios. A matéria-prima dominante é o quartzo (176) e o quartzito (88); os restantes materiais utilizados são-no apenas residualmente (8).

No que diz respeito à forma verifica-se um predomínio dos percutores alongados (85) e dos percutores de forma irregular (67) sobre os restantes.

O índice de utilização destes artefactos não é, normalmente, muito elevado, uma vez que apresentam, em geral, menos de metade da superfície total utilizada. Note-se que o quartzo e, em menor escala, o quartzito existem abundantemente, à superfície, um pouco por toda esta área.

Gráfico 6. Sítios com mais de nove percutores.

Quanto aos percutores recolhidos no povoado do Monte das Oliveiras 4, os quais, como referimos anteriormente, beneficiaram de um estudo mais pormenorizado, verifica-se que, em relação à forma geral, predominam os percutores irregulares (53 %), seguidos dos alongados (24 %), dos achatados (c. 16 %) e dos esferoidais (c. 6 %). Apresentam-se normalmente inteiros (90 %) e com pouco uso (98 %). A matéria prima é o quartzo em 95 % dos casos.

Em relação ao peso e considerando cinco classes: 1) 1 a 250 gramas; 2) 251 a 500 gramas; 3) 501 a 750 gramas; 4) 751 a 1 000 gramas; 5) 1001 a 1250 gramas, verifica-se que a maioria dos

percutores se distribuem pelas classes 2 (41 %) e 3 (31 %), seguida pelas 4 e 5 com 10 %. A classe 1 representa apenas cerca de 7 % dos percutores.

8.5.5. Os elementos de mó

Este grupo, encontra-se presente em 46 sítios, num total de 164 artefactos. Foram classificados somente em relação à forma, uma vez que a matéria prima utilizada no seu fabrico foi quase exclusivamente o granito.

Os tipos de dormentes mais abundantes são, considerando a forma da superfície activa, os de concavidade larga, em suporte grande (28), os aplanados, em suporte pequeno (25) e os de concavidade larga, em suporte pequeno (20). Estes artefactos, devido ao seu peso e dimensão foram normalmente registados e deixados no terreno.

Em relação aos moventes recolheram-se 43 em 24 dos sítios identificados, sendo claramente predominantes os que apresentam a superfície activa de forma aplanada (35).

V. Correia considerou ainda, na sua obra, outro tipo de vestígios que classificou como “santuários” (Correia, 1921: 98-100), nomeadamente os Barroqueiros da Oliveira e a Cerca dos Antões. No primeiro caso, tratar-se-ia de um agrupamento de pedras de grandes dimensões sobre um grande afloramento, as quais formariam, segundo aquele autor, uma muralha de aspecto ovalado, com o eixo maior orientado no sentido Norte-Sul. A porta estaria virada para Sul e daria acesso a um pequeno corredor que conduziria a um recinto circular. No segundo caso, o recinto também apresentaria uma planta ovalada, seguindo a forma da própria elevação, com uma porta virada a Sul e aproveitando por vezes o afloramento natural como muro. No interior deste espaço, encontrar-se-ia a sepultura dos Antões.

A análise cuidadosa destes dois supostos recintos permitiu-nos concluir que se trata de formações naturais, eventualmente com estruturas rudimentares relacionadas com a pastorícia, de cronologia indeterminada; no caso dos Barroqueiros, são notáveis algumas formas curiosas, provocadas pela erosão, apresentando por vezes «cavinhas» naturais, fenómeno que observamos frequentemente no mesmo contexto geológico.

8.6. Distribuição espacial

Ao observarmos o mapa geral do povoamento (EST. 3) verifica-se que as maiores concentrações de sítios identificados se situam nas duas margens das principais ribeiras da área: a

Raia, o Almadafe, a Tera e o Divor, continuando pelas ribeiras que lhes são subsidiárias. Note-se que, o povoamento não parece ter privilegiado particularmente as linhas de festo (EST. 1), o que se compreende pela inexistência de festos principais, nesta área, e porque a transitabilidade transversal à rede hidrográfica não apresenta problemas de maior.

Em termos geológicos, o povoamento assenta sobretudo nas manchas de granitos gnáissicos, granitos porfíroides e de gneisses graníticos, com alguns povoados importantes localizados, a curta distância destas, nos terrenos do complexo de arcoses e argilas de Brotas (EST. 5); nas restantes áreas, a que correspondem maioritariamente às outras formações terciárias e quaternárias, estão ausentes tanto os vestígios de *habitat* como os de enterramento.

Quanto à capacidade de uso dos solos verifica-se uma nítida preferência por solos da classe C e mesmo os que se implantam sobre solos da classe E encontram-se, normalmente, nas imediações de solos com aptidão agrícola (EST. 4).

“Não apenas as cronologias são artefactos como artefactos são as hipóteses explicativas ou modelos que construímos. Quando se gastam, ou se provam inadequados, substituem-se.”

Gonçalves, 1989: 474

9. Integração cronológico-cultural

A sequência cultural na área de Pavia poder-se-ia resumir, de uma forma por enquanto muito simplificadora, nas seguintes fases:

1. Neolítico antigo/médio com a ocupação de pequenos abrigos naturais, com enterramentos em pequenas sepulturas e/ou antas de corredor curto e, eventualmente, com menires e recintos megalíticos;

2. Neolítico final com um povoamento disperso, normalmente em áreas abertas ou pequenos cabeços sem defensabilidade e com bom domínio visual sobre a paisagem; construção das grandes antas de corredor;

3. Calcolítico inicial com povoados implantados junto a cursos de água, em elevações muito suaves e ainda sem vestígios, aparentes, de defensabilidade; utilização e eventualmente construção de antas de corredor.

4. Calcolítico pleno/final, representado pelo Castelo de Pavia, encontra-se num esporão sobre a ribeira de Têra, num ponto que não é topograficamente dominante, muito embora a defensabilidade natural seja elevada. As escavações efectuadas por V. Correia revelaram a existência de estruturas defensivas (Correia, 1921: 12). Trata-se de uma implantação, a vários títulos semelhante à que encontramos no povoado do Castelo Velho do Lucefece (Alandroal), ou do Famão (Vila Viçosa) (Calado, 1993, 1995).

Quanto aos rituais de enterramento, esta época deve corresponder à fase final de utilização (e construção ?) de monumentos megalíticos funerários. A ausência de *tholoi* articula-se perfeitamente com a incipiência da rede de povoamento, para mais tendo em conta que estes monumentos, se existirem, são sempre de detecção problemática.

“El entorno rige la vida humana: la latitud y altitud, la conformación del terreno y el clima determinan la vegetación que, a su vez, condiciona la vida animal. Y todo ello en conjunto determina cómo y dónde ha vivido el hombre. O al menos así fue hasta hace muy poco tiempo”

Renfrew e Bahn, 1993:203

10. Relação povoamento/meio

A paisagem actual da área de Pavia encontra-se rendilhada por montados mais ou menos abertos de azinho, nas manchas em que aflora o soco antigo, e de sobro, nas manchas detríticas do terciário, ambos com substracto arbustivo, quando existe, pouco denso; constituem excepção, neste aspecto, a Serra de Briços e parte das margens das ribeiras de Almadafe, do Divor e da Têra, onde o coberto vegetal representa, por vezes, um sério obstáculo à acessibilidade.

A área de estudo apresenta condições favoráveis para a pastorícia, nos terrenos mais acidentados e pedregosos e para a agricultura de sequeiro na maior parte das boas manchas de solos disponíveis; a intensidade do papel económico da agricultura, pelo menos a partir do Neolítico final, parece ser confirmada pelo elevado número de elementos de mó detectados, alguns dos quais apresentam um acentuado índice de utilização.

O papel secundário, ou mesmo marginal, desempenhado pela metalurgia, cuja presença apenas foi confirmada no Castelo de Pavia, indicia um papel pouco determinante desta actividade no Calcolítico inicial/pleno desta área. Note-se, que nas áreas próximas (Calado, 1995; Gonçalves, 1996) a exploração intensiva dos recursos mineiros apenas parece ocorrer a partir dos meados do 3º milénio a.C. aparentemente conectado com o aparecimento da cerâmica campaniforme.

Em termos globais, os vestígios arqueológicos pré-históricos concentram-se sobretudo nas imediações dos principais cursos de água e a maioria perto de solos com capacidade agrícola (A a C). A maior densidade verifica-se ao longo das margens da ribeira de Têra, nos granitos e gneisses ou nas proximidades destas manchas e, pelo contrário, as mais baixas surgem nas áreas que correspondem geologicamente ao complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, actualmente recoberto por montados de sobro.

Convém, no entanto, assinalar que estas últimas foram também as menos intensamente investigadas, tendo sido feita uma prospeção menos sistemática, em função de topónimos e/ou dos acessos actuais, uma vez que também não havia registo de nenhum monumento megalítico nesse contexto.

A maioria dos povoados implanta-se em cabeços suaves, sem condições naturais de defesa e com boa visibilidade. Os únicos povoados que constituem excepção são o Castelo de Briços, Cabeças de Mora e o Castelo de Pavia que dispõem de uma excelente defensabilidade natural provocada pelo encaixe das ribeiras do Divor, da Raia e de Têra, respectivamente. No entanto, os dois primeiros não possuem, aparentemente, quaisquer vestígios de muralhas, ao contrário do Castelo de Pavia, que possuía pelo menos uma linha defensiva a delimitá-lo.

A aparente rarefacção dos povoados algures no terceiro milénio, deve-se, eventualmente, a um declínio populacional à escala regional, fenómeno que, como foi referido, pode ser também responsável pela inexistência de *tholoi* nesta área (Schubart, 1980; Gonçalves, 1989; Lillios, 1991; Calado, 1995).

Em termos gerais, a elevada densidade do povoamento pré-histórico de Pavia assemelha-se, com algumas diferenças de fundo, à da região da serra d'Ossa e da de Évora (Calado, 1995) onde as prospeções intensivas recentemente conduzidas aumentaram significativamente o número de povoados conhecidos.

“Trata-se, sem dúvida, de paisagens determinadas por arquétipos esquecidos, seleccionadas a partir de um conhecimento minucioso do espaço, em articulação, nem sempre muito clara para nós, com a vida quotidiana de quem as elegeu.”

Calado, 1996: 8-9

11. Relação *habitat*/necrópole/santuário

Em algumas das áreas de Pavia verifica-se uma relativa proximidade entre as necrópoles, os vestígios de *habitat* e os monumentos megalíticos não funerários. De facto a observação do mapa geral (EST. 18) não permite individualizar áreas específicas para cada um destes grupos, apesar de serem evidentes algumas exclusões significativas.

Para a maioria das antas a proximidade de vestígios de *habitat* é de escassas dezenas ou centenas de metros. No entanto, em nenhum destes casos é possível estabelecer com segurança uma qualquer relação de contemporaneidade, face à informação disponível.

A existência de um tipo de povoamento junto a grandes afloramentos rochosos, com materiais de características mais arcaicas, parece ser um traço comum a outras áreas do Alentejo Central, nomeadamente a região da Serra d'Ossa (Calado, 1995: 76) e a de Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992: 46; Gonçalves *et al.*, 1992: 400).

Porém, em todas estas áreas, a relação espacial entre o povoamento e o megalitismo não funerário não parece corresponder, de forma clara, ao padrão verificado na área de Évora (Fonseca, 1987; Burgess, 1987; Gomes, 1989; Calado e Sarantopoulos, 1996), onde os grandes cromeleques e alguns menires isolados se articulam espacialmente, de uma maneira quase exclusiva, com uma mancha excepcionalmente densa de vestígios de *habitat* cujos materiais mais antigos parecem corresponder à mais antiga instalação de grupos neolíticos ou em vias de neolitização no interior sul do país.

De resto, a presença diferencial de vestígios relacionados com o Neolítico antigo, nas áreas limítrofes de Évora e Reguengos de Monsaraz, e a respectiva ausência em Pavia, pode apontar

diferenças cronológicas (e culturais) entre estas áreas. Parece admissível, como hipótese, uma ocupação mais tardia do território paviano, em conexão com a construção de estruturas menfíticas de menor monumentalidade (Calado e Rocha, 1996) e outras lógicas de domesticação da paisagem, ela própria com um carácter *sui generis*.

Com base na evidência artefactual, em termos gerais, de superfície, actualmente disponível, o “grosso” do povoamento desta área parece corresponder ao Neolítico final, com povoados em áreas pouco destacadas, mais disperso, sem defensabilidade natural e próximo de linhas de água. A nível artefactual, destacou-se já a presença de um elevado número de mós e de percutores espalhados um pouco por toda a área, à excepção das manchas que correspondem aos terrenos do Complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos e às areias, grés e conglomerados dos relevos residuais.

A complexificação das actividades económicas normalmente designada como “Revolução dos Produtos Secundários” (Sherrat, 1981; 1995), em cujo contexto se insere o próprio desenvolvimento da metalurgia, parece ter tido um impacto importante, nesta área, se atendermos à excepcionalidade do Castelo de Pavia, cujo padrão de implantação testemunha um período de grandes transformações e confrontos, relacionáveis com a criação de excedentes e o controle de recursos e circuitos comerciais.

A situação verificada sugere uma alteração profunda na rede de povoamento desta área, cuja leitura se pode equacionar segundo diversas alternativas:

1) o efectivo populacional diminui e concentra-se num único povoado, fundado segundo uma nova concepção;

2) os povoados abertos mantêm-se, em simultâneo com o fortificado, que funcionaria como lugar central;

3) o povoado fortificado corresponde a um modelo exógeno, eventualmente construído por populações recém- chegadas, em conflito com os povoados abertos preexistentes, para cujo declínio contribuem.

“ A dificuldade está em que raros são os contextos peninsulares exhaustivamente estudados, em todas as suas facetas, para servirem de bases de comparação (...)”

Jorge, 1991: 321

12. Integração regional

O estabelecimento provisório de algumas relações crono-culturais entre a área de Pavia e as áreas vizinhas da Serra d'Ossa, Évora e Reguengos de Monsaraz, entre as mais próximas e paisagisticamente mais similares, apresenta hoje alguma viabilidade graças à publicação, nos últimos anos, de uma série de novos dados sobre as respectivas ocupações neolítica e calcolítica (Soares e Silva, 1992; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves, 1988/89, 1990/91; Calado e Rocha, 1996; Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado, 1995; Höck, no prelo).

Para começar, a evidência disponível deixa supor uma neolitização da área em estudo em momentos posteriores à dos arredores de Évora, onde a fase final do processo parece ter sido responsável pela erecção dos grandes conjuntos de “pedras talhas” e pela instalação de um sistema de povoamento intenso, mas disperso em pequenos núcleos assinalados na paisagem pela presença de imponentes blocos graníticos (Calado e Rocha, 1996). De facto, o povoamento mais antigo da área de Évora, balizado pelos conhecidos recintos megalíticos, apresenta uma cultura material perfeitamente integrável no Neolítico antigo, mais ou menos evolucionado, considerando as formas e as decorações cerâmicas e o tipo de indústrias líticas.

As prospecções em Pavia permitiram identificar um reduzido número de vestígios de *habitat* (Lapa das Grutas, Lapa do Maltês, Abrigo dos Malteses 2 e Abrigo do Monte das Antas) atribuíveis, provisoriamente ao Neolítico médio, com cerâmicas de formas simples, algumas almagradas e geralmente sem decoração. Note-se que em nenhum destes locais se encontraram formas carenadas ou bordos espessados, indicadores habituais de cronologias dos finais do quarto e de todo o terceiro milénio antes de Cristo. Regista-se ainda uma presença significativa de pedra lascada, nomeadamente lascas de sílex, que escasseiam nas fases seguintes, estando praticamente ausentes os elementos de mó. Tampouco se recolheu, nestes contextos, qualquer artefacto de pedra polida.

Estes conjuntos apresentam alguns paralelos nas áreas limítrofes, embora sejam de assinalar algumas diferenças cujas origens são, por enquanto, de difícil determinação.

a) na área de Reguengos, os povoados mais antigos, Pipas, Fábrica de Celulose e Quinta da Fidalga (Soares e Silva, 1992), apresentam escassa percentagem de artefactos de sílex, sendo a indústria lítica dominada pelas macroindústrias de quartzito que, por sua vez, são muito menos impressionantes em Pavia. Em contraste com esta área, aparecem em Reguengos alguns artefactos de pedra polida e elementos de mó (Pipas e Fábrica de Celulose), embora em número reduzido. A cerâmica, de formas simples e pouco variadas, apresenta, no entanto, alguma decoração impressa e plástica. No povoado da Fábrica da Celulose, considerado, juntamente com a Quinta da Fidalga, mais recente que o das Pipas, recolheram-se algumas taças decoradas com sulco abaixo do bordo, com bons paralelos em Sines e na Estremadura (Zilhão e Carvalho, 1996), onde foram registadas em níveis considerados do Neolítico médio. Este motivo decorativo, vestigial na área de Évora (Calado *et al.*, no prelo), não foi, até à data, repertoriado nos conjuntos de Pavia; são as cerâmicas almagradas, em última análise, o melhor indicador, ao nível da cultura material, de algum paralelismo cronológico-cultural entre aqueles dois povoados do Guadiana e os dos abrigos de Pavia.

Quanto aos padrões de implantação, sabe-se que os povoados mais antigos de Reguengos se localizam em áreas baixas, perto de linhas de água, sobre solos arenosos e onde não faltam também os grandes afloramentos graníticos.

b) na área de Évora, para além dos materiais que remetem para uma génese mais antiga que a de Pavia (Calado, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado e Rocha, 1996), é notória a continuidade do mesmo sistema de povoamento até momentos relativamente tardios, com ocorrência vestigial de carenas e um ou outro bordo espessado. Isto implica alguma contemporaneidade entre uma e outra área, centrada no Neolítico médio. Salienta-se a escassez relativa de cerâmicas almagradas, nos espólios de Évora, aspecto que tem como contraponto uma predominância das cerâmicas impressas, incisadas e com decoração plástica.

A pedra polida e os elementos de mó são, como em Reguengos, escassos.

Um dos aspectos que individualiza a área de Évora em relação às de Pavia ou Reguengos, diz respeito à separação nítida entre o território onde se concentra o povoamento neolítico e os territórios onde ocorre a maioria das antas da região, diferença que se traduz economicamente numa maior vocação agrícola destes últimos. Os recintos megalíticos parecem, por outro lado, demarcar, na maior parte dos casos, as fronteiras entre ambos.

c) na área da serra d'Ossa identificaram-se dois povoados do Neolítico antigo/médio, Bencatel e Olival. Em relação ao primeiro, destaca-se a presença de cerâmicas com decoração impressa, incisa e plástica o que, à partida, aponta para uma certa antiguidade em relação a Pavia.

A pedra lascada está representada maioritariamente por seixos e lascas de quartzito e a pedra polida por instrumentos de secção arredondada, sendo muito escassos os elementos de mó (Calado, 1995: 85). Este quadro, para além de eventuais discrepâncias cronológicas envolvidas, reporta-se a um contexto paisagístico muito distinto, em que a concorrência de alguns traços favoráveis, como a disponibilidade de bons solos e a abundância de água, entre outros, podem ter implicado bases económicas diferentes.

O povoado do Olival situa-se na bacia da Tera, junto ao limite com a área de Pavia e, portanto, pertence ao mesmo conjunto aqui apresentado. A cerâmica é constituída por alguns fragmentos almagrados, tendo-se registado a presença de um fragmento almagrado com decoração incisa. Esse fragmento apresenta, aliás, grandes semelhanças com outro do povoado de Bencatel, se bem que executados com técnicas diferentes (Calado, 1995: 86). Neste povoado e na respectiva área envolvente recolheram-se fragmentos de machados de secção arredondada e registou-se a presença de um dormente de mó manual.

Na área da serra d'Ossa é ainda de referir a presença de outros núcleos de povoamento pouco definidos (Atalhos, Lajes, Zambujal, Carrascal 2, Quintais, Montinho 1 e Palheiros) devido à escassez de materiais recolhidos, mas que foram genericamente atribuídos a este período.

Em relação ao megalitismo não funerário, a comparação entre os vários núcleos de menires alentejanos, em termos morfológicos e em termos dos respectivos contextos geográficos e arqueológicos, permite considerar algumas diferenças que os individualizam regionalmente.

Ao encontrar-se afastada do eixo Montemor-Évora-Reguengos, onde a densidade e a dimensão dos monumentos sugere a existência de um núcleo principal, a área de Pavia parece ter desenvolvido um fenómeno mais tardio, cronologicamente integrável no Neolítico médio e relacionável com os abrigos sob rocha. Os padrões observados poderão apontar, como já anteriormente defendemos (Calado e Rocha, 1996) para um desfasamento cronológico entre as diferentes áreas.

A recente descoberta e escavação do Alinhamento do Monte da Tera, cujos menires, originalmente nove, se encontravam inseridos numa estrutura pétreia, de tipo calçada, acrescenta uma nova dimensão e uma maior complexidade ao megalitismo alentejano, uma vez que se desconhecem, na Península, outros monumentos do mesmo género. O sistema de implantação dos

alvéolos dos menires nesta estrutura de sustentação mais complexa, poderia ter como finalidade conferir mais estabilidade ao monumento ou então ainda uma função de carácter ritual. É evidente que a questão desta estrutura estar ou não visível durante o período de utilização do monumento poderá nunca vir a encontrar resposta.

Na Bretanha, o Alinhamento do Moulin (Ille-et-Vilaine) escavado por C.-T. Le Roux (Le-Roux, 1989) apresenta alguns paralelos, gerais, com o Alinhamento do Monte da Têra. Efectivamente, este monumento, constituído por um conjunto de três filas de menires numa extensão de 400m, revelou a existência de uma estrutura pétreia de tipo calçada, para além de buracos de poste que indicam a existência de estruturas em madeira. No entanto, ao contrário do que parece suceder em Pavia, a construção deste monumento passou por várias fases de construção, entre o 5º milénio a.C. e meados do 3º milénio a.C. (Le-Roux, 1989: 27).

O Alinhamento do Monte da Têra, coloca ainda outros problemas de interpretação, pelo facto de, a menos de 50m, se encontrarem vários menires amontoados e com muitas pedras miúdas nas imediações. Este facto permite supor a existência de um monumento mais complexo, atendendo à possível conexão entre os dois conjuntos. Nesse caso, poderia tratar-se de um alinhamento mais extenso ou, em alternativa, de um conjunto alinhamento-recinto, fenómeno que se observa também nos monumentos do Morbihan.

Também os artefactos recolhidos na escavação são pouco conclusivos, em termos cronológico-culturais, uma vez que não se encontraram cerâmicas com bordos ou decorações. No entanto, o fragmento de lamela de sílex aponta, no contexto regional, para uma certa antiguidade dentro da sequência local de Pavia, sendo um dos artefactos mais característicos dos povoados do Neolítico antigo da área de Évora.

Por outro lado, a referida presença de um elemento de mó num dos alvéolos, parece ser um fenómeno recorrente, provavelmente de ordem ritual, na construção de monumentos megalíticos, quer se trate de menires quer de antas.

A atribuição da maioria dos menires ao Neolítico antigo/médio, para a qual existem mesmo duas datações de ^{14}C , sempre discutíveis, e algumas boas evidências em termos de associações artefactuais e espaciais, tem sido posta em causa, por alguns autores, com base na presumida ausência de um efectivo populacional suficiente e de mecanismos económicos e sociais que permitissem libertar mão de obra para a respectiva construção ou outras impossibilidades teóricas.

Se, para o caso de Pavia, este critério poderia ser válido, não obstante o número e a dimensão dos menires não exigirem um elevado número de pessoas, para Évora, a existência de um grande número de sítios de *habitat* dessa época, especialmente relacionados com a principal concentração de recintos megalíticos, parece abrir caminho a outras explicações.

A implantação e orientação dos recintos megalíticos nas encostas viradas a Nascente, é muito evidente nos monumentos de Évora (Almendres, Vale Maria do Meio e Portela de Mogos) sendo menos óbvia nos casos de Reguengos e de Pavia. Note-se que em Pavia eles se implantam em vertentes muito suaves, à excepção do recinto megalítico da Santa Madre de Deus que, neste pormenor, se assemelha mais aos de Évora.

Quanto às dimensões, os menires de Pavia, aproximam-se de alguns de Reguengos, dos de Ponte de Sor e do conjunto do Torrão, em Elvas, este com menires ainda menores; os dois últimos ocupam posições muito excêntricas em relação ao proposto foco eborense.

Os monumentos meníricos de Pavia parecem formar um alinhamento à escala regional (Calado e Rocha, 1996). Este fenómeno verificou-se também na área de Montemor-o-Novo - Évora - Reguengos, assim como na bacia hidrográfica do Sever (Oliveira, 1995: 428).

Finalmente, a relação entre os menires e as mais antigas sepulturas megalíticas, que supomos, na linha do modelo tradicional, tratar-se das pequenas sepulturas em ferradura, carece ainda de uma definição suficiente. Na perspectiva da sequência cronológica aqui defendida, pode haver uma contemporaneidade total ou parcial entre os dois fenómenos ou, pelo contrário, tratar-se de realidades temporal e culturalmente contíguas.

No Neolítico final o povoamento expande-se a quase todo o território considerado, à excepção das áreas de areias e dos filitos e micaxistos. As prospecções realizadas permitiram identificar um elevado número de vestígios de várias categorias, atribuíveis a este período, ao contrário do que sucede com os restantes. Os materiais recolhidos nestes sítios são maioritariamente constituídos por percutores e elementos de mós, sendo notoriamente escassa a pedra polida e lascada e as cerâmicas.

Existem algumas similitudes, mas também importantes diferenças, entre a área de Pavia e as de Reguengos, de Évora e da serra d'Ossa, as quais, por um lado, poderão estar ligadas às diferenças paisagísticas mas, eventualmente, também à rede de contactos que cada uma mantinha.

A implantação dos povoados deste período traduz uma nítida preferência por solos cultiváveis, próximos de linhas de água, sem a mínima concessão a qualquer estratégia de defensabilidade aparente. Os conjuntos artefactuais que lhes estão associados (elementos de mó, artefactos de pedra polida e percutores) atestam um importante incremento das práticas agrícolas. Aliás, este padrão parece ser um fenómeno que afectou de forma mais ou menos paralela, todo o Sul de Portugal. Nesta conjuntura, algumas diferenças ao nível dos materiais de superfície, sobretudo em relação à cerâmica e, em menor escala, à pedra lascada e à pedra polida, poderão dever-se simplesmente a diferentes condições de preservação e de visibilidade dos solos.

A região da serra d'Ossa apresenta também, internamente, diferenças de povoamento em função do substrato geológico. Os povoados implantam-se preferencialmente nos solos com melhor aptidão agrícola em detrimento das áreas mineiras (Calado, 1995: 136). O facto de alguns destes sítios se encontrarem em bons solos agrícolas, actualmente muito aproveitados, levou a que vários (Horta das Nogueiras, Salgada, Monte da Ribeira) fossem afectados por surribas profundas, o que permitiu a recolha de um número considerável de materiais.

É ainda de referir a existência de povoados que apresentam uma continuidade até ao Calcolítico (Monte da Ribeira e Salgada), mantendo-se assim neste período os povoados abertos, sem a construção, aparente, de estruturas defensivas, o que não acontece em Pavia, exceptuando, eventualmente, o caso do povoado de Henrique Soeiro.

As prospecções e as escavações realizadas nos últimos anos na área de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Soares e Silva, 1992) permitiram estudar alguns povoados, bem definidos, cronologicamente integráveis no Neolítico final/Calcolítico inicial. Trata-se de povoados na sua maior parte abertos em áreas topograficamente pouco elevadas; inserem-se neste grupo os povoados do Marco dos Albardeiros, TESP 3, Areias 15, Monte Novo 3 (Gonçalves, 1993; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992) e Perdigões (Gomes, 1989).

A cultura material destes sítios, alguns com escavações (TESP 3, Marco dos Albardeiros e Monte Novo dos Albardeiros), parece muito mais variada e abundante do que os escassos exemplares recolhidos, exclusivamente à superfície, em Pavia.

As escavações realizadas nos povoados do TESP 3 (Gonçalves, 1990/91) e no Marco dos Albardeiros (Gonçalves, 1993), ou as lavouras recentes no dos Perdigões, permitiram identificar um conjunto de estruturas escavadas, por vezes de difícil interpretação e semelhantes às existentes também em alguns povoados da área de Elvas, Badajoz, Sevilla e Huelva. Estes sítios poderão

eventualmente vir a revelar-se paralelizáveis com alguns de Pavia que apresentam, à partida, grandes semelhanças (de implantação e de geologia).

Em TESP 3, as cerâmicas aparecem bem representadas em número e variedade de formas, com uma percentagem significativa de peças carenadas, taças e pratos de bordo espessado, cerâmicas mamiladas e apenas 1% de cerâmica decorada; abundam igualmente os pesos de tear. A pedra lascada também apresenta alguma variedade morfológica estando presentes as lâminas, as lamelas, algumas retocadas, e as pontas de seta. Também a pedra polida apresenta frequências superiores às de Pavia

Apesar das discrepâncias e de outras áreas de permeio, o território de Reguengos de Monsaraz é talvez o que apresenta mais semelhanças com o de Pavia, tanto em termos paisagísticos como em termos de megalitismo. No entanto, os povoados das áreas de Évora (Hortinhas) e da serra d'Ossa (Cavaleira e Nogueiras) apresentam também grandes semelhanças gerais com os povoados abertos de Pavia. Mais uma vez estamos perante conjuntos melhor definidos onde a cerâmica, a pedra lascada e a pedra polida se encontram bem representadas.

Finalmente, é de salientar que os grandes povoados abertos identificados em Pavia, com mais de 1 ha (Oliveira 4 e Monte dos Pardais 1 e 2), ainda não foram detectados em Reguengos, à excepção, talvez do dos Perdígões, com um maior longevidade e outra riqueza cultural. Estes povoados são ainda paralelizáveis com a Mangancha e a Sala Nº 1, ambos na Vidigueira.

A transição entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial encontra-se representada nos povoados do Monte do Henrique Soeiro e das Cabeças de Mora. A ausência de escavações nestes sítios não permite o estabelecimento de uma cronologia muito precisa. No entanto, pelos materiais de superfície (aparecimento dos bordos espessados em taças e pratos) pode-se propor uma ocupação a partir do Neolítico final e, aparentemente até ao início do Calcolítico. Não se detectaram vestígios de defensabilidade artificial e apenas o povoado de Cabeças de Mora possui alguma defensabilidade natural a NE, devido ao encaixe da Ribeira da Raia. Também não existem indícios da presença da metalurgia nestes locais.

Na região da serra d'Ossa, de entre os povoados desta fase, destacam-se o Monte da Ribeira, a Salgada, o Cubo, as Pereiras e a Carrasqueira, com conjuntos artefactuais semelhantes aos de Pavia.

Na área de Évora, provavelmente devido a insuficientes investigações, conhecem-se ainda poucos povoados deste período. Os povoados da Oliveirinha, do Alto de S. Bento e da Valeira, apresentam já bordos espessados, estando ainda ausentes os almendrados no do Alto de S. Bento. Destaca-se ainda a presença de cerâmicas carenadas em todos eles.

O momento seguinte, o Calcolítico pleno/final, já com alguma incidência da metalurgia do cobre, encontra-se representado, na área de Pavia, por apenas um povoado, o Castelo de Pavia. Implantado num esporão com boa defensabilidade natural, reforçada por muralhas, revelou um conjunto artefactual, recolhido nas escavações realizadas por Vergílio Correia (Correia, 1921), perfeitamente integrável no Calcolítico do Sudoeste.

Os únicos povoados fortificados conhecidos na área de Reguengos são o Castelo do Azinhalinho e o Monte Novo dos Albardeiros; neste último, as escavações permitiram identificar uma sequência complexa, ainda mal definida, de fases de construção/ ocupação e derrube de parte de um sistema defensivo (Gonçalves, 1988/89). Estes sítios apresentam várias discrepâncias em relação ao Castelo de Pavia, não só em termos de implantação, como dos conjuntos artefactuais.

Na área da serra d'Ossa existe um conjunto significativo de povoados atribuíveis genericamente a este período, sendo de realçar os povoados de Castelo Velho, S. Gens, Serra da Sina, Perdigoa, Pereiras, S. Pedro, Vinha, Monte da Ribeira, Fonte Ferrenha e Famão (Calado, 1995: 123, 153); recolheram-se cerâmicas campaniformes nos dois últimos sítios.

Nestes povoados, as estratégias de implantação são, na sua maioria, distintas das de Pavia; o mais semelhante é, sem dúvida, o do Castelo Velho, e, em menor grau, os de Famão e Fonte Ferrenha.

O megalitismo funerário da área de Pavia constitui um denso conjunto, comparável ao de Reguengos e ao de Évora. A nível artefactual podem detectar-se algumas assimetrias, devido essencialmente à escassez, ou mesmo ausência, de certos conjuntos, nas antas de Pavia. A observação dos desenhos publicados pelos Leisner (Leisner, 1959; 1985) evidencia a presença de formas cerâmicas mais evoluídas, de um maior número de artefactos de pedra lascada e de objectos de adorno, nas antas de Reguengos.

Se a maioria do espólio existente nas antas de Pavia consiste em formas comuns dentro do megalitismo, existem outras para as quais não encontramos paralelos (suportes de enxó da anta de Entreáguas 1) ou cujos paralelos são escassos:

1. os vasos de bordo largo reentrante com perfurações para suspensão, o *vaso-lucerna* (Gonçalves, 1992: 194) são conhecidos na Ordem 1 (EST. 69, 1, nº 17), no *Tholos* da Comenda e Comenda 2 (Leisner, 1985: Est. XII, nº 17; Est. XI, nº 53), em Reguengos, em S. Cucufate (Alarcão e Etienne,), na Vidigueira, e, em Huelva, em El Pozuelo 6 (Leisner, 1959: Taf. 48, 3 nº1).

2. os vasos com mamilos de perfuração vertical estão presentes na Ordem 1 (EST. 69, 1, nº 14, 15 e 16), na Comenda 1 (Leisner, 1985: Est. XIII, nº 30), em Reguengos. Estes artefactos, assim como as asas tubulares (EST. 69, 1, nº 12 e 13?) e a cerâmica impressa, presentes em alguns monumentos funerários da área de Pavia (EST. 57, 12, nº 11; EST. 67, 2, nº 25; EST. 69, 1, nº 10), remetem para momentos mais antigos, estando presentes, na área de Évora, nos povoados do Neolítico antigo (Calado, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996).

3. uma das placas de xisto da anta-capela de S. Dionísio (EST. 58, 1, nº 3) encontra paralelo na anta da Velada (Leisner, 1959: Taf. 28, 1, nº 54), em Montemor-o-Novo.

4. em relação à ponta de seta tipo alcalarense da Caeira 7 (EST. 61, 8, nº 17) não encontramos qualquer paralelo, nos conjuntos megalíticos conhecidos no Alentejo.

5. os geométricos, artefactos de tradição mais antiga, estão presentes nas antas do Ferragial da Fonte (EST. 59, 5, nº 4 e 5) e da Ordem 1 (EST. 69, 1, nº 25). No primeiro caso, é de salientar a ausência de placas de xisto à semelhança do que acontece nas antas do Poço da Gateira 1 e Vidigueiras 2, em Reguengos (Leisner, 1985, EST. II, III, VIII). Note-se, no entanto, que a anta 1 da Ordem possui alguns conjuntos claramente calcolíticos.

6. o elemento de foice denticulado da Caeira 5 (EST. 60, 3, nº 1), tradicionalmente associado a espólios mais tardios, integráveis no Calcolítico e Idade do Bronze, levanta uma questão interessante uma vez que já se recolheram dois exemplares, em contextos de superfície, em dois povoados do Neolítico Antigo, Bencatel, na região da Serra d'Ossa e, na Valada do Mato, em Évora (Calado, 1995: 85). Neste caso, a associação a uma placa de xisto (sem decoração) parece remetê-la para contextos do Calcolítico Inicial.

Em relação à arquitectura dos monumentos verifica-se uma certa similitude estando presentes desde os pequenos monumentos alongados até aos grandes monumentos de corredor longo ou muito longo. No entanto, as pequenas sepulturas de planta “em ferradura”, frequentes na área de Pavia, ainda não foram identificadas nestas áreas.

“Encaremos de frente a magreza dos nossos dados e, orientados por uma constante autocrítica, sem nos demitirmos de estabelecer hipóteses e de ver mais além, aceitemos que, neste momento, um esforço de campo e de descrição objectiva é a atitude que melhor pode contribuir para o avanço dos conhecimentos.”

V. JORGE, 1990: 340

13. Um balanço provisório

A análise dos dados até agora coligidos em Pavia, na óptica do estudo das dinâmicas do povoamento megalítico, permite levantar algumas novas questões, quer em termos da respectiva especificidade local, quer, numa abordagem mais ampla, no contexto da neolitização e da “megalitização” do interior alentejano.

1. Estes fenómenos foram recentemente discutidos, com base em premissas distintas, por diversos autores (Zilhão, 1992; Diniz, 1994; Calado, 1995); em causa estão alguns aspectos cronológicos fundamentais, com consequências importantes nos modelos propostos. J. Zilhão e M. Calado propõem que os megálitos mais antigos do Alentejo interior teriam sido erigidos pelos primeiros ocupantes neolíticos, provenientes algures do quadrante ocidental; porém, para o primeiro autor, a génese do megalitismo identifica-se com a construção das primeiras sepulturas megalíticas, em época nunca anterior ao Neolítico médio; o segundo, pelo contrário, considera os menires a fase inicial do megalitismo centro-alentejano e atribui a sua construção aos grupos do Neolítico antigo que, segundo parece, terão sido os verdadeiros colonizadores do Alentejo Central do pós-glacial. M. Diniz, defendendo também a neolitização precoce do Alentejo interior admite a existência de uma fase pré-megalítica e põe em causa a origem ocidental dos primeiros grupos neolíticos.

Em Pavia, se ressalvamos a possibilidade de novas evidências em contrário, o início da neolitização do território parece ser posterior à instalação dos povoados mais antigos do aro de Évora, atraso que transparece da comparação dos conjuntos artefactuais dos locais de *habitat*;

cronologicamente, essa fase final deve corresponder a um momento avançado dentro do Neolítico antigo ou mesmo já ao Neolítico médio.

Numa possível sequência regional, assente no modelo evolutivo dos Almendres, a maior parte dos menires de Pavia corresponderia, em função das respectivas dimensões, à fase mais recente daquele recinto megalítico, constituída por menires de menor calibre e que, aparentemente, foi acrescentada ao monumento original.

Restam, neste capítulo, muitos outros problemas em aberto, como seja a posição cronológica relativa dos diferentes tipos de monumentos meníricos, observados em Pavia; refira-se, particularmente, o caso do grande menir da Caeira, único nesta área, que remete para os grandes menires-estelas, como o do Monte dos Almendres, o do Monte da Ribeira e o da Belhoa ou, caso não tenha gravuras, para os grandes menires fálicos do Outeiro ou da Meada; a antiguidade de uns e outros parece deduzir-se, respectivamente, da identidade dos temas insculpidos como os que ocorrem nos grandes cromeleques de Évora ou da datação (discutível, sem dúvida) do menir da Meada.

2. A maior parte do megalitismo funerário de Pavia é atribuível ao Neolítico final; os testemunhos do povoamento que lhe corresponde, apesar de alguns contornos ainda mal definidos, estão omnipresentes, em áreas abertas, nas proximidades de todas as manchas dolménicas.

Esta identificação que, noutras áreas pode ser ainda problemática, está reforçada, no território de Pavia, pela notória escassez de povoamento de outras épocas em relação ao elevado número de antas conhecidas, o que logicamente permite uma imagem mais nítida.

A diacronia destes monumentos, no seu conjunto, continua problemática; porém, a antiguidade relativa das pequenas sepulturas em ferradura parece a melhor explicação para as diferenças de espólios, imagem coerente com as observações efectuadas noutros contextos alentejanos; em todo o caso, a coexistência com as antas de corredor, nos mesmos territórios, não permite aplicar, em Pavia, o modelo que foi proposto, recentemente, para a bacia do Sever (Oliveira, 1995).

Não dispomos, em Pavia, de qualquer elemento para aferir a posição cronológica relativa entre as sepulturas em forma de ferradura e os menires, sendo provável que alguns sejam, efectivamente, contemporâneos. Porém, a reutilização de pequenos menires na sepultura anexa ao cromeleque e povoado do Torrão, em Elvas, sugere uma sequência cronológica em que os menires seriam, em termos gerais, de concepção mais antiga.

O modelo que melhor parece ajustar-se à sequência proposta para o megalitismo regional, assenta num esquema de transformação-redução do porte dos menires e da dimensão dos conjuntos, numa primeira fase, seguida de uma mudança no sentido da substituição dos menires por sepulturas

megalíticas, as quais vão sofrendo, paulatinamente, uma transformação, inversa da primeira, que culmina nas antas mais monumentais.

3. Nas fases seguintes assiste-se a uma acentuada rarefacção do povoamento em todo o território considerado.

Não custa admitir que esse fenómeno se relaciona, de algum modo, com a instabilidade que conduziu à construção das mais antigas fortificações, a partir da primeira metade do 3º milénio; essa instabilidade que, em Pavia, implicou a opção por estratégias de implantação inovadoras, pode dever-se à chegada de grupos exógenos ou corresponder apenas à resposta das populações indígenas perante pressões internas ou externas.

Os povoados abertos do Monte do Henrique Soeiro e das Cabeças de Mora podem, eventualmente ter integrado estruturas defensivas negativas, difíceis de detectar à superfície, ou corresponder a um momento final menos constringido, após o qual, por serem pouco importantes demograficamente, teriam sucumbido às referidas pressões.

Em suma, a clara redução do povoamento de Pavia, no Calcolítico, permanece ainda muito difícil de interpretar, nas suas causas e nos próprios mecanismos, uma vez que desconhecemos se houve efectivamente decréscimo dos efectivos demográficos (por abandono, expulsão ou aniquilamento) ou se houve, pelo contrário, apenas concentração em alguns povoados melhor concebidos estrategicamente, hipótese dificilmente sustentável, se considerarmos a área do único povoado fortificado conhecido.

O esvaziamento populacional parece acentuar-se, no território de Pavia, ao longo das Idades do Bronze e do Ferro, épocas de que não se conhecem, nesta área, quaisquer vestígios, à excepção de um pequeno povoado da Idade do Ferro (Calado e Rocha, 1997). Para além de todas as dúvidas que existem em torno das sociedades do Bronze antigo e médio, no Alentejo Central e não só, é difícil entender o vazio de ocupação no Bronze final e Idade do Ferro, épocas bem representadas nas áreas limítrofes. A possibilidade, atrás apontada, de um esgotamento da produtividade dos solos, com reflexos até quase aos nossos dias, ou o facto de Pavia se situar num território periférico em relação a alguns dos principais eixos civilizacionais do interior, são meras pistas para desvendar a dinâmica de um território, marcado por um extraordinário esplendor megalítico de que a anta de S. Dionísio é inevitavelmente o melhor símbolo.

14. Bibliografia

Lista das abreviaturas utilizadas:

A.P. - O Arqueólogo Português

BRAH - Boletín de la Real Academia de la Historia.

CLXL - Cuadernos do Laboratório Xeoloxico de Laxe.

CNA - Congreso Nacional de Arqueologia.

CPA - Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia de la Universidad Autonoma de Madrid.

CPUGr - Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada.

CSGP - Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.

EA - Extremadura Arqueológica.

EAE - Excavaciones Arqueológicas en España.

MM - Madrider Mitteilungen.

MSGP - Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal.

NAH - Noticiario Arqueológico Hispano.

RABM - Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos.

RCEE - Revista del Centro de Estudios Extremeños.

REE - Revista de Estudios Extremeños.

SAE - Series de Arqueologia Extremeña.

TAE - Trabalhos de Antropologia e Etnologia.

TP - Trabajos de Prehistoria.

ALMAGRO BASCH, M. (1959) - Excavaciones en el sepulcro de corredor megalítico de Lácara, Mérida (Badajoz). *REE*. 14, 2, p. 249 e ss.

ALMAGRO BASCH, M. (1961-62) - Un ajuar dolménico excepcional procedente de La Granja Céspedes de Badajoz. *Homenaje al prof. Cayetano de Mergelina*. Murcia, p. 36 e ss.

ALMAGRO BASCH, M. (1963) - Excavaciones en el dólmen de La Pizamilla, Jerez de Los Caballeros (Badajoz). *TP*. 10.

ALMAGRO BASCH, M. (1965) - Los dos dólmenes de la Dehesa de La Muela - La roca de la Sierra (Badajoz). *TP*. 15.

ALMEIDA, A.; SILVA, A.; LOURENÇO, M. (1979) - *Relatório preliminar de actividades arqueológicas desenvolvidas em Pavia - Cabeção, entre Dezembro de 1978 e Abril de 1979*. Núcleo de Arqueologia do Liceu D. Pedro V. Lisboa: NUAR.

ALMEIDA, Fernando de (1971) - Vergílio Correia. *Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. 1970. Coimbra: Junta Nacional de Educação, 2.

ALMEIDA, M. Lopes de (1978) - *Vergílio Correia: prefácio ao Vol. V das obras deste autor*. Coimbra.

ARAÚJO, A.C.; SANTOS, A.I.; CAUWE, N. (1993) - Gruta do Escoural - A necrópole megalítica. *TAE*. (Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular). Porto: SPAE, vol.III, p. 51-90.

ARAÚJO, A.C. ; LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*. Lisboa: IPPAR.

ARIAS CABAL, P. (1991) - *De cazadores a campesinos: la transición al neolítico en la region Cantábrica*. Santander: Universidad de Cantábria.

ARNAUD, J. (1971) - Os Povoados "neo-eneolíticos" de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), Notícia preliminar. *Actas do II CNAP*. Coimbra.

ARNAUD, J. (1978) - O Megalitismo em Portugal. Problemas e Perspectivas. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: AAP., p. 97-112.

ARNAUD, J. (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze final dos arredores de Évora. Escavações de 1971/1972. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 20, p. 56-86.

ARNAUD, J. (1982) - Le neolithique ancien et le processus de neolithisation au Portugal. Le neolithique ancien méditerranien. *Archéologie du Languedoc*. (Actas du Colloque International de Montpellier - 1981). n.º spécial. Montpellier, p. 29-48.

ARNAUD, J. (1983) - O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 6, p. 48-63.

ARNAUD, J. (1987) - Os Concheiros Mesolíticos dos Vales do Tejo e Sado. Semelhanças e diferenças. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 15, p. 53-64.

ARNAUD, J. (1989) - The Mesolithic communities in the Sado Valley, Portugal, in their Ecological Setting. The Mesolithic in Europe. *3rd International Symposium*. (Edinburg,1985). Edinburg, p.614-631.

ARNAUD, J. (1990) - Le substrat mesolithique et le processus de neolithisation dans le Sud du Portugal. Rubané & Cardial. *Actes du Colloque de Liège* (Nov. 88). Liège, p. 437-446.

BLASCO RODRÍGUEZ, F.; ORTIZ ALÉSON, M.; (1991) - Trabajos arqueológicos en «Huerta Montero». Almendralejo, Badajoz. *E. A. II*, p. 129-137.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1988) - Los Dolmenes de Valencia de Alcantara. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura, 155.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN, R. (no prelo) - Arte megalítica versus megalitismo: origem do sistema decorativo megalítico. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

BRUNET, Roger (1995) - Analyse des paysages es semiologie. *La théorie du paysage en France (1974-1994)*. Paris: Editions Champ Vallon.

CALADO, M. (1990) - Aspectos do Megalitismo Alentejano. *O Giraldo*. Évora, p.

CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromelechs. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p.294-301.

CALADO, M. (1993) - A Idade do Bronze. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p. 327-362.

CALADO, M. (1994) - A necrópole dolménica do Lucas (Terena, Alandroal). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P., 2, p. 125-131.

CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).

CALADO, M. (1996) - Alentejo sagrado. Rastos de um templo pagão. In: J. M. Rodrigues. *Alentejo sagrado*. Coimbra: Encontros de fotografia, p. 7-11.

CALADO, M. (no prelo) - Povoamento pré-histórico dos arredores de Évora - evolução das estratégias de povoamento. Com. apresentada ao *I Simpósio Internacional Transformação e Mudança*. Cascais, 1993.

CALADO, M. (no prelo) - O recinto megalítico de Vale Maria do Meio. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

CALADO, M.; BAIRINHAS, A. (1994) - O santuário pré-histórico da Horta da Ribeira (Redondo). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P., 2, p. 175-178.

CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum*. Actes I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Gavà- Bellaterra. 27 a 29 de Março de 1995.p.673-682.

CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Nº1. História e Património. C.M.R.M.: Vila Viçosa, p. 99-130.

CALADO, M.; ROCHA, L. (no prelo) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora, II série, 2.

CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1996) - O Cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora): contexto arqueológico e geográfico. Comunicação apresentada ao *I Congreso del Neolítico a la Península Ibérica*. Gavà, 1995.

CALADO, M.; COSTA, C.; MATALOTO, R.; BARROS, P. (no prelo) - Povoamento pré-histórico e romano no traçado da A6 (Évora e Montemor-o-Novo). Comunicação apresentada ao *II Encontro de Arqueologia do Sudoeste da Península Ibérica*. Faro 7 a 9 de Novembro de 1996.

CARRASCO MARTÍN, M^a-J. (1991) - Avance al estudio del sepulcro megalítico de «La Granja del Toriñuelo» (Jerez de Los Caballeros, Badajoz). *E. A.* II, p. 113-127.

Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa de Folha 36-A (Pavia). Esc: 1:50 000.

CARVALHO, A. M. Galopim (1968) - Contribuição para o conhecimento geológico da Bacia Terciária do Tejo. *MSGP*. 15. Lisboa: S.G.P.

CARVALHO, J. (1946) - Introdução. *Obras*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1.

CARVALHOSA, A. (1983) - Esquema geológico do Maciço de Évora. *CSGP*. T. 69. Fasc. 2. Lisboa: S.G.P., p. 201-208.

CASTRO MARTINEZ, P.V.; GONZALEZ MARCEN, P. (1989) - El concepto de frontera: implicaciones teóricas de la noción de territorio político. *Arqueologia Espacial*. Teruel, 13, p. 7-18.

CHAMPION, Timothy, GAMBLE, Clive, SHENNAN, Stephen, WHITTLE, Alasdair (1988) - *Prehistoria de Europa*. Barcelona: Editorial Crítica.

CHAPMAN, R. (1983) - *The Megalithic Tombs of Iberia. Megalithic Monuments of Western Europe*. London: Ed. Colin Renfrew, Thames and Hudson.

CHAPMAN, R. (1991) - *La formación de las sociedades complejas. El Sureste de la Península Ibérica en el marco del Mediterráneo Occidental*. Barcelona: Ed. Crítica.

CHAPMAN, R.N.; LULL, V.; PICAZO, M.; SANAHUJA, M.E. (1987) - Proyecto Gatas - Sociedad y economía en el Sudeste de España c.2500-800 a.n.C. 1. La prospección arqueológica. *BAR Internacional Séries*. 348.

CORREIA, Vergilio (1914) - Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Archeólogo Português*. 19. Lisboa: 189-192.

CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

CORREIA, Lopes (1961) - *Mora e o seu concelho*. Figueira da Foz.

COSTA, António Carvalho da (1708) - *Corographia Portuguesa*. 2º vol.

CRIADO BOADO, F.; VAQUERO LASTRES, J. (1993) - Monumentos nudos en el pañuelo. Megalitos nudos en el espacio: análisis del emplazamiento de los monumentos tumulares gallegos. *Espacio, Tiempo y Forma*. Revista de la Facultad de Geografía y Historia. Arqueologia Prehistorica. Madrid, s. III, p. 205-248.

DANIEL, Glyn (1974) - *Historia de la arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe*. Madrid: Alianza Editorial.

- DAVEAU, S. (1977) - *Répartition et Rythme des Précipitation au Portugal*. Lisboa: C.E.G.
- DAVEAU, S. (1980) - Espaço e tempo. Evolução do Ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos Pré-Históricos. *Clio*. Lisboa:INIC, 2, p. 13-37.
- DAVEAU, S. (1985) - *Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- DINIZ, M. (1993) - O Neolítico. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p.151-179.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Lisboa (policopiado).
- DINIZ, M. (no prelo) - Arquitecturas do tempo no espaço. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.
- DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, M.C.; MÉNDEZ SIERRA, J.-M. (1991) - El sepulcro de corredor de «La Casa del Monje». Feria (Badajoz). *E. A. II*, p. 103-112.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; DOMINGUEZ, C. (1984) - Yacimientos pre y protohistóricos de Badajoz y sus alrededores. *REE*. 39, 1, p. 566 e ss.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; IÑESTA MENA, J. (1985) - Notas sobre los poblados calcolíticos de la comarca de Llerena (Badajoz). *Estudios de Arqueología Extremeña* (homenaje a D. Jesus Cánovas). Badajoz, p. 15-23.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; HURTADO PEREZ, V. (1986) - Prehistoria y Protohistoria. *Historia de la Baja Extremadura*. Badajoz, I, p. 15 e ss.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (1986) - Excavaciones de urgencia en la Cueva de la Charneca (Oliva de Mérida, Badajoz). *NAH*. Madrid, 28.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (1988) - *Extremadura, arqueología e história*. Mérida: Ed. Regional de Extremadura.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (1988) - Informe sobre las excavaciones llevadas a cabo en el yacimiento de Araya (Mérida, Badajoz). 1983 y 1984. *Extremadura Arqueológica*. Salamanca: Editora Regional de Extremadura, I, p. 11-29.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (1990) - *El calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz: Edit. Reg. de Extremadura.
- ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário artístico de Portugal*. Distrito de Évora. Vol. 1. Lisboa.
- FABIÃO, Carlos (1994) - A arqueologia pré-histórica. *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. I. Lisboa : Ediclube, p. 108-115.
- FEIO, M.; MARTINS, A. (1993) - O relevo do Alto Alentejo. *Finisterra*. Vol. XXVIII. Nº 55-56. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, p. 149-198.
- FERNANDEZ CORRALES, J. M.; SAUCEDA, I.; RODRÍGUEZ DÍAS, A. (1988) - Los poblados calcolítico y prerromano de «Los Castillejos» (Fuente de Cantos, Badajoz). *E. A. I*, p. 69-88.

FERNANDEZ CORRALES, J. M.; SAUCEDA, I. (1985) - Los ídolos de cuernos de Los Castillejos I. Fuente de Cantos (Badajoz). *SAE*. 1, p. 83 e ss.

GALLAY, Alain (1986) - *L'Archéologie demain*. Paris: Pierre Belfond.

GIL-MASCARELL, M.; RUÍZ DIAS, A. (1986) - Un enterramiento en cista en Villafranca de los Barros (Badajoz). *Estudios en Homenaje al Dr.º António Beltran Martinez*. Universidad de Zaragoza. Zaragoza, p. 339-346.

GIL-MASCARELL, M.; RODRIGUEZ DIAZ, A.; ENRIQUEZ, J.J. (1986) - Enterramientos en cista en la Edad del Bronce en la Baja Extremadura. *Sanguntum*. Valencia, 20, p. 9-42.

GIL-MASCARELL, M.; RODRIGUEZ DIAZ, A. (1986) - El yacimiento calcolítico de Los Cortinales en Villafranca de los Barros (Badajoz). *Homenaje a Domingo Fletcher*. Valencia.

GIL-MASCARELL, M.; RODRIGUEZ DIAZ, A. (1988) - «Los Cortinales», un yacimiento calcolítico en Villafranca de Los Barros (Badajoz). *E. A. I*, p. 55-68.

GOMES, M.V. (1986) - O cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor*. Montemor-o-Novo, 4, p.

GOMES, M.V. (1989) - Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*. Montemor-o-Novo: C.M.M., 7, p. 225-269.

GOMES, M.V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão. Actas do Seminário «*O megalitismo no Centro da Portugal*». Viseu, p. 317-342.

GOMES, M.V.; MONTEIRO, J.P. (1977) - Os menires da charneca do Vale do Sorraia. *Rev. de Guimarães*. Guimarães, 87, p. 189-206.

GONÇALVES, A. Nogueira (1971) - Evocação da obra do Dr.º Vergílio Correia. *II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra 1970 - Actas. Vol. 1. Coimbra: Junta Nacional Educação, p. 35-38.

GONÇALVES, F. (1971) - Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste Alentejano. *MSGP*. 18. Lisboa: S.G.P.

GONÇALVES, J.P. (1975) - Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora.

GONÇALVES, J.P. (1962) - *Monsaraz e seu termo*. Boletim da Junta Distrital de Évora, p. 269-351.

GONÇALVES, J.P. (1970) - Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. 9º, II, p. 157-176.

GONÇALVES, J.P. (1972) - *Arte rupestre de Monsaraz*. Paris: Arquivo do Centro Cultural Português, 5, p. 489-502.

GONÇALVES, V.S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, n.s., 9-10, p. 49-61.

GONÇALVES, V.S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.

GONÇALVES, V.S. (1989) - Manifestações do sagrado na pré-história do Ocidente Peninsular. *Almanson*. Actas do Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica. Montemor-o-Novo: C.M.M., 7, p. 289-302.

GONÇALVES, V.S. (1989) - O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrogão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88). *Portugália*. Porto, VIII, p.7-16.

GONÇALVES, V.S. (1990/91) - Tesp 3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia de Faculdade de Letras, n.s., 11-12, p. 53-72.

GONÇALVES, V.S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, V.S. (1993) - A Revolução dos Produtos Secundários e a metalurgia do Cobre. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p. 237-241.

GONÇALVES, V.S. (1993) - As práticas funerárias nas sociedades do 4º e 3º milénios. O megalitismo. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, I, p. 247-301.

GONÇALVES, V.S. (1993) - O Congresso Internacional de 1880. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p. 99-108.

GONÇALVES, V.S. (1993) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*. Mangualde, p.1-21.

GONÇALVES, V.S. (1994) - Monte da Mangancha. *IA*. Lisboa: IPPAR, 9, p. 109-110.

GONÇALVES, V.S. (1995) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal da Cascais.

GONÇALVES, V.S. (no prelo) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *Comunicação apresentada ao I Congresso de Arqueologia da Costa Sudoeste*. (Sagres, 1991).

GONÇALVES, V.S. (1996) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa, 1.

GONÇALVES, V.S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A.M.; ZAMMIT, J. (1983-84) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Campanha 1 e 2). *Clio/Arqueologia*. Lisboa: Uniarch, p. 217-230.

GONÇALVES, V.S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *SA*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, IX-X, p.391-412.

GONÇALVES, V.S.; CALADO, M. (no prelo) - Modalidades do povoamento calcolítico de terras de Portel e de Vidigueira. II Encontro de Arqueologia do Baixo Alentejo (Castro Verde, 1988). *Clio/Arqueologia*. Lisboa: UNIARQ, 2-3.

GONÇALVES, V.S.; HOSKIN, M.; CALADO, M. (no prelo) - Algumas notas sobre a orientação de monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. *Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A.C. (no prelo) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. *Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

HEGGIE, D.C., ed. (1982) - *Archaeoastronomy in the Old World*. Cambridge: Cambridge University Press.

HERNANDO GONZALO, A. (1992) - Enfoques teóricos en Arqueología. *SPAL*. Sevilla: Univ. de Sevilla, 1, p. 11-35.

HERNANDO GONZALO, A. (1993) - Campesinos y ritos funerarios: el desarrollo de la complejidad en el Mediterraneo Occidental (IV-II milénios A.C). *TAE*. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto, vol.II, p. 91-98.

HODDER, Ian, ORTON, Clive (1990) - *Análisis espacial en Arqueología*. Barcelona: Editorial Crítica.

HOCK, M. (no prelo) - Novos trabalhos em Vale de Rodrigo (Évora). Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

HURTADO PEREZ, V.; AMORES, F. (1982) - Estudio de relaciones culturales entre el sudeste francés y La Pijotilla (Badajoz) en el calcolítico: las pastillas repujada y el campaniforme cordado. *HABIS*. 13, p. 189-209.

HURTADO PEREZ, V.; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.-J. (1991) - Excavaciones en Palacio Quemado (Alange, Badajoz). Informe preliminar. I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990). *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres, II, p. 69-87.

HURTADO PEREZ, V.; PERDIGONES, L. (1984) - Idolos inéditos del Calcolítico en el Suroeste hispano. *MM*. 24, p. 46-58.

HURTADO PEREZ, V. (1979) - Los ídolos calcolíticos en el Occidente Peninsular. *HABIS*. 9, p. 357-364.

HURTADO PEREZ, V. (1980) - Los ídolos calcolíticos de La Pijotilla (Badajoz). *Zephyrus*. 30-31, p. 165-203.

HURTADO PEREZ, V. (1981) - Las figuras humanas del yacimiento de La Pijotilla (Badajoz). *MM*. 22, p. 78 - 88.

HURTADO PEREZ, V. (1984) - *El yacimiento de la Pijotilla (Badajoz). Estudio de relaciones culturales*. Univ. de Sevilla (tese doctoral/inédita). Tomo I.

HURTADO PEREZ, V. (1985) - La excavación de una sepultura circular de la Edad del Bronce en Guadajira (Badajoz). *EAE*. (Homenaje a D. Jesus Cánovas). Badajoz, p. 24-40.

HURTADO PEREZ, V. (1986) - El calcolítico en la Cuenca Media del Guadiana y la Necrópolis de La Pijotilla. *Arqueologia*. Porto, 14, p. 83-103.

HURTADO PEREZ, V. (1986) - El calcolítico final en la Cuenca Media del Guadiana y la Necrópolis de La Pijotilla. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*. Madrid, p. 51-75.

HURTADO PEREZ, V. (1987) - El megalitismo en el Suroeste Peninsular: problemática en la periodización regional. *Actas da Mesa Redonda El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid, p. 31-43.

HURTADO PEREZ, V. (1988) - Informe sobre las campañas de excavaciones en La Pijotilla (Badajoz). *E.A*. Editora General de Extremadura: s.l., I, p. 35-54.

HURTADO PEREZ, V. (1990) - Manifestaciones rituales y religiosas en la Edad del Bronce. *Zephyrus*. Salamanca: Ed. Univ. de Salamanca, XLIII, p.165-174

HURTADO PEREZ, V. (1991) - Informe sobre las excavaciones de urgencia en "La Pijotilla". Campaña de 1990. I Jornadas de Prehistoria y arqueología en Extremadura (1986-1990). *E.A. Mérida-Cáceres*, II, p.45-67.

HURTADO PEREZ, V. (no prelo) - Interpretacion sobre la dinâmica cultural en la Cuenca Media del Guadiana (IV-II Milenio A.N.E.). *E.A. Homenage a M. Gil Mascarel*.

HURTADO PEREZ, V. coord.(1990) - *El Calcolítico a debate. Reunión de Calcolítico de la Península Ibérica*. Sevilla: Junta de Andalucía.

HURTADO, VICTOR (1987) - El Megalitismo en el Suroeste peninsular: problemática en la periodización regional. *El megalitismo en la Península Ibérica. Mesa Redonda*. Ministério da Cultura. Madrid.

JORGE, S.O. (1990) - A consolidação do sistema Agro- Pastoral. *Nova História de Portugal* dir. Jorge Alarcão. Lisboa: Ed. Presença, I, p. 102-162.

JORGE, S.O. (1990) - Dos últimos caçadores recoletores aos primeiros produtores de alimentos. *Nova História de Portugal* dir. Jorge Alarcão. Lisboa: Ed. Presença, I, p. 75-101.

JORGE, S.O. (1991) - A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o IIIº milénio a.C. *Incursões na Pré-História*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

JORGE, S.O. (1993) - Povoados neolíticos e calcolíticos do Norte de Portugal. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, I, p. 233-237.

JORGE, S.O. (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto, II, v.XI, p. 447-546.

JORGE, S.O.; JORGE, V.O. (1991) - *Incursões na Pré-História*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

JORGE, V.O. (1977) - Menhirs du Portugal. *Sep. de l'Architecture Megalithique*. Vannes: Société Polymathique du Morbihan.

JORGE, V.O. (1987) - *Projectar o Passado*. Lisboa: Ed. Presença, p.203-224.

JORGE, V.O. (1988) - Um exemplo de arqueologia espacial no norte de Portugal: a serra da Aboboreira e o fenómeno megalítico. *Arqueologia Espacial*. Lisboa-Teruel, 12, p. 49-59.

JORGE, V.O. (1989) - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras-História*. Porto: Universidade do Porto, VI, p.365-443.

JORGE, V.O. (1990) - *Arqueologia em construção. Ensaios*. Lisboa: Presença.

JOSSAUME, R. (no prelo) - Os outros megalitismos: o caso da Etiópia. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

KALB, P. (1989) - O megalitismo e a neolitização no Oeste da Península Ibérica. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 20, p. 33-46.

KALB, P.; HOCK, M. (1993) - Vale de Rodrigo. Projecto interdisciplinar para a Investigação do Megalitismo numa Região do Sul de Portugal. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. *TAE*. Porto, XXXV, 2, p.1-12.

LE ROUX, C.-T. (no prelo) - Um sepulcro deve estar aberto...ou fechado. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

LEISNER, G. (1949) - Antas dos Arredores de Évora. *Separata de A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 15-16, 17, 18.

LEISNER, G. e V. (1951) - A Anta das Cabeças. *A. P.* Lisboa, n.s., vol.I.

LEISNER, G. e V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin, II-2.

LEISNER, G. e V. (1985) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH.

LILLIOS, K. (1991) - *Competition to Fission: the copper to bronze age Transition in the Lowlands of West-Central Portugal (3000-1000 B.C)*. (tese de doutoramento policopiada).

MARTINS, A.; BARBOSA, B. P. (1992) - Planaltos do Nordeste da Bacia Terciária do Tejo (Portugal). *CSGP*. tomo 78. Fasc. 1.Lisboa: S.G.P.: 13-22.

MATTOSO, José (1988) - *A escrita da História. Teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa.

MENDES, M^a Teresa Pinto (1970) - *Bibliografia de Vergílio Correia (1904-1944)*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.

MELIDA, J. R. (1914) - Arquitectura dolménica ibérica. Dólmenes de la provincia de Badajoz. *RABM*. 28.

MELIDA, J. R. (1924) - Grupo de dólmenes en el Término de Barcarrota (provincia de Badajoz). *MSEAEP*. 3, 3.

MELIDA, J. R. (1925) - *Catálogo Monumental de España. Provincia de Badajoz*. Madrid, I.

MOITA, Irisalva N. (1956) - Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. III. Lisboa: 135-176.

MOLINA LEMOS, L. (1977) - El Lobo, un poblado de época y cultura megalítica (unos 4.000 años de antigüedad) en las afueras de Badajoz. *REE*. 33, 3.

MOLINA LEMOS, L. (1978) - La colección de ídolos-cilindro del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz procedentes del sepulcro megalítico de Los Fresnos. *RABM*. 81, 3.

MOLINA LEMOS, L. (1979) - El extraordinário ajuar del sepulcro megalítico de Los Fresnos. *REE*. 35, 3, p. 631 e ss.

- MOLINA LEMOS, L. (1980) - El poblado del Bronce I El Lobo (Badajoz). *NAH*. Madrid, 9, p. 91 - 131.
- OLIVEIRA, J. (1988) - *Introdução ao estudo das sepulturas megalíticas da margem esquerda do rio Sever* (tese policopiada). Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (1993) - Reutilização e reaproveitamento de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: SPAE, I, p. 131- 137.
- OLIVEIRA, J. (1994) - *Sepulturas megalíticas del termino municipal de Cedillo - provincia de Cáceres*. Cedillo: Ayuntamiento de Cedillo.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *Monumentos megalíticos da Bacia hidrográfica do Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo)* (tese de doutoramento policopiada). Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (no prelo) - As pequenas antas de xisto de Montalvão e Cedillo. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.
- OLIVEIRA, J.; SARANTOPOULOS, P. (1994) - Alguns monumentos megalíticos afectados pela expansão urbana da cidade de Évora. *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P, p.187-194.
- OLIVEIRA, J.; SARANTOPOULOS, P.; BALESTROS, C. (1994/95) - Antas-capelas e capelas junto a antas no território português. Elementos para o seu inventário. *A Cidade de Évora*. C.M.E., 1, 2ª série, p.287-330.
- OLIVEIRA, J.T.; OLIVEIRA, V.; PIÇARRA, J.M. (1991) - Traços gerais da evolução tectono-estratigráfica da zona de Ossa-Morena, em Portugal. *C.L.X.L.* 16. A Coruña: Ediciós do Castro, p. 221-250.
- OLIVEIRA, J.T.; OLIVEIRA, V.; PIÇARRA, J.M. (1991) - Traços gerais da evolução tectono-estratigráfica da zona de Ossa-Morena, em Portugal: síntese crítica do estado actual dos conhecimentos. *C.S.G.P.* Tomo 77. Lisboa: D.G.P., p. 3-26.
- OLIVEIRA MARQUES, A. (1988) - *Ensaio de historiografia Portuguesa*. Lisboa: Palas Editores.
- PAÇO, A. (1961) - O Castelo do Giraldo e os novos horizontes do Neolítico alentejano. *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora, 2, p.219-223.
- PAÇO, A. (1962) - O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico Alentejano. *VI CNA*. Zaragoza.
- PARREIRA, R. (1990) - Considerações sobre os milénios IV e III no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Orientais*. Lisboa: Instituto Oriental, I, p. 27-43.
- PARREIRA, Rui (1996) - *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo)*. Contribuição para o estudo das antas portuguesas. Porto (policopiado)
- PARREIA, R. (no prelo) - O megalitismo do Crato. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.
- PINA, H.L. (1971) - Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora. *Actas do II CNAP*. Coimbra, 1, p. 151-162.

- PINHO MONTEIRO, J., VARELA GOMES, M. (1979) - Menires do Algarve. *XV Congreso Nacional de Arqueologia*. Zaragoza, p. 355-374.
- RAMOS, M^a Catarina de Melo (1994) - *Condições geomorfológicas e climáticas das cheias da Rib. de Têra e do Rio Maior (Bacia Hidrográfica do Tejo)*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- RAMOS MILLÁN, A. (1981) - Interpretaciones secuenciales y culturales de la edad del cobre en la zona meridional de la península Ibérica. La alternativa del materialismo cultural. *CPUGr*. Granada, 6, p. 203 - 256.
- RAYNAL, René (1979) - Observations sur le Quaternaire Continental et sa morphogenèse dans le Sud e dans le Centre du Portugal. *Finisterra*. Vol. XIV. Nº 28. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, p. 189-217.
- RENFREW, C. (1976) - *Megaliths, Territories and Populations*. De Laet (ed.). Bruges, p. 198-220.
- RENFREW, C.; BAHN, P. (1993) - *Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.
- RIBEIRO, O. (1987) - *Introdução ao Estudo da Geografia Regional*. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- RIBEIRO, O. (1987) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1991) - *Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território*. Lisboa: Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1991) - *Geografia de Portugal. II. O ritmo climático e a paisagem*. Lisboa: Sá da Costa.
- RIVAS, S. (1964) - *Vegetación y florura de la cuenca extremeña del Guadiana*. Badajoz.
- RIVERO DE LA HIGUERA, C. (1970) - El dólmen de Leoncillo I (Villar del Rey, Badajoz). *XI CNA*. Zaragoza, p. 260 e ss.
- ROCHA, L. (no prelo) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). Comunicação apresentada *II Congreso de Arqueologia Peninsular*. Zamora, 24-27 de Setembro de 1996.
- ROCHA, L. (no prelo) - O alinhamento de menires de Têra (Pavia). Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.
- RODRIGUEZ DIAZ, A. (1986) - *Arqueología de Tierra de Barros*. Badajoz: Editora Regional de Extremadura.
- ROMO, A.; SIERRA, F.; VARGAS, J. (1988) - Prospección arqueológica superficial del T. M. de Gilena (Sevilla). *AAA*. Sevilla, III, p. 306-314.
- ROPER, D. (1979) - *The Method and Theory of Site Catchment Analysis: a Review. Advances in Archaeological Method and Theory*. London: Academic Press, vol.II.
- RUBIO DE MIGUEL, I. (1989) - El Neolítico Peninsular. Una interpretación de los datos arqueológicos. *CPA*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 16, p. 11-41.
- RUÍZ ZAPATERO, G. (1988) - La proección arqueológica en España: pasado, presente y futuro. *Arqueologia Espacial*. Lisboa-Teruel, 12, p. 33-49.

RUÍZ ZAPATERO, G.; BURILLO MOZOTA, F. (1988) - Metodología para la investigación en Arqueología Territorial. *Munibe*. San Sebastian, 6, p. 45-64.

SAN MIGUEL MATE, L. C. (1992) - El planteamiento y el analisis del desarrollo de la prospección: dos capítulos olvidados en los trabajos de arqueología territorial. *T.P.* Madrid, 49, p. 35-49.

SANTOS GENER, S. (1939) - Expansión del arte neolítico portugués en Extremadura. Hallazgos en Barcarota (Badajoz). *RCEE*. 13, 3, p. 189 e ss.

SCHUBART, H.; SANGMEISTER, E. (1980) - Zambujal. Un asentamiento fortificado de la edad del Cobre en Portugal. *Revista de Arqueologia*. Nº 37, p. 20-33.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1962) - *História breve da historiografia Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1968) - *História e conhecimento histórico*. Lisboa: Editorial Verbo.

SILVA, A.C. (1994) - Problemática das “indústrias macrolíticas” do Guadiana - um tema a não ignorar para uma maior aproximação ao estudo do povoamento pré-histórico no interior alentejano. *Actas do Encontro sobre Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva, p. 71-89.

SILVA, C.T. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 14, p. 59-82.

SILVA, C.T. (1987) - Megalitismo da Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). *Actas da Mesa Redonda sobre El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministério de Cultura, p. 85-93.

SILVA, C.T. (1989) - Novos dados sobre o Neolítico Antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 20, p.24-32.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (no prelo) - A recolocção de marisco na Costa Sudoeste, do Epipaleolítico à Idade do Bronze. *Comunicação apresentada ao I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste (Sagres, 1991)*.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (no prelo) - Aspectos do megalitismo do Sul de Portugal. *Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro 1996.

SILVA, C.T.; SOARES, J.; CARDOSO, J. (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia - Elementos para um estudo comparado. Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 3-5 Abril 1987*. Lisboa. IPPAR, p. 159 - 168.

SILVA, E.J.; SILVA, E.M.M.M.; RIBEIRO, J.D.A. (1989) - O menhir de Marco da Anta (Ponte da Barca). *Arqueologia*. Porto, 19, p. 63-71.

SILVA, F.; SILVA, A. (1994) - Menires de Alvarenga e da serra da Freita (Arouca, Aveiro). Breve notícia. *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P.P., p. 109-123.

SIMÕES, T. (1996) - O sítio neolítico de S. Pedro de Canaferrim (Sintra). *Comunicação apresentada ao Congrès del Neolític a la Península Ibàrica*. Gavà, 1995.

SOARES, A.M., (no prelo) - Datações absolutas para os IV e II milénio a.C.: uma análise crítica. Comunicação apresentada ao *I Simpósio Transformação e Mudança*. Cascais, 1993.

SOARES, J. (1992) - Les territorialités produits sur le littoral Centre-Sud du Portugal au cours du processus de néolithisation. *SA*. Setúbal: MAEDS, IX-X, p. 17-35.

SOARES, J.; SILVA, C.T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *SA*. Setúbal: MAEDS, IX-X, p. 37-88.

SHUBART, M. (1973) - Tholos - Bauten von Colada de Monte Nuevo bei Olivenza (prov. Badajoz). *MM*. 14.

SHUBART, M. (1973) - Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de La Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. *XII CNA*. Zaragoza, p. 175 -186.

SILVA, M. de Matos (1895) - Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis. “Anta Grande” da Ordem. *O Archeologo Português*.1. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 120 -125; 214 -216.

SILVA, M. de Matos (1896) - Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis. *O Archeologo Português*.2. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 239-240.

TRIGGER, Bruce G. (1992) - *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica.

VALLESPI, E.; HURTADO PEREZ. V.; CALDERÓN, T. (1985) - Tres estudios sobre el Calcolítico Extremeño. La industria lítica tallada de superficie de La Pijotilla (Badajoz). *SAEX*. Cáceres: Univ. de Extremadura, 1, p. 9-50.

VASCONCELOS, José Leite de (1897) - *Religiões da Lusitânia*. I. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 290.

VASCONCELOS, José Leite de (1910) - Analecta archeológica. 1. Dolmen transformado em capella. *O Archeologo Português*. XV. Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 321-322.

VASCONCELOS, José Leite de (1914) - Anta de Pavia. *O Archeologo Português*. 19. Lisboa, p. 376-377.

VEIGA FERREIRA, O. da, LEITÃO, M., NORTH, C. T. (1977-79) - Breves apontamentos sobre as antas-capelas em Portugal. *Estudos Italianos em Portugal*. 40/42. Lisboa, p. 119-126.

VEYGA, João Evangelista da (1758) - Memórias Paroquiais da villa de Pavia. *Dicionário Geográfico*. vol.28, m. 93, f. 587, p.587-590.

VIANA, A., DEUS, A. Dias de (1955-57) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *TAE*. XV. Fasc. 3-4. Porto: Instituto de Antropologia, p. 143-189.

VIANA, A., ZBYSZEWSKI, G., ANDRADE, R. F., SERRALHEIRO, A., VEIGA FERREIRA, O. da (1959) - Contribuição para o conhecimento da Arqueologia Megalítica do Baixo Alentejo. I C.N.A. Lisboa 1958. I. Lisboa, p. 197-213.

VILLANUEVA, L. de (1894) - La estación prehistórica de Badajoz. *BRAH*. 24, p. 379 e ss.

ZBYSZEWSKI, G.; CARVALHOSA, A. B.; FERREIRA, O. da (1980) - *Notícia explicativa da Folha 36 - A Pavia. Carta Geológica de Portugal Esc. 1: 50 000*. Lisboa: S.G.P.

ZBYSZEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O. da, LEITÃO, M., NORTH, C. T. (1977) - Descoberta de insculpturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoíña. *CSGP*. LXI. Lisboa, p. 33-41.

ZBYSZEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O., REYNOLDS DE SOUSA, H., NORTH, C. T., LEITÃO, M. (1977) - Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *CSGP*. T. LXI. Lisboa, p. 63-73.

ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. (1996) - O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. Comunicação apresentada ao *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà, 1995.

15. Apêndices

Cartografia

Desenho de materiais

Fotografia

Lista dos sítios cartografados

- 1 - Cabeças de Mora - (pov.) (409.43)**
C.M.P. 409. X= 577.2.5 /Y= 4310.9.5 / Alt.= 156m
- 2 - Mamoa(?) de Cabeças de Mora (409.44)**
C.M.P. 409. X= 577.2.5 /Y= 4310.9.5 / Alt.= 156m
- 3 - Recinto megalítico das Fontainhas (409.16)**
C.M.P. 409. X= 576.3.0 /Y= 4309.7.0 / Alt.= 142m
- 4 - Fontainhas - (pov.) (409.17)**
C.M.P. 409. X= 576.9.5 /Y= 4309.8.0 / Alt.= 140m
- 5 - Santa Madre de Deus 4 - (pov?) (409.132)**
C.M.P. 409. X= 578.6.5 /Y= 4310.6.5 / Alt.= 123m
- 6 - Anta do Considreiro 1 (409.134)**
C.M.P. 409. X= 579.2.0 /Y= 4310.6.0 / Alt.= 100m
- 7 - Anta/Sepultura do Cabeço do Considreiro 2 (409.133)**
C.M.P. 409. X= 579.2.0 /Y= 4310.4.5 / Alt.= 129m
- 8 - Santa Madre de Deus 3 - (a.d.) (409.127)**
C.M.P. 409. X= 578.9.5 /Y= 4310.4.0 / Alt.= 128m
- 9 - Anta da Madre de Deus 1 (409.181)**
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m
- 10- Anta/Sepultura da Madre de Deus (409.182)**
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m
- 11- Anta da St Madre de Deus 2 (409.86)**
C.M.P. 409. X= 579.8.0 /Y= 4309.0.5 / Alt.= 173m
- 12 - Recinto megalítico(?) da Santa Madre de Deus (409.25)**
C.M.P. 409. X= 579.9.0 /Y= 4309.1.0 / Alt.= 170m
- 13 - Anta (?) da St Madre de Deus 3 (409.18)**
C.M.P. 409. X= 590.1.0 /Y= 4309.1.0 / Alt.= 162m
- 14 - Anta da Casa Branca 5 (409.214)**
C.M.P. 409. X= 580.7.5 /Y= 4309.3.0 / Alt.= 149m
- 15 - Portela - (pov?) (409.145)**
C.M.P. 409. X= 581.0.0 /Y= 4309.4.5 / Alt.= 143m

16 - Anta da Folha da Anta (409.207)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

17 - Anta do Reguengo (409.129)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

18 - Monte de Entreáguas - (a.i.) (409.225)

C.M.P. 409. X= 583.4.0 /Y= 4310.2.5 / Alt.= 105m

19 - Anta de Entreáguas 1 (409.178)

C.M.P. 409. X= 583.0.0 /Y= 4310.4.0 / Alt.= 100m

20 - Anta/Sepultura de Entreáguas 5 (409.180)

C.M.P. 409. X= 583.3.0 /Y= 4310.4.4 / Alt.= 96m

21 - Anta de Entreáguas 4 (409.179)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

22 - Anta de Entreáguas 3 (409.176)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

23 - Anta de Entreáguas 2 (409.177)

C.M.P. 409. X= 582.9.3 /Y= 4310.5.5 / Alt.= 96m

24 - Anta do Monte dos Pardais 1 (409.175)

C.M.P. 409. X= 583.0.5 /Y= 4311.0.0 / Alt.= 85m

25 - Monte dos Pardais 2 - (pov.) (409.171)

C.M.P. 409. X= 582.9.5 /Y= 4311.2.0/4311.3.0 / Alt.= 87m

26 - Monte dos Pardais 1 - (pov.) (409.170)

C.M.P. 409. X= 583.1.0/583.2.5 /Y= 4310.9.5/4311.2.5 / Alt.= 85/90m

27 - Monte dos Pardais 3 - (a.i.) (409.172)

C.M.P. 409. X= 583.3.0 /Y= 4311.5.0 / Alt.= 108m

28 - Anta do Monte dos Pardais 2 (409.173)

C.M.P. 409. X= 583.4.5 /Y= 4311.3.5 / Alt.= 113m

29 - Anta do Monte dos Pardais 3 (409.174)

C.M.P. 409. X= 583.9.5 /Y= 4311.2.5 / Alt.= 100m

30 - Anta da Ordem 6 (409.70)

C.M.P. 409. X= 585.1.5 /Y= 4311.2.0 / Alt.= 89m

31 - Anta da Ordem 7 (409.69)

C.M.P. 409. X= 585.2.0 /Y= 4311.1.5 / Alt.= 89m

- 32 - Anta da Ordem 5 (409.68)**
C.M.P. 409. X= 585.3.0 /Y= 4311.0.5 / Alt.= 84m
- 33 - Anta da Ordem 3 (409.71)**
C.M.P. 409. X= 585.6.5 /Y= 4311.3.5 / Alt.= 98m
- 34 - Anta da Ordem 2 (409.72)**
C.M.P. 409. X= 585.7.0 /Y= 4311.4.5 / Alt.= 98m
- 35 - Anta da Ordem 4 (409.73)**
C.M.P. 409. X= 585.6.5 /Y= 4311.5.0 / Alt.= 98m
- 36 - Anta da Ordem 1 (409.74)**
C.M.P. 409. X= 585.8.5 /Y= 4311.4.0 / Alt.= 90m
- 37 - Anta das Figueirinhas 2 (409.79)**
C.M.P. 409. X= 586.5.0 /Y= 4311.4.5 / Alt.= 102m
- 38 - Anta das Figueirinhas 1 (409.80)**
C.M.P. 409. X= 586.6.0 /Y= 4311.4.0 / Alt.= 90m
- 39 - Anta do Monte da Figueirinha 3 (409.211)**
C.M.P. 409. X= 587.8.5 /Y= 4311.1.5 / Alt.= 98m
- 40 - Figueirinha - (a.i.) (409.81)**
C.M.P. 409. X= 586.7.5 /Y= 4311.1.0 / Alt.= 117m
- 41 - Anta da Gonçala 2 (409.142)**
C.M.P. 409. X= 586.1.5 /Y= 4311.3.0 / Alt.= 110m
- 42 - Anta da Gonçala 3 (409.141)**
C.M.P. 409. X= 586.0.5 /Y= 4311.2.0 / Alt.= 102m
- 43 - Monte da Gonçala 3 - (a.d.) (409.140)**
C.M.P. 409. X= 585.7.5 /Y= 4310.8.5 / Alt.= 95m
- 44 - Monte da Gonçala 5 - (a.d.) (409.136)**
C.M.P. 409. X= 585.5.0 /Y= 4310.6.5 / Alt.= 93m
- 45 - Anta da Gonçala 1 (409.67)**
C.M.P. 409. X= 585.3.0 /Y= 4310.7.5 / Alt.= 93m
- 46 - Monte da Gonçala 5 - (pov.) (409.227)**
C.M.P. 409. X= 585.2.0 /Y= 4310.8.0 / Alt.= 95m
- 47 - Anta da Gonçala 4 (409.226)**
C.M.P. 409. X= 585.1.0 /Y= 4310.8.0 / Alt.= 95m
- 48 - Monte da Gonçala 4 - (pov?) (409.218)**

C.M.P. 409. X= 585.0.0 /Y= 4310.6.5 / Alt.= 105m

49 - Menir da Gonçalves (409.231)

C.M.P. 409. X= 584.9.5 /Y= 4310.4.5 / Alt.= 109m

50 - Monte da Gonçalves 1 - (pov.) (409.28)

C.M.P. 409. X= 585.5.0/585.6.5 /Y= 4310.3.0/4310.4.0 / Alt.= 120/130m

51 - Monte da Gonçalves 2 - (a.i.) (409.78)

C.M.P. 409. X= 586.0.5 /Y= 4309.9.0 / Alt.= 116m

52 - Albufeira - (a.d.) (409.21)

C.M.P. 409. X= 586.0.5 /Y= 4309.7.0 / Alt.= 112m

53 - Anta dos Antões 3 (409.101)

C.M.P. 409. X= 586.5.5 /Y= 4309.5.0 / Alt.= 120m

54 - Monte do Rato 2 - (pedra c/ «covichas») (409.76)

C.M.P. 409. X= 587.1.0 /Y= 4309.6.0 / Alt.= 123m

55 - Monte do Rato 3 - («pedra com covinhas») (409.77)

C.M.P. 409. X= 587.0.5 /Y= 4309.6.5 / Alt.= 127m

56 - Monte do Rato 1 - (pov.?) (409.75)

C.M.P. 409. X= 587.2.0 /Y= 4309.6.0 / Alt.= 139m

57 - Anta da Jordana (409.10)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

57 - Monte Galhardo - (a.d.) (409.202)

C.M.P. 409. X= 587.0.0 /Y= 4309.2.0 / Alt.= 133m

58 - Monte Velho - (a.i.) (409.229)

C.M.P. 409. X= 585.8.0 /Y= 4308.6.0 / Alt.= 138m

59 - Cabeça Velha 1 - (a.d.) (409.149)

C.M.P. 409. X= 584.3.0 /Y= 4308.7.0 / Alt.= 140m

60 - Cabeça Velha 4 - (a.d.) (409.152)

C.M.P. 409. X= 584.3.5 /Y= 4308.6.0 / Alt.= 140m

61 - Cabeça Velha 2 - (a.i.) (409.150)

C.M.P. 409. X= 584.2.0 /Y= 4308.2.0 / Alt.= 150m

62 - Cabeça Velha 3 - (a.i.) (409.151)

C.M.P. 409. X= 584.4.5 /Y= 4308.0.0 / Alt.= 194m

63 - Cabeça Velha 5 - (pov?) (409.153)

C.M.P. 409. X= 584.7.0 /Y= 4307.9.0 / Alt.= 186m

- 64 - Cabeça Velha 6 - (a.d.)** (409.154)
C.M.P. 409. X= 584.9.5 /Y= 4307.9.5 / Alt.= 179m
- 65 - Cabeça Velha 7 - (a.i.)** (409.155)
C.M.P. 409. X= 585.1.0 /Y= 4308.1.5 / Alt.= 185m
- 66 - Anta dos Antões 4** (409.63)
C.M.P. 409. X= 585.4.5 /Y= 4307.7.5 / Alt.= 180m
- 67 - Monte dos Antões 1 - (a.d.)** (409.64)
C.M.P. 409. X= 585.6.0 /Y= 4307.5.5 / Alt.= 188m
- 68 - Anta dos Antões 5** (409.65)
C.M.P. 409. X= 585.7.5 /Y= 4307.3.0 / Alt.= 180m
- 69 - Monte dos Antões 2 - (a.i.)** (409.216)
C.M.P. 409. X= 585.7.5 /Y= 4306.7.0 / Alt.= 170m
- 70 - Anta dos Antões 3** (409.66)
C.M.P. 409. X= 585.9.0 /Y= 4307.0.0 / Alt.= 180m
- 71 - Anta dos Antões 1** (409.60)
C.M.P. 409. X= 586.1.0 /Y= 4307.3.5 / Alt.= 160m
- 72 - «Cerca dos Antões»** (409.61)
C.M.P. 409. X= 586.0.5 /Y= 4307.3.5/4307.4.0 / Alt.= 160m
- 72 - Anta/Sepultura dos Antões 2** (409.62)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m
- 73 - Monte dos Antões 3 - (a.i.)** (409.230)
C.M.P. 409. X= 586.5.5 /Y= 4307.9.0 / Alt.= 135m
- 74 - Anta/Sepultura dos Antões 6** (409.19)
C.M.P. 409. X= 586.4.0 /Y= 4307.3.5 / Alt.= 152m
- 75 - Vale del Rey - (a.i.)** (409.92)
C.M.P. 409. X= 586.7.0 /Y= 4306.7.5 / Alt.= 180m
- 76 - Recinto megalítico do Monte das Figueiras** (409.2)
C.M.P. 409. X= 597.2.0 /Y= 4306.5.5 / Alt.= 171m
- 77 - Monte do Outeiro - (a.d.)** (409.99)
C.M.P. 409. X= 587.5.0 /Y= 4305.6.0 / Alt.= 179m
- 78 - Menir da Têra 4** (409.194)
C.M.P. 409. X= 587.6.0 /Y= 4306.6.0 / Alt.= 170m

- 79 - Menir da Têra 2** (409.185)
C.M.P. 409. X= 587.7.0 /Y= 4306.5.5 / Alt.= 175m
- 80 - Menir da Têra 3** (409.193)
C.M.P. 409. X= 587.7.0 /Y= 4306.6.0 / Alt.= 176m
- 81 - Anta de Vale del Rey** (409.32)
C.M.P. 409. X= 587.9.5 /Y= 4307.0.0 / Alt.= 155m
- 82 - Anta das Figueiras 1** (409.33)
C.M.P. 409. X= 588.1.5 /Y= 4306.8.5 / Alt.= 150m
- 83 - Monte das Oliveiras 3 - (pedra com «cavinhas»)** (409.200)
C.M.P. 409. X= 589.1.5 /Y= 4309.1.0 / Alt.= 100m
- 84 - Monte das Oliveiras 2 - (pov?)** (409.199)
C.M.P. 409. X= 589.3.0 /Y= 4308.8.0 / Alt.= 130m
- 85 - Monte das Oliveiras 1 - (pedra com «cavinhas»)** (409.198)
C.M.P. 409. X= 589.3.5 /Y= 4308.7.5 / Alt.= 135m
- 86 - Anta do Monte da Oliveira 3** (409.30)
C.M.P. 409. X= 590.5.0 /Y= 4309.0.5 / Alt.= 134m
- 87 - Anta do Monte da Oliveira 2** (409.31)
C.M.P. 409. X= 590.6.5 /Y= 4308.8.5 / Alt.= 130m
- 88 - Anta da Oliveira 1** (409.102)
C.M.P. 409. X= 590.6.0 /Y= 4308.8.0 / Alt.= 136m
- 89 - Sepultura do Monte da Oliveira 1** (409.196)
C.M.P. 409. X= 590.6.0 /Y= 4308.7.0 / Alt.= 132m
- 90 - Sepultura do Monte da Oliveira 2** (409.197)
C.M.P. 409. X= 590.6.0 /Y= 4308.7.0 / Alt.= 132m
- 91 - Monte dos Condes - (pov?)** (409.228)
C.M.P. 409. X= 590.9.5 /Y= 4308.7.5 / Alt.= 135m
- 92 - Mamoã do Monte dos Condes** (409.195)
C.M.P. 409. X= 590.7.0 /Y= 4308.3.0 / Alt.= 138m
- 93 - Monte das Oliveiras 4 - (pov.)** (409.201)
C.M.P. 409. X= 589.4.5/589.7.5 /Y= 4307.7.5/4308.2.5 / Alt.= 154/158m
- 94 - Monte das Figueiras 3 - (a.d.)** (409.35)
C.M.P. 409. X= 589.0.5 /Y= 4306.5.5 / Alt.= 181m
- 95 - Monte das Figueiras 2 - (pov.?)** (409.34)

C.M.P. 409. X= 588.7.5 /Y= 4306.6.0 / Alt.= 159m

96 - Monte das Figueiras 5 - (pedra com «cavinhas») (409.37)

C.M.P. 409. X= 588.6.0 /Y= 4306.3.5 / Alt.= 170m

97 - Monte das Figueiras 1 - (pedra c/ «cavinhas») (409.24)

C.M.P. 409. X= 588.6.0 /Y= 4306.2.5 / Alt.= 179m

98 - Monte das Figueiras 6 - (a.d.) (409.42)

C.M.P. 409. X= 588.5.5 /Y= 4306.2.0 / Alt.= 175m

99 - Monte das Figueiras 4 - (pedra com «cavinhas») (409.36)

C.M.P. 409. X= 588.7.0 /Y= 4306.3.0 / Alt.= 171m

100 - Anta/Sepultura da Casarão das Figueiras 1 (409.209)

C.M.P. 409. X= 588.5.5 /Y= 4306.0.5 / Alt.= 174m

101 - Anta da Têra 4 (409.187)

C.M.P. 409. X= 588.8.5 /Y= 4305.9.5 / Alt.= 163m

102 - Casarão das Figueiras - (a.d.) (409.210)

C.M.P. 409. X= 588.6.5 /Y= 4306.0.0 / Alt.= 174m

103 - Monte da Têra 3 - (a.d.) (409.88)

C.M.P. 409. X= 588.9.0 /Y= 4306.0.0 / Alt.= 168m

104 - Mamoá do Monte da Têra (409.90)

C.M.P. 409. X= 588.9.0 /Y= 4305.9.0 / Alt.= 160m

105 - Anta/Sepultura da Têra 2 (409.89)

C.M.P. 409. X= 588.9.0 /Y= 4305.6.0 / Alt.= 172m

106 - Monte da Têra 5 - (a.i.) (409.130)

C.M.P. 409. X= 588.8.5 /Y= 4305.5.0 / Alt.= 172m

107 - Anta do Monte das Figueiras (409.91)

C.M.P. 409. X= 588.8.5 /Y= 4305.3.5 / Alt.= 176m

108 - Anta da Têra 1 (409.8)

C.M.P. 409. X= 589.0.5 /Y= 4305.4.5 / Alt.= 164m

109 - Anta/Sepultura da Têra (409.184)

C.M.P. 409. X= 589.4.5 /Y= 4305.4.5 / Alt.= 168m

110 - Alinhamento do Monte da Têra (409.188)

C.M.P. 409. X= 589.2.0 /Y= 4305.6.5 / Alt.= 164m

111 - Recinto megalítico do Monte da Têra (409.186)

C.M.P. 409. X= 589.0.5 /Y= 4305.7.5 / Alt.= 163m

- 112 - Monte da Têra 2 - (a.d.)** (409.87)
C.M.P. 409. X= 589.2.0 /Y= 4305.7.5 / Alt.= 166m
- 113 - Monte da Têra 5 - (a.i.)** (409.189)
C.M.P. 409. X= 589.9.5 /Y= 4305.4.0 / Alt.= 170m
- 114 - Monte da Têra 6 - (a.i.)** (409.191)
C.M.P. 409. X= 589.5.5 /Y= 4306.0.0 / Alt.= 174m
- 115 - Anta da Têra 3** (409.190)
C.M.P. 409. X= 589.5.0 /Y= 4306.1.0 / Alt.= 171m
- 116 - Monte da Têra 1 - (pov.)** (409.41)
C.M.P. 409. X= 589.9.5 /Y= 4305.9.5 / Alt.= 172m
- 117 - Anta da Têra 5** (409.192)
C.M.P. 409. X= 589.8.5 /Y= 4305.3.5 / Alt.= 172m
- 118 - Menir da Têra 1** (409.9)
C.M.P. 409. X= 590.0.5 /Y= 4305.2.5 / Alt.= 170m
- 119 - Monte da Têra 4 - (pov?)** (409.96)
C.M.P. 409. X= 583.4.0 /Y= 4306.3.0 / Alt.= 161m
- 120 - Monte da Caeira 4 - (a.d.)** (409.223)
C.M.P. 409. X= 589.6.0 /Y= 4305.2.0 / Alt.= 163m
- 122 - Anta da Caeira 2** (409.46)
C.M.P. 409. X= 591.3.0 /Y= 4304.5.0 / Alt.= 184m
- 123 - Monte da Caeira 1 - (a.d.)** (409.94)
C.M.P. 409. X= 592.1.5 /Y= 4304.6.5 / Alt.= 181m
- 124 - Anta da Caeira 4** (409.48)
C.M.P. 409. X= 590.9.5 /Y= 4304.6.5 / Alt.= 170m
- 125 - Anta da Caeira 6** (409.50)
C.M.P. 409. X= 591.0.9 /Y= 4304.9.5 / Alt.= 170m
- 126 - Anta da Caeira 7** (409.51)
C.M.P. 409. X= 590.8.0 /Y= 4305.0.5 / Alt.= 176m
- 127 - Anta da Caeira 8** (409.52)
C.M.P. 409. X= 590.7.0 /Y= 4304.9.5 / Alt.= 160m
- 128 - Anta da Caeira 3** (409.47)
C.M.P. 409. X= 590.9.0 /Y= 4304.7.0 / Alt.= 187m

- 129 - Monte da Caeira 5 - (a.d.)** (409.148)
C.M.P. 409. X= 590.9.0 /Y= 4304.6.0 / Alt.= 184m
- 130 - Anta da Caeira 5** (409.49)
C.M.P. 409. X= 591.0.5 /Y= 4304.5.5 / Alt.= 180m
- 131 - Menir da Caeira** (409.128)
C.M.P. 409. X= 591.3.0 /Y= 4304.2.5 / Alt.= 199m
- 132 - Anta da Caeira 1** (409.45)
C.M.P. 409. X= 591.3.0 /Y= 4303.7.0 / Alt.= 189m
- 133 - Monte das Casas Velhas 2 - (a.i.)** (409.169)
C.M.P. 409. X= 590.7.5 /Y= 4303.3.0 / Alt.= 172m
- 134 - Monte da Caeira 2 - (pov?)** (409.168)
C.M.P. 409. X= 590.4.5 /Y= 4304.7.0/4304.9.0 / Alt.= 170/180m
- 135 - Monte da Caeira 3 - (a.i.)** (409.167)
C.M.P. 409. X= 590.1.5 /Y= 4304.8.0 / Alt.= 188m
- 136 - Anta/Sepultura do Remendo 2** (409.166)
C.M.P. 409. X= 589.6.5 /Y= 4304.9.0 / Alt.= 174m
- 137 - Monte do Remendo 4 - (a.i.)** (409.139)
C.M.P. 409. X= 589.6.5 /Y= 4304.8.0 / Alt.= 176m
- 138 - Anta do Remendo 2** (409.7)
C.M.P. 409. X= 589.3.0 /Y= 4304.9.0 / Alt.= 160m
- 139 - Monte do Remendo 3 - (a.d.)** (409.165)
C.M.P. 409. X= 589.1.5 /Y= 4304.9.0 / Alt.= 166m
- 140 - Monte do Remendo 1 - (a.i.)** (409.162)
C.M.P. 409. X= 588.5.0 /Y= 4304.9.0 / Alt.= 168m
- 141- Anta do Remendo 1** (409.6)
C.M.P. 409. X= 588.5.0 /Y= 4305.0.5 / Alt.= 160m
- 142 - Anta(?) de S. Miguel 3** (409.5)
C.M.P. 409. X= 588.5.0 /Y= 4305.2.0 / Alt.= 183m
- 143 - Anta/Sepultura de S. Miguel 1** (409.59)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m
- 144 - Anta/Sepultura de S. Miguel 2** (409.183)
C.M.P. 409. X= 588.0.5 /Y= 4304.7.5 / Alt.= 165m
- 145 - Anta/Sepultura do Remendo 1** (409.58)

C.M.P. 409. X= 588.8.0 /Y= 4304.6.5 / Alt.= 170m

146 - Monte do Remendo 2 - (a.i.) (409.163)

C.M.P. 409. X= 588.3.5 /Y= 4304.2.5 / Alt.= 158m

147 - Anta de S. Miguel 2 (409.164)

C.M.P. 409. X= 588.4.0 /Y= 4303.8.5 / Alt.= 150m

148 - Monte das Casas Velhas 1 - (a.i.) (409.22)

C.M.P. 409. X= 588.8.0 /Y= 4302.9.0 / Alt.= 161m

149 - Anta da Cré 3 (409.53)

C.M.P. 409. X= 588.7.0 /Y= 4302.8.0 / Alt.= 164m

150 - Monte Casas Velhas 5 - (a.i.) (409.219)

C.M.P. 409. X= 589.1.0 /Y= 4302.8.5 / Alt.= 163m

151 - Anta da Cré 2 (409.54)

C.M.P. 409. X= 589.2.0 /Y= 4302.8.5 / Alt.= 159m

152 - Anta da Cré 1 (409.55)

C.M.P. 409. X= 589.4.0 /Y= 4302.4.0 / Alt.= 173m

153- Monte das Casas Velhas 4 - (pov?) (409.221)

C.M.P. 409. X= 589.5.0 /Y= 4302.5.0 / Alt.= 164m

154 - Monte das Casas Velhas 5 - (a.d.) (409.222)

C.M.P. 409. X= 589.6.5 /Y= 4302.6.5 / Alt.= 169m

155 - Anta das Casas Velhas 1 (409.56)

C.M.P. 409. X= 590.4.0 /Y= 4302.3.5 / Alt.= 163m

156 - Anta das Casas Velhas 2 (409.57)

C.M.P. 409. X= 590.0.5 /Y= 4302.1.5 / Alt.= 166m

157 - Mamoa das Casas Velhas 3 (409.138)

C.M.P. 409. X= 590.0.0 /Y= 4301.9.0 / Alt.= 160m

158 - Anta dos Prates 4 (409.137)

C.M.P. 409. X= 589.8.0 /Y= 4302.2.0 / Alt.= 165m

159 - Anta da Cré 4 (409.126)

C.M.P. 409. X= 589.5.0 /Y= 4302.2.0 / Alt.= 174m

160 - Monte das Casas Velhas 3 - (a.i.) (409.220)

C.M.P. 409. X= 589.3.5 /Y= 4302.2.0 / Alt.= 176m

162 - Monte da Cré - (pov.) (409.125)

C.M.P. 409. X= 587.3.5 /Y= 4302.3.0 / Alt.= 166m

- 164 - Monte Henrique Soeiro - (pov.) (409.135)**
C.M.P. 409. X= 587.3.5/587.5.0 /Y= 4303.1.0 / Alt.= 155m
- 165 - Monte de Vale do Poço 2 - (pov?) (409.124)**
C.M.P. 409. X= 586.7.5 /Y= 4302.6.5 / Alt.= 164m
- 166 - Monte de Vale do Poço 1 - (a.d.) (409.123)**
C.M.P. 409. X= 586.4.0 /Y= 4302.4.0 / Alt.= 163m
- 167 - Monte de Vale do Poço 3 - (a.i.) (409.217)**
C.M.P. 409. X= 586.2.0 /Y= 4302.3.5 / Alt.= 155m
- 168 - Monte de S. Miguel 2 - (pov.) (409.158)**
C.M.P. 409. X= 587.0.0 /Y= 4303.9.0 / Alt.= 162m
- 169 - Monte de S. Miguel 3 - (a.d.) (409.159)**
C.M.P. 409. X= 587.3.0 /Y= 4304.2.5 / Alt.= 158m
- 170 - Monte de S. Miguel 1 - (pov) (409.157)**
C.M.P. 409. X= 586.6.5 /Y= 4303.9.5 / Alt.= 176m
- 171 - Anta de S. Miguel 1 (409.160)**
C.M.P. 409. X= 586.7.5 /Y= 4304.4.5 / Alt.= 170m
- 172 - Anta do Freixo (409.161)**
C.M.P. 409. X= 586.4.5 /Y= 4304.4.5 / Alt.= 164m
- 173 - Gião - (a.i.) (409.156)**
C.M.P. 409. X= 586.2.0 /Y= 4304.7.0 / Alt.= 154m
- 174 - Lapa das Grutas - (abr.) (409.29)**
C.M.P. 409. X= 586.6.0 /Y= 4305.1.5 / Alt.= 150m
- 175 - Lapa do Maltês 2 - (abr.) (409.20)**
C.M.P. 409. X= 586.5.0 /Y= 4305.1.5 / Alt.= 150m
- 176 - Pedra Moura/Lapa do Maltês 1 - (abr.) (409.27)**
C.M.P. 409. X= 586.4.5 /Y= 4305.2.0 / Alt.= 160m
- 177 - Anta dos Covatos (409.111)**
C.M.P. 409. X= 586.6.0 /Y= 4305.5.5 / Alt.= 177m
- 178 - Anta da Tapada 2 (409.14)**
C.M.P. 409. X= 586.0.5 /Y= 4305.4.0 / Alt.= 173m
- 179 - Quinta da Lapeira - (a.d.) (409.4)**
C.M.P. 409. X= 586.0.0 /Y= 4305.3.5 / Alt.= 170m

180 - Anta da Tapada (Lapeira) 1 (409.3)
C.M.P. 409. X= 585.8.5 /Y= 4305.1.5 / Alt.= 170m

181 - Anta do Ferragial de Nossa Senhora (409.205)
C.M.P. 409. X= 585.4.0 /Y= 4305.3.0 / Alt.= 190m

182 - Mamoa do Alto da Forca (409.38)
C.M.P. 409. X= 585.3.0 /Y= 4305.3.0 / Alt.= 186m

183 - Anta do Outeiro da Forca (409.206)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

184 - Pavia - (pov.) (409.15)
C.M.P. 409. X= 585.9.5 /Y= 4305.9.0 / Alt.= 206m

185 - Anta próxima à de S. Dionísio (409.13)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

186 - Anta Capela de S. Dionísio (409.1)
C.M.P. 409. X= 585.3.0 /Y= 4305.7.0 / Alt.= 190m

187 - Anta da Forca Velha (409.12)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

188 - Anta do Ferragial da Fonte (409.11)
C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

189 - Castelo de Pavia - (pov.) (409.26)
C.M.P. 409. X= 585.2.0 /Y= 4307.1.0 / Alt.= 184m

190 - Anta da Adua 1 (409.23)
C.M.P. 409. X= 584.6.0 /Y= 4306.7.0 / Alt.= 180m

191 - Anta da Adua 5 (409.208)
C.M.P. 409. X= 584.4.0 /Y= 4307.1.0 / Alt.= 170m

192 - Marateca Velha - (a.i.) (409.224)
C.M.P. 409. X= 584.1.5 /Y= 4307.3.0 / Alt.= 180m

193 - Anta da Adua 2 (409.82)
C.M.P. 409. X= 584.1.5 /Y= 4307.3.5 / Alt.= 170m

194 - Anta da Adua 3 (409.83)
C.M.P. 409. X= 584.2.0 /Y= 4307.5.0 / Alt.= 150m

195 - Anta da Adua 4 (409.84)
C.M.P. 409. X= 584.1.0 /Y= 4307.7.0 / Alt.= 140m

196 - Anta da Casa Branca 1 (409.85)

C.M.P. 409. X= 583.6.0 /Y= 4307.5.5 / Alt.= 182m

197 - Monte da Adua 2 - (a.i.) (409.98)

C.M.P. 409. X= 583.9.5 /Y= 4306.8.0 / Alt.= 172m

198 - Monte da Adua 1 - (pov?) (409.95)

C.M.P. 409. X= 583.7.0 /Y= 4306.9.0 / Alt.= 172m

199 - Anta/Sepultura da Adua 5 (409.93)

C.M.P. 409. X= 583.4.0 /Y= 4307.1.0 / Alt.= 165m

200 - Anta da Adua 6 (409.95)

C.M.P. 409. X= 583.3.0 /Y= 4306.7.0 / Alt.= 161m

201 - Monte das Antas - (pov?) (409.39)

C.M.P. 409. X= 583.3.0 /Y= 4306.3.0 / Alt.= 153m

202 - Anta dos Pucícaros 2 (409.204)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

203 - Pucícaros de Cima - (pov.) (409.146)

C.M.P. 409. X= 583.7.5 /Y= 4305.1.5 / Alt.= 162m

204 - Anta dos Pucícaros 1 (409.203)

C.M.P. 409. X= (?) /Y= (?) / Alt.= (?)m

205 - Monte das Antas - (abr.) (409.40)

C.M.P. 409. X= 582.2.5 /Y= 4306.1.0 / Alt.= 140m

206 - Monte das Antas 2 - (pov.) (409.122)

C.M.P. 409. X= 582.4.5 /Y= 4306.9.0 / Alt.= 162m

207 - Anta da Casa Branca 3 (409.213)

C.M.P. 409. X= 581.3.0 /Y= 4308.3.0 / Alt.= 180m

208 - Casa Branca 1 - (a.i.) (409.215)

C.M.P. 409. X= 581.3.5 /Y= 4307.2.5 / Alt.= 145m

209 - Anta da Casa Branca 4 (409.212)

C.M.P. 409. X= 581.6.0 /Y= 4307.2.0 / Alt.= 153m

210 - Anta do Matalote 2 (409.143)

C.M.P. 409. X= 582.0.5 /Y= 4306.4.5 / Alt.= 142m

211 - Anta do Matalote 1 (409.144)

C.M.P. 409. X= 582.1.5 /Y= 4305.9.0 / Alt.= 140m

212 - Monte das Cabeças - (pov.) (409.100)

C.M.P. 409. X= 580.8.0 /Y= 4305.7.0 / Alt.= 148m

- 213 - Anta de Briços 7** (409.109)
C.M.P. 409. X= 578.7.5 /Y= 4303.4.5 / Alt.= 140m
- 214 - Serra de Briços 3 - (a.d.)** (409.114)
C.M.P. 409. X= 578.3.5 /Y= 4303.4.0 / Alt.= 159m
- 215 - Serra de Briços 2 - (pov.)** (409.113)
C.M.P. 409. X= 579.0.5 /Y= 4303.1.0 / Alt.= 150m
- 216 - Serra de Briços 1 - (a.i.)** (409.112)
C.M.P. 409. X= 579.4.0 /Y= 4302.9.5 / Alt.= 142m
- 217 - Anta de Briços 3** (409.105)
C.M.P. 409. X= 578.3.5 /Y= 4303.0.5 / Alt.= 180m
- 218 - Anta de Briços 2** (409.104)
C.M.P. 409. X= 578.5.5 /Y= 4302.9.5 / Alt.= 146m
- 219 - Anta de Briços 1** (409.103)
C.M.P. 409. X= 578.3.5 /Y= 4302.8.5 / Alt.= 134m
- 220 - Serra de Briços 6 - (a.i.)** (409.116)
C.M.P. 409. X= 578.6.0 /Y= 4302.6.0 / Alt.= 125m
- 221 - Anta de Briços 5** (409.107)
C.M.P. 409. X= 578.7.5 /Y= 4302.6.0 / Alt.= 133m
- 222 - Anta de Briços 6** (409.108)
C.M.P. 409. X= 578.8.0 /Y= 4302.4.5 / Alt.= 140m
- 223 - Serra de Briços 7 - (a.d.)** (409.117)
C.M.P. 409. X= 578.7.0 /Y= 4302.3.0 / Alt.= 135m
- 224 - Serra de Briços 5 - (pov.)** (409.110)
C.M.P. 409. X= 578.4.5 /Y= 4302.7.0 / Alt.= 127m
- 225 - Serra de Briços 4 - (pov.)** (409.115)
C.M.P. 409. X= 578.2.5 /Y= 4302.7.5 / Alt.= 124m
- 226 - Anta de Briços 4** (409.106)
C.M.P. 409. X= 577.9.5 /Y= 4302.7.0 / Alt.= 100m
- 227 - Anta do Monte da Figueira 2** (409.120)
C.M.P. 409. X= 577.0.5 /Y= 4303.3.5 / Alt.= 90m
- 228 - Anta do Monte da Figueira 1** (409.118)
C.M.P. 409. X= 577.0.0 /Y= 4303.3.0 / Alt.= 90m

229 - Anta da Torre das Águias 2 (409.119)
C.M.P. 409. X= 576.9.0 /Y= 4303.4.0 / Alt.= 90m

230 - Anta da Torre das Águias 1 (409.121)
C.M.P. 409. X= 576.9.5 /Y= 4303.1.0 / Alt.= 89m

